



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PRPGP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL  
– PPGDR**

**UM NOVO CIRCUITO PARA A AGROECOLOGIA: A RELAÇÃO DA  
AGRICULTURA FAMILIAR COM A EMPRESA HORTALIÇAS SEMPRE  
VERDE- ALAGOA NOVA/PB**

**SEVERINO JUSTINO SOBRINHO**

**CAMPINA GRANDE/PB, 2018**

**SEVERINO JUSTINO SOBRINHO**

**UM NOVO CIRCUITO PARA A AGROECOLOGIA: A RELAÇÃO DA  
AGRICULTURA FAMILIAR COM A EMPRESA HORTALIÇAS SEMPRE VERDE-  
ALAGOA NOVA/PB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional/UEPB-UFCG, como requisito para obtenção do título de mestre em Desenvolvimento Regional, sob orientação da Professora Dra. Ramonildes Alves Gomes.

**CAMPINA GRANDE-PB 2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

J96u Justino Sobrinho, Severino.

Um novo circuito para a agroecologia [manuscrito] : a relação da agricultura familiar com a empresa Hortaliças Sempre Verde - Alagoa Nova / PB / Severino Justino Sobrinho. - 2018.

140 p. : il. colorido.

Digitado.

Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Ramonildes Alves Gomes, UFCG - Universidade Federal de Campina Grande."

1. Agricultura familiar. 2. Agroecologia. 3. Produção integrada. 4. Hortaliça Sempre Verde. I. Título

21. ed. CDD 630.7



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PRPGP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL  
– PPGDR

SEVERINO JUSTINO SOBRINHO

UM NOVO CIRCUITO PARA A AGROECOLOGIA: A RELAÇÃO DA  
AGRICULTURA FAMILIAR COM A EMPRESA HORTALIÇAS SEMPRE  
VERDE- ALAGOA NOVA/PB

Dissertação Aprovada em: 31/07/2018

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> Ramonilides Alves Gomes - PPGDR/UEPB-PPGCS/ UFCG

(Orientadora)

---

Prof. Dr. Luis Henrique Herminio Cunha- PPGDR/UEPB- PPGCS/UFCG

(Examinador Interno)

---

Aline Barboza de Lima- UAG/UFCG

(Examinadora Externa)

CAMPINA GRANDE - 2018

Aos agricultores agroecológicos do município de Alagoa Nova-PB, pela contribuição nesta pesquisa. Sem os quais este trabalho não existiria.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida concedida e por chegar até o momento conquistando mais uma etapa acadêmica, a Ele toda Graça alcançada.

À minha esposa, companheira, cúmplice, pelo incentivo dado na pesquisa, sempre me colocando nos trilhos; às vezes dizendo: “vai estudar, Severino! Como está tua pesquisa, hein?”; às vezes dividindo o computador, quando não tínhamos o notebook. Pelas críticas, sugestões, conselhos e cobrança para terminar este trabalho.

Ao meu filho, César, minha inspiração diária, com seu sorriso maravilhoso que irradia toda a casa. Às vezes disputando também o computador comigo, eu querendo ler ou escrever algo e ele querendo assistir desenhos e outras coisas mais no Youtube. Sou grato por tê-lo em minha vida.

A minha mãe, Maria Abel e minha sogra Izabel, que me apoiam, dando incentivo nos meus estudos para continuar “teimando”. Minha sogra sempre diz: “Você vai conseguir meu filho, se Deus quiser!”.

A todos os meus irmãos, Helenildo, Luciene (*In memorian*), Luís, Eliane, Luciana, Lucilene, Lucineide, Leandro (*In memorian*) e Leandro.

Ao meu pai, José Justino da Silva, (*In memorian*) por seu exemplo de homem, trabalhador, agricultor que vendia carvão, lenha, banana para sustentar toda a família. Pelo exemplo de educação familiar que me deu ensinando-me o caminho da retidão, sua luta diária e forma de viver sempre foi exemplo de educação. Partiu tão certo deixando toda a família com saudades de suas ações de humildade, generosidade e brincadeiras com amigos e familiares. Meu exemplo, meu espelho, meu PAI.

Agradeço a minha orientadora Ramonildes Alves Gomes por ter aceito orientar-me, por ter me conduzido no meio da pesquisa, por seus conselhos, dúvidas, críticas, sugestões, sinceridade. Pelas conversas na condução do trabalho, e por me aguentar por este tempo pois, acho que não correspondi a toda atenção que a pesquisa exigia. Além disso, agradeço pelos livros emprestados e textos compartilhados e pela atenção ao ler meus escritos.

Aos agricultores agroecológicos do município de Alagoa Nova-PB e do Assentamento Carrasco, em Esperança-PB, pela recepção e contribuição nos momentos em que me direionei para as entrevistas nessa pesquisa, pelas conversas que me nortearam na construção

do texto dissertativo. Através de conhecimento empírico, enriqueceram e contribuíram para o aprofundamento teórico-metodológico da pesquisa.

Ao empresário Francinildo Pimentel, da Empresa Hortaliças Sempre Verde, pelas entrevistas concedidas, possibilitando conhecer parte da empresa. Mesmo quando não permitiu o acesso a outros dados e informações, o seu relato nos primeiros momentos foi fundamental para que eu pudesse conhecer parte da empresa e sua relação com a agricultura familiar agroecológica local.

Ao presidente do Sindicato dos agricultores de Alagoa Nova-PB, Manuel (Nequinho) pela disponibilidade dos seus relatos, meu muito obrigado.

Ao coordenador da AS-PTA local, por mostrar a atuação desta Organização não-governamental, possibilitando o entendimento do mercado e a construção da agroecologia na região.

Aos colegas de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UEPB (PPGDR/UEPB), Abraão, Allan, Ana Carla, André, Giovana, Glauce, Ionara, Laíse, Maria Eduarda, Mariana, Max Wesley, Nayara, Paula, Rafaela, Railma, Thayse e Wanderley pelas conversas e convivências compartilhadas nestes dois anos do curso.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – UEPB, pelo conhecimento compartilhado e pelo aprendizado durante este período.

À CAPES, pela bolsa concedida no mestrado pelo Biênio (2016/2018) ajudando na pesquisa e nas idas a eventos para divulgar e adquirir novas visões sobre a temática.

À professora Aline Barboza de Lima que, desde a graduação, através de seus projetos de extensão em Agroecologia, me incentivava a trilhar pelo caminho da agricultura orgânica/alternativas e Geografia Agrária.

Ao meu amigo, Kleiton Wagner, que me apoiou e me ajudou desde a graduação, especialização e, agora, no mestrado, na construção de mapas e em todas as vezes em que necessitei. Sempre atencioso e solícito, ajudando, sem medir esforços.

Agradeço a todos que, direta e indiretamente, me ajudaram a galgar mais um passo na carreira acadêmica.

A todos, o meu muito obrigado!

## RESUMO

A pretensão desse trabalho de dissertação é analisar as relações de integração de agricultores familiares agroecológicos com a empresa de comercialização Hortaliças Sempre Verde, localizada no município de Alagoa Nova-PB. A empresa Hortaliças Sempre Verde é especializada na comercialização de produtos hortifrutigranjeiros para redes de supermercados nos estados da Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco, mantendo parcerias com agricultores agroecológicos para o fornecimento de produtos orgânicos. Os agricultores familiares que fornecem os produtos orgânicos para a empresa, na sua grande maioria, residem no município de Alagoa Nova, situado no agreste paraibano. Esses agricultores familiares agroecológicos, em geral, estão organizados em associações locais e regionais, que prestam assessoria, tais como, a Ecoborborema, o Polo Sindical da Borborema e a AS-PTA. Estas associações atuam na promoção da agroecologia, enquanto uma estratégia de valorização da agricultura familiar e da criação de um nicho de mercado para os produtos agroecológicos. Contudo, um dos circuitos que tem se mostrado viável para esses agricultores é a produção agroecológica integrada à empresa, que consiste em um acordo de exclusividade produtiva, celebrado entre agricultores agroecológicos e a empresa Hortaliças Sempre Verde. Como estratégia metodológica optamos pela revisão da literatura que versa sobre a agroecologia e agricultura familiar; pela realização de entrevistas semiestruturadas com informantes-chave, pela observação direta e pela análise de dados secundários acessados na base do IBGE. Verificou-se como resultado da pesquisa que os agricultores agroecológicos têm uma integração direta com a empresa e um retorno financeiro rápido, mantendo uma parceria com seletividade na produção. Assim, esses agricultores vão de encontro ao ideário agroecológico de autonomia produtiva e comercial idealizado com o mercado das feiras agroecológicas, mesmo mantendo vínculos com elas, ao submeterem sua produção agroecológica a racionalidade da empresa recebendo-a como convencional, gerando dependência e sujeição da renda. Essa articulação com os supermercados poderia ser mais apropriada pelas ONG`s que apoiam a agroecologia.

**Palavras Chaves:** Agricultura Familiar; Agroecologia; Produção Integrada; Hortaliças Sempre Verde.



## ABSTRACT

This dissertation intends to analyze the relation integrations agro-ecological family farmers with the commercial company Hortaliças Sempre Verde, located in the municipality of Alagoa Nova-PB. The company Hortaliças Sempre Verde is specialized in the marketing of horticultural products for supermarket networks in the states of Paraíba, Rio Grande do Norte and Pernambuco, keeping partnership with agro-ecological farmers for the supply of organic products. The family farmers, who provide the organic products for the company, in its majority, live in the city of Alagoa Nova, in the wild area of Paraíba. These agro-ecological family farmers, in general are organized in local and regional associations, which provide advice, such as Ecoborborema, Borborema Trade Union Center and AS-PTA. These associations work in the promotion of agroecology, as a strategy of appreciation of family farming and creation of a niche market for agro-ecological products. However, one of the circuits that has shown to be viable for these farmers is the agro-ecological production integrated to the company, which consists in a productive exclusivity agreement, celebrated between agro-ecological farmers and Hortaliças Sempre Verde. As a methodological strategy, we chose to review of the literature on agroecology and family farming; semi-structured interviews with key informants, direct observation and analysis of secondary data accessed at the IBGE database. It was verified as the research result, that the agro-ecological farmers has a direct integration with the company and a fast financial feedback, keeping a partnership with selectivity in production. Thus, these farmers meet the agro-ecological ideology of productive autonomy and idealized commercial with the market for agro-ecological fairs, even maintaining links with them, by subjecting their agro-ecological production to the rationality of the company receiving it as conventional, generating dependency and income subordination. This articulation with the supermarkets could be more appropriate for the NGOs that support agroecology.

**Keywords:** Family farming, Agro-ecology, Integrated production, Hortaliças Sempre Verde.

## LISTA DE TABELA

<b>Tabela:</b> Dados do Censo agropecuário 2006 da Paraíba.....	29
---	----

## **LISTA DE GRÁFICOS**

**Gráfico 01:** Produção Agrícola Municipal (Lavoura Temporária) de Alagoa Nova-PB.....35

**Gráfico 02:** Produção agrícola Municipal (Lavoura Permanente) de Alagoa Nova-PB.....36

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 01:</b> Abrangência da Hortaliças Sempre Verde no Nordeste.....	20
<b>FIGURA 02:</b> Propriedade agroecológica no sítio Ribeiro.....	26
<b>FIGURA 03:</b> Localização da Mesorregião Agreste da Paraíba.....	28
<b>FIGURA 04:</b> Localização Geográfica da Microrregião do Brejo Paraibano.....	31
<b>FIGURA 05:</b> Localização Geográfica do Município de Alagoa Nova – PB.....	37
<b>FIGURA 06:</b> Certificado conferido à empresa para operar orgânicos 2017/2018.....	51
<b>FIGURA 07:</b> Vista da Hortaliças Sempre Verde.....	52
<b>FIGURA 08:</b> Escritório, caminhão e depósito da Empresa Hortaliças Sempre Verde.....	53
<b>FIGURAS 09 e 10:</b> Selo de Produção Orgânica e Embalagem de Comercialização da Hortaliças Sempre Verde.....	55
<b>FIGURA 11:</b> Municípios em que a Hortaliças Sempre Verde compra para abastecer os mercados.....	58
<b>FIGURA 12:</b> Caminhão pipa despejando água em barragem da propriedade da Empresa.....	61
<b>FIGURA 13:</b> Construção de barragem em terreno da Hortaliças Sempre Verde.....	61
<b>FIGURAS 14 e 15:</b> Propriedades agroecológicas no sítio Ribeiro.....	65
<b>FIGURA 16:</b> Certificado que habilitava seu Inácio monitor multiplicador de produção ecológica.....	78
<b>FIGURAS 17 e 18:</b> Feira agroecológica de Alagoa Nova-PB.....	79
<b>FIGURAS 19 e 20:</b> Feira Agroecológica de Esperança-PB.....	80
<b>FIGURAS 21, 22 e 23:</b> Propriedade no sítio Ribeiro de seu Inácio e caminhões pipa abastecendo a produção.....	81
<b>FIGURA 24:</b> Família do sítio Honorato colhendo coentro para a Hortaliças Sempre Verde.....	88
<b>FIGURA 25:</b> Agricultor mostrando o adubo preparado com as fezes e a urina do gado.....	90
<b>FIGURAS 26, 27 e 28:</b> Preço da couve e do coentro vendido na loja Extra Hiper, em Campina Grande-PB.....	91
<b>FIGURAS 29 e 30:</b> Feira orgânica na Semana Nacional da Agroecologia.....	94
<b>FIGURA 31:</b> Mapa do Assentamento Carrasco.....	96
<b>FIGURA 32:</b> Nota com a conferência de compra do agricultor ao adquirir kits de irrigação..	101
<b>FIGURA 33-</b> Certificações Orgânicas na Paraíba.....	106
<b>FIGURA 34:</b> Certificação participativa dos agricultores venderem (feirante Dona Maricê da Feira agroecológica de Alagoa Nova-PB).....	108

<b>FIGURA 35:</b> Restaurante natural OCA, em João Pessoa.....	117
<b>FIGURA 36:</b> Plantio de pimentas no sítio Utopia.....	118
<b>FIGURA 37 e 38:</b> Pedido de mercadorias de uma loja Walmart (PE) e gôndolas de orgânicos na loja Walmart, em Campina Grande-PB.....	119
<b>FIGURA 39:</b> Entrada do Centro Agroecológico São Miguel, em Esperança-PB.....	122
<b>FIGURA 40, 41, 42:</b> Prédio do Banco Mãe de Sementes e de fabricação e embalagens do cuscuz agroecológico e das Sementes da Paixão.....	125
<b>FIGURAS 43 e 44</b> – Imagens da feira agroecológica na Praça da Bandeira, em Campina Grande-PB.....	126

## **LISTA DE SIGLAS**

ABRAS - Associação de Supermercados do Brasil

AESA - Agência Executiva de Gestão de Águas do Estado da Paraíba

ANA - Articulação Nacional da Agroecologia

ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária

APROFACO- Associação Local dos Produtores Orgânicos da Fazenda Carrasco

ASA - Articulação Nacional do Semiárido

AS-PTA – Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa

CEASA - Central Estadual de Abastecimento

CEB`s - Comunidades Eclesiais de Base

CNPO - Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos.

CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento

DAP - Declaração de Aptidão ao Pronaf

EMATER - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

INTERPA – PB- Instituto de Terras e Planejamento Agrícola da Paraíba

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário

MAPA - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

NSE - Nova Sociologia Econômica

OCS - Organizações de Controle Social

OGM - Organismos Geneticamente Modificados

OIA - Organização Internacional Agropecuária

ONG`s - Organizações não-governamentais

OPAC - Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade

PAA - Programa de Aquisição de Alimentos

PAIS - Projeto Produção Agroecológica Integrada e Sustentável

PIB - Produto Interno Bruto

PLANAPO - Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica

PNAE - Programa Nacional de Alimentação Escolar

PNAPO - Política Nacional de Agroecologia e Produção

PRONAF - Programa Nacional de Agricultura Familiar

PSB - Polo Sindical da Borborema

RAMA - Programa de Rastreabilidade e Monitoramento de Alimentos

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

STRs - Sindicatos de Trabalhadores Rurais

STTR's- Sindicatos dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais

SUDENE - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>CAPÍTULO I</b> .....	26
<b>1 ESPAÇOS AGROECOLÓGICOS NO AGRESTE DA PARAÍBA E UM NOVO ATOR NA AGROECOLOGIA</b> .....	26
1.1 CAVANDO ESPAÇOS PARA A AGROECOLOGIA: O AGRESTE E O BREJO PARAIBANOS.....	27
1.2 SOBRE O BREJO PARAIBANO.....	31
1.3 ESTRATÉGIAS DE COMERCIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA..	35
1.4 A EMPRESA HORTALIÇAS SEMPRE VERDE UM NOVO ATOR NA AGROECOLOGIA.....	48
<b>CAPÍTULO II</b> .....	65
<b>2 MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA, RURALIDADES E O AGRICULTOR AGROECOLÓGICO</b> .....	65
2.1 DA MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA AO AGRICULTOR AGROECOLÓGICO.....	66
2.2 AS NOVAS RURALIDADES E OS MERCADOS PARA A AGROECOLOGIA.....	71
2.3 A ORIGEM DA AGROECOLOGIA EM ALAGOA NOVA-PB E A ADESÃO DOS AGRICULTORES AGROECOLÓGICOS.....	74
<b>CAPÍTULO III</b> .....	94
<b>3 DINÂMICAS, CERTIFICAÇÕES E PERSPECTIVAS DA AGROECOLOGIA</b> .....	94
3.1 DINÂMICAS E VINCULAÇÕES NA RELAÇÃO EMPRESA E AGRICULTORES AGROECOLÓGICOS.....	95
3.2 CERTIFICAÇÃO AUDITADA E PARTICIPATIVA.....	102
3.3 A AGROECOLOGIA PERCORRENDO MERCADOS: REDES DE SUPERMERCADOS, RESTAURANTES E OUTROS “NICHOS”.....	113
3.4 PERSPECTIVAS E DESAFIOS PARA A AGRICULTURA FAMILIAR AGROECOLÓGICA.....	120
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	129
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	134



## INTRODUÇÃO

A agricultura em todo mundo vem passando por transformações e adaptações no campo produtivo. A sua modernização provocou mudanças nos hábitos e costumes no consumo mundial, sobretudo com a Revolução Verde iniciada pelos chamados países desenvolvidos. Com a reestruturação do campo em função do crescimento das cidades e com o propósito de aumentar a produtividade solucionando o problema da fome que assolava os países da Europa, sobretudo os periféricos, a modernização se fundamentava conforme ressalta Altieri (2004). A alimentação consumida passou então por um processo de modificação com produtos químicos que afetaram a saúde ambiental e a vida como um todo.

Estas modificações foram encabeçadas por redes de defensivos agrícolas instaladas em diversos países, atreladas ao discurso do desenvolvimento e do progresso técnico científico. Assim, a modernização da agricultura é justificada como forma para atender o próprio desenvolvimento do capitalismo.

Atualmente, grandes conglomerados de empresas transnacionais controlam as cadeias produtivas de alimentos. Segundo Paula (1999), esses grupos reúnem instituições financeiras, indústrias químicas, de sementes, de maquinário para lavoura, indústrias alimentícias e redes de varejo. Com isso, os preços dos alimentos são determinados pelo princípio da maximização da riqueza controlada por seus acionistas. Autores como Souza (2008) e Escola (2010) ressaltam que as redes de supermercados também possuem capital disponível e conseguem rapidamente vantagens competitivas nos preços, baseadas na eficiência logística e na economia de escala, já que possuem centrais de distribuição próprias e contratos com grandes fornecedores.

Na organização produtiva do mercado alimentar, o modo de produzir<sup>1</sup> também foi incorporado por setores da agricultura no campo, em suas diversas e variadas áreas, contudo, a adoção das estratégias produtivas pela agricultura moderna, em geral, leva em consideração o tamanho da propriedade, do potencial econômico, a mão de obra disponível para o trabalho, resultando em uma agricultura de tipos variados, em área e em cultivos. Essa diversidade do tamanho e produção agrícola nem mesmo o Censo Agropecuário de 2006 conseguiu revelar em sua totalidade.

---

<sup>1</sup> Para Ariovaldo Umbelino de Oliveira (2007), o modo de produção capitalista, presente em debates de várias correntes de pensamento procura entender a forma de produção capitalista no campo em seu processo de produção monopolista, momento em que os grandes complexos industriais se integram à produção agropecuária.

A produção agrícola mecanizada em larga escala tomou impulso a partir de 1960, com a chamada Revolução Verde<sup>2</sup>, impulsionando a utilização de produtos químicos na agricultura, objetivando acelerar a produtividade no espaço agrário. Contudo, no Brasil, as chamadas agriculturas alternativas não tiveram a mesma expansão e adesão no setor agrário.

As agriculturas alternativas são caracterizadas por sua diversidade de formas enquanto opositoras dos modelos agrícolas dominantes, assim, agricultura orgânica, hidropônica, agriculturas florestais, permacultura, são reconhecidamente benéficas ao meio ambiente, socialmente justas, economicamente viáveis e culturalmente aceitas. Em alguns casos, a produção segue a mesma lógica da agricultura dominante. Para Paulino (2016, p. 138) a agricultura alternativa surge “na Alemanha em 1924 com a agricultura biodinâmica e natural e, na Inglaterra, surge em 1946, com a agricultura orgânica, já na França, surge em 1940, com a “agriculture biodynamique d'alimentação normale””. Suas bases, grosso modo, estão na contestação política, no pensamento filosófico e na reação a padrões industriais de produção. Seus pioneiros eram, majoritariamente, das áreas biológicas, da zoologia e da agronomia e, no Brasil:

Sua expansão ocorreu principalmente dos anos 1970 a 1980 e em 1990 ocorreu sua institucionalização e consolidação. Já durante os anos 2000, fortalecem-se as definições para novas dimensões da agroecologia. Seu arcabouço cresceu de uma análise do campo para a escala dos agroecossistemas e finalmente do sistema alimentar. No século XX, o Estado passa a se entrelaçar com campos considerados de importância prática, trazendo novas funções para o conhecimento. As décadas de 1940 e 1950 presenciaram a utopia do poder da ciência para resolver todos os problemas da humanidade e, a partir da Segunda Guerra Mundial, temos também um crescimento acelerado da ciência graças ao aumento do apoio governamental, que assume responsabilidade cada vez maior no financiamento de pesquisas. (PAULINO, 2016, p. 138)

A agroecologia está correlacionada a temas como segurança alimentar e nutricional, direito humano à alimentação e soberania alimentar, presentes na pauta das discussões

---

<sup>2</sup> Os funcionalistas americanos deste século terminaram por fazer a identificação espúria de rural com atrasado para justificar as suas propostas intervencionistas "de fora", entre as quais os programas de assistência técnica e extensão rural. O diagnóstico neoclássico de que os agricultores eram pobres, mas eficientes: o problema não estava no uso dos "fatores de produção" disponíveis, mas sim que os fatores disponíveis não propiciavam o retorno necessário para superar a condição de pobreza em que viviam. Daí a proposta de modernização ser entendida como a introdução de "novos fatores" que incluíam desde as sementes geneticamente melhoradas da Revolução Verde, aos adubos e defensivos químicos, máquinas e equipamentos. (SILVA, 1997). Entre as décadas de 1950 e 60 ocorreu o que muitos consideram o ápice deste “desenvolvimento”, conhecido como “Revolução Verde”. O período ficou marcado pela intensiva utilização de novas sementes e de um conjunto de práticas e insumos agrícolas visando alcançar altos níveis de produtividade. Para Altieri (2004), a “Revolução Verde” se deu de forma desigual, privilegiando apenas os maiores e mais ricos agricultores. Além disso, contribuiu na disseminação de problemas ambientais, tais como a erosão do solo, a desertificação, a poluição por agrotóxicos e a perda da biodiversidade.

realizadas no âmbito das práticas sustentáveis. Esta prática agrícola, para Guzmán (2002), representa uma alternativa para o trabalho coletivo, seja em áreas como os assentamentos rurais, ou mesmo em uma unidade familiar. Assim, é possível ampliar o sentido restrito atribuído à agroecologia, pois essa passa a incorporar dimensões políticas, econômicas, sociais e ambientais.

Para Mariano Neto (2006), nesse cenário, na busca de uma produção agrícola menos nociva ao meio ambiente e mais igualitária, a participação de movimentos ambientalistas surge a necessidade de uma visão ecológica na agricultura e passam a disseminar novos modelos alternativos de agricultura, dando início a um processo de contraposição aos desastres acarretados pela Revolução Verde.

Na Paraíba, a agroecologia toma impulso nos anos 1990 com parceiros como a ASP-TA, sindicatos e associações locais e regionais, assim como na Igreja Católica através das CEB's (Comunidades Eclesiais de Base). Há ainda um mercado crescente de orgânicos que, além de produção própria, tem a agricultura familiar agroecológica como parceira produtiva para as exigências de mercado varejista mais recente. Cada vez mais empresas do setor agrícola têm voltado suas estratégias de compra para a produção agroecológica.

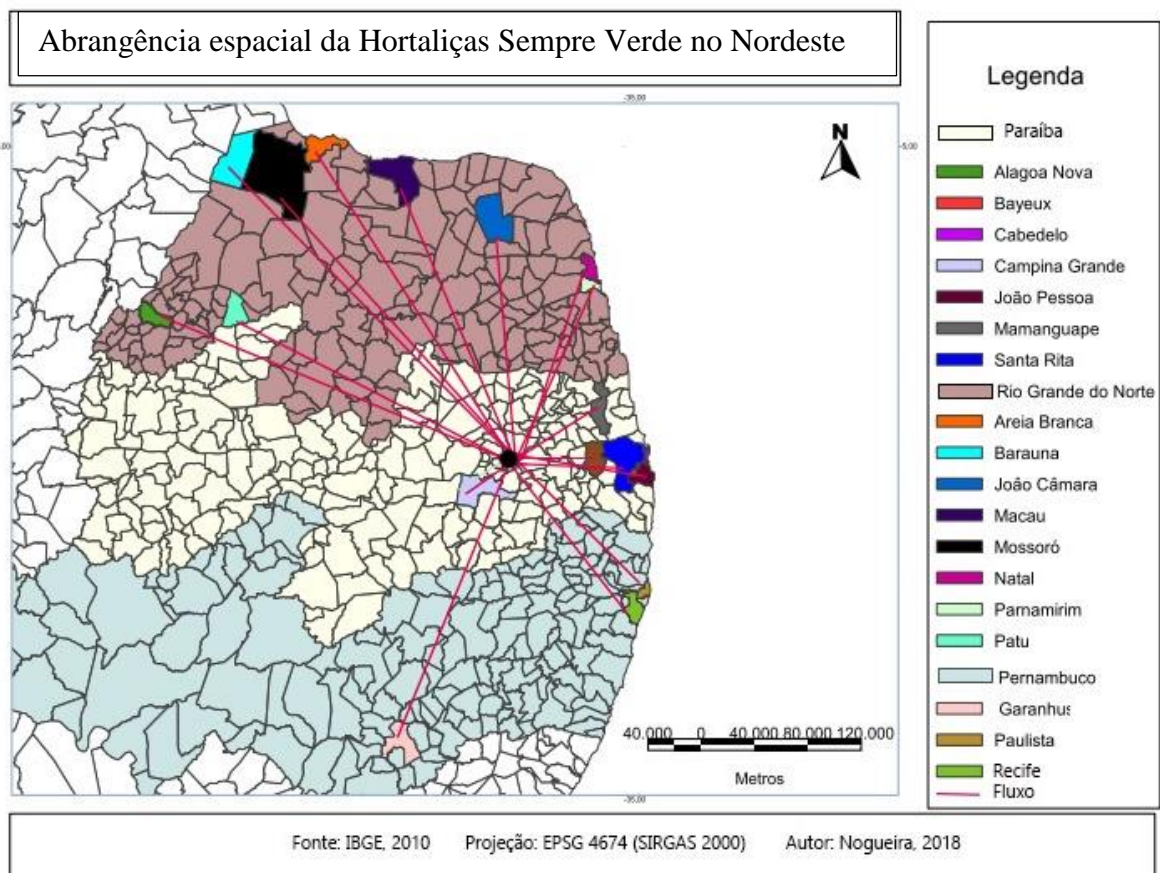
No agreste paraibano, em particular na microrregião do Brejo, em virtude das condições climáticas, da característica minifundista, da capacidade organizativa e de mobilização social dos agricultores familiares, a agroecologia encontra condições favoráveis para a experimentação e o desenvolvimento das estratégias produtivas. Autores como Carvalho (2008), Mariano Neto (2006), Matias (2016), entre outros, ressaltam esse enfoque da agroecologia no Agreste/Brejo paraibanos com diversas entidades sociais que lutam para consolidar a agroecologia e impulsionar o desenvolvimento regional.

Ao longo de quase 30 anos, são muitas as experiências com agriculturas alternativas, dentre as quais, as sementes nativas, chamadas na Paraíba de “Sementes da Paixão”, as feiras agroecológicas, os quintais produtivos com plantas medicinais, a produção de hortaliças hidropônicas, entre outras. No entanto, uma experiência diferenciada de uma empresa rural situada em Alagoa Nova PB, desperta a motivação para a análise, pois trata-se da produção agroecológica praticada por agricultores familiares e integrada à empresa, com a finalidade de comercialização em escala empresarial: essa é a experiência da empresa Hortaliças Sempre Verde.

A Empresa Rural Hortaliças Sempre Verde, situa-se na zona rural do município de Alagoa Nova, na localidade conhecida como sítio São Tomé e atua no setor de hortifrutigranjeiros, comercializando, tanto hortaliças convencionais, quanto orgânicas, para

redes atacadistas de supermercados em diversos centros urbanos dos estados da Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Entre essas redes de supermercados podemos citar: Bompreço, Sams Club, Maxxi, Todo Dia, Hiper Bompreço, Extra, Pão de Açúcar, Assai, Bem Mais, Latorre, Litoral, Santiago, Menor Preço, Nordestão, Superfacil, Supershow, Supercop, Boa Esperança, Queiroz, Rebouças, nos três estados citados acima. Além disso, comercializa também com redes de restaurantes da Paraíba, como a rede Bastos, a churrascaria Sal e Brasa, os restaurantes Salute, Porto Madeiro, Saladelas, Marítimos, DNA Natural e alguns outros que buscaram parcerias com a ABRASEL PB, a Rede Tropical, como o Hotel Tambaú e Hotel Verde Green, Cozinhas industriais como GRSA e SKY Chefs. Ao todo, a empresa possui uma frota de dezesseis caminhões que se deslocam para atender a clientela. O mapa a seguir traz as espacialidades da Empresa na Paraíba, no Rio Grande do Norte e em Pernambuco.

FIGURA 01: ABRANGÊNCIA DA HORTALIÇAS SEMPRE VERDE



Fonte: IBGE, 2010<sup>3</sup>. Autor: Severino J. Sobrinho, 2018.

Na Paraíba a empresa possui clientes nas cidades de Campina Grande, João Pessoa, Cabedelo, Bayeux, Santa Rita, Mamanguape e Sapé. No estado de Pernambuco os clientes estão

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. (Acesso em: 18 ago. 2017)

nas cidades de Recife, Paulista e Garanhuns. No Rio Grande do Norte, os supermercados que compram os hortifrutigranjeiros situam-se nas cidades de Natal, Parnamirim, Pitimbu, Mossoró, Açú, Areia Branca, Macau, João Câmara, Pau dos Ferros, Patu, Baraúna. Outras cidades podem ter sido incorporadas no percurso desta pesquisa, aumentando ainda mais a influência da empresa no setor alimentício das redes de supermercados.

A empresa tem uma produção própria de hortaliças, mas, para atender à demanda do mercado, possui vários fornecedores/parceiros, agricultores familiares, que tanto fornecem hortaliças convencionais, quanto agroecológicas. As informações obtidas, por ocasião da pesquisa exploratória, revelaram que, na relação com os agricultores familiares/parceiros, a Sempre Verde financia parte da produção e oferece assistência<sup>4</sup>, visando melhorar a infraestrutura das áreas produtivas dos agricultores com escavações de poços, construção de barreiros e, em troca, exige exclusividade na venda da produção de hortaliças.

A Hortaliças Sempre Verde surgiu em 2003, por iniciativa do Senhor Francinildo Pimentel, dono da empresa, filho de agricultor. Em conversa informal, Francinildo narra que já era acostumado a levar seus produtos para a cidade de Campina Grande-PB e, desse modo, adquiriu contatos no comércio atacadista. A partir daí, expandiu seu comércio levando os produtos para abastecer Redes de Supermercados como o Hiper Bompreço. Em seguida, expandiu o comércio para todo o estado da Paraíba e, atualmente, atende outros estados da região Nordeste.

Ante a essa experiência recortamos como objeto empírico para essa dissertação a experiência agroecológica desenvolvida pela Empresa Hortaliças Sempre Verde, tendo como objetivo analisar a agroecologia, a partir de uma relação que integra empresa e agricultura familiar, tentando perceber as articulações e expectativas que envolvem os agricultores agroecológicos e a empresa Hortaliças Sempre Verde. Para tanto, nos questionamos sobre os seguintes aspectos: Quais são as expectativas dos agricultores familiares em relação à parceria/integração com a empresa Hortaliças Sempre Verde? Como os agricultores familiares avaliam os princípios da agroecologia trabalhados pelas instituições que prestam assessoria (ONGs, Associações e Sindicatos), tendo que cumprir obrigações e compromissos com a empresa? Quais as estratégias (mecanismos) adotadas pela empresa para garantir a parceria dos agricultores familiares? O que leva a empresa Hortaliças Sempre Verde a optar por um tipo de

---

<sup>4</sup> A empresa financia a estrutura hídrica para a produção de hortaliças e aos poucos os agricultores vão pagando, quando auferirem lucros, na medida em que vendem para a própria Hortaliças Sempre Verde.

estratégia de produção “terceirizada”? Como os agricultores familiares e a empresa lidam com os princípios da agroecologia?

Entender as relações que envolvem uma experiência de produção agroecológica sustentada em bases empresariais poderá revelar aspectos positivos e negativos para os diferentes atores envolvidos nesse processo, ou seja, a empresa e os agricultores familiares.

Segundo o IBGE (2006), a agricultura familiar está presente na mesa do brasileiro com produtos como a mandioca e o feijão (cerca de 70%). Enquanto o milho, o café, o arroz, os derivados de suínos estão entre 50% a 70% do consumo de alimentos oriundos da agricultura familiar. Esta ainda é responsável por abastecer boa parte de empresas rurais no mercado capitalista atual em que o varejo alimentar, através dos supermercados, encontra na agroecologia novas estratégias no mercado hegemônico alimentar.

Gomes e Maia (2016) ressaltam que a região Nordeste, há décadas, tem sido descrita como uma região onde predomina o atraso social, a pobreza e a seca, mas outras dinâmicas também precisam ser ressaltadas como elementos presentes da paisagem do Nordeste em geral, e do semiárido, em particular. Essa região apresenta multiformidades de organização do espaço agrário, tanto com traços informados pela modernidade, através das agroindústrias e da agricultura familiar, como da tradição identificada pelo latifúndio, destacando ainda a emergência de novos atores com racionalidades distintas, tanto no agronegócio, quanto na agricultura familiar, no empresário rural, no exemplo desse ator que vamos tratar nesse estudo, do agricultor familiar integrado, etc.

O papel da agroecologia, segundo Altieri (2004), é afirmar a prática agrícola local dando ênfase à sustentabilidade da agricultura familiar nos aspectos sociais, ambientais, econômicos e políticos, aumentando a renda local e influenciando na redução da pobreza rural. Dessa forma, compreendemos que na relação estabelecida entre a empresa Hortaliças Sempre Verde e os agricultores familiares agroecológicos para a produção e comercialização de produtos, a empresa desenvolve o cultivo orgânico e a comercialização de hortaliças e frutas, dando uma maior visibilidade na agroecologia, isso se justifica como alternativa para incrementar a renda das famílias agricultoras/parceiras. A agricultura agroecológica praticada pelos agricultores familiares busca uma forma social, coletiva, pautada na soberania alimentar, já a praticada na empresa, busca a racionalidade capitalista, auferindo lucros.

Cumpramos ressaltar que o processo de transição agroecológica na região agreste da Paraíba contou com a atuação de entidades sociais, regionais e locais, como a Ecoborborema, o Polo Sindical da Borborema (PSB), os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais e a AS-PTA (ONG), todas essas entidades, de algum modo, contribuíram e continuam apoiando estratégias que

visam à dinamização econômica da agricultura familiar a partir da produção agroecológica. Matias (2016) assinala que esses atores em rede foram fundamentais para a criação de espaços de comercialização alternativos como as feiras agroecológicas, que ocorrem semanalmente com notória motivação à comercialização de produtos agroecológicos.

Distante 28 km da cidade de Campina Grande e 148 km da capital João Pessoa, Alagoa Nova-PB possui um clima de brejo de altitudes<sup>5</sup>, o que favorece o desenvolvimento da policultura. A população do município é de 19.861 habitantes, distribuídos quase que igualmente entre a zona rural (9.887) e a zona urbana (9.794). Sua densidade demográfica corresponde a 160 hab./ km<sup>2</sup>. (IBGE, 2010). Há um número ligeiramente maior de uma população rural, concentrando um dos polos agrícolas da região.

Alagoa Nova-PB está situada no entorno do cinturão verde do Agreste paraibano, nos chamados brejos. Nesses locais, há uma pluviosidade acima dos 1000mm anuais, associados ao clima e ao solo. O município está inserido na unidade geoambiental do Planalto da Borborema, formada por maciços e outeiros altos, com altitude variando entre 650 a 1.000 metros. [...]. O relevo é movimentado com vales profundos e estreitos dissecados. A fertilidade dos solos é bastante variada, com certa predominância de média para alta. A área da unidade é recortada por rios perenes, porém de pequena vazão e o potencial de água subterrânea é baixo. A vegetação desta unidade é formada por Florestas Subcaducifólica e Caducifólica, próprias das áreas agrestes. O clima é do tipo Tropical Chuvoso, com verão seco. A estação chuvosa se inicia em janeiro/fevereiro, com término em setembro, podendo se adiantar até outubro, o que favorece uma agricultura diversificada do tipo policultura, que é praticada em médias e pequenas propriedades do Brejo Paraibano. De acordo com o módulo fiscal estabelecido pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) é possível estratificar a estrutura fundiária de cada município.

Entretanto, é no interesse em conquistar o nicho do mercado dos orgânicos que a empresa rural de hortifrutigranjeiros Hortaliças Sempre Verde se destaca, abastecendo com hortaliças orgânicas supermercados nos estados da Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte. O discurso e o marketing são estratégias adotadas pela empresa na atual conjuntura, evocando

---

<sup>5</sup> Os brejos de altitude da Paraíba são formações florestais úmidas localizadas na vertente leste da Borborema, e estacionais, quando localizadas nos topos das serras no meio da caatinga. De acordo com Sales et al. (1998), estes conjuntos vegetais serranos são resultantes da altitude e do posicionamento do relevo que influenciam na temperatura e precipitação. Assim como as demais formações vegetais do Estado, as florestas serranas foram fortemente alteradas pela ação antrópica, principalmente com a atividade agrícola, estando atualmente restritas a pequenas manchas isoladas.

diariamente a ideia da sustentabilidade ambiental, da necessidade do consumo de alimentos saudáveis e sempre buscando atrair novos consumidores.

A Hortaliças Sempre Verde não é simplesmente uma intermediária da produção dos agricultores agroecológicos e convencionais. A empresa também produz hortifrutigranjeiros em propriedades localizadas nos municípios de Areia-PB, Alagoa Nova-PB e São Sebastião de Lagoa de Roça-PB, esse arranjo espacial torna mais complexa a produção e a logística para uma entrega mais rápida dos produtos aos clientes.

No decorrer da pesquisa, não foi possível obter dados sobre o quantitativo produzido e comercializado pela empresa, tampouco sobre o quanto de orgânicos é produzido e comercializado para os estados da Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco. A produção não é destinada às cidades circunvizinhas do entorno, mas a redes de supermercados estabelecidas geralmente em grandes centros. Buscamos insistentemente mais informações junto à empresa Hortaliças Sempre Verde, mas não obtivemos sucesso, pois os funcionários foram orientados a não fornecer dados sobre a movimentação das vendas. Alguns agricultores também receberam o mesmo tipo de orientação e até mesmo o pessoal responsável pelas gôndolas nos supermercados, não foi autorizado a prestar quaisquer informações acerca dos produtos e da quantidade de produtos comprada à Sempre Verde. Isso dificultou a consolidação dos dados e a conclusão sobre algumas questões. Mesmo assim, os agricultores agroecológicos foram informantes-chave na condução dessa pesquisa.

Foram feitas 19 (dezenove) entrevistas para esta pesquisa sendo treze com os agricultores agroecológicos/orgânicos do município de Alagoa Nova-PB, com o proprietário da empresa Hortaliças Sempre Verde, Francinildo, em duas ocasiões, com dois trabalhadores assalariados da empresa, uma outra entrevista com um motorista da empresa e ainda com o coordenador da ASP-TA na Paraíba e com o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Nova-PB. As visitas as áreas de campo dos agricultores, de alguns supermercados em Campina Grande-PB e da empresa foram fundamentais para a percepção *in locu* da realidade vivenciada por eles, assim como, as visitas as feiras de Alagoa Nova-PB e Esperança-PB nos deram uma visão da comercialização direta nas feiras e da venda de produtos da agricultura familiar a intermediários.

Portanto, é necessário fazer uma análise crítica acerca dos processos locais que remetem a questões mais gerais, a exemplo da associação ou da parceria entre agricultores familiares e empresas para a comercialização de produtos agroecológicos, aprofundando e desconstruindo as narrativas que opõem a agroecologia ao mercado capitalista. Consideraremos aqui as condições de possibilidades para o desenvolvimento local e regional num amplo e complexo



debate. A leitura da obra de H. Zaoual (2006), “Novas economias das iniciativas locais”, contribuiu para qualificar a crítica sobre esse modelo de capitalismo dominante.

Na pesquisa para a construção da dissertação, foram adotados procedimentos metodológicos de caráter qualitativo, considerando que a construção de evidências necessita de procedimentos adequados que permitam a aproximação com o objeto de estudo. (CHIZZOTI, 1995, p.11 apud PIANA, 2009). Entre os instrumentos metodológicos, utilizamos a pesquisa bibliográfica, entrevistas com os agricultores familiares e representantes da Hortaliças Sempre Verde, além de agentes que prestam assessoria aos agricultores familiares – EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural), sindicatos etc.

Entre os agricultores familiares, privilegamos aqueles que fornecem os produtos agroecológicos à Hortaliças Sempre Verde, pois correspondem aos informantes alvo da pesquisa. Como estratégia de controle, fizemos entrevistas também com agricultores agroecológicos do município que produzem e comercializam, independentemente da Empresa.

Para proceder à análise dos dados e das informações, consideramos necessário um esforço de revisão bibliográfica, tendo como finalidade a compreensão dos elementos que ajudam a problematizar as questões de pesquisa. As entrevistas foram guiadas por um roteiro temático, a fim de que possam oferecer informações e dados sobre o histórico da agroecologia no município, as perspectivas da produção agroecológica e o modelo de integração com a empresa, além das expectativas dos agricultores familiares/parceiros acerca das relações com a Empresa.

A dissertação foi dividida em três capítulos. No capítulo I, abordamos o histórico da produção agrícola na Paraíba, o confronto entre o modelo produtivista dominante e as chamadas agriculturas alternativas. Problematizamos a emergência da agroecologia no Brejo paraibano, com destaque para o município de Alagoa Nova-PB, até chegar a apresentação da empresa Hortaliças Sempre Verde. No II capítulo, trazemos a discussão da modernização da agricultura no Brasil, as novas ruralidades e o mercado do agricultor agroecológico no município. E, por fim, no capítulo III, apresentamos os dados que refletiram as nuances do processo de integração dos agricultores familiares/parceiros à Empresa Hortaliças Sempre Verde, suas dinâmicas, perspectivas e certificações agroecológicas. A dissertação contém ainda um tópico dedicado às considerações finais sobre o estudo realizado.

## CAPÍTULO I

### ESPAÇOS AGROECOLÓGICOS NO AGRESTE DA PARAÍBA E UM NOVO ATOR NA AGROECOLOGIA

FIGURA 02: PROPRIEDADE AGROECOLÓGICA NO SÍTIO RIBEIRO



Fonte: Severino J. Sobrinho, 2018.

O meu adubo é esterco de gado, quando eu não tenho eu compro e então eu só faço cobertura morta: as forragens do sítio, as palha do feijão eu faço a cobertura morta, eu faço como é que se diz eu faço rodizio de ano, um ano eu faço, planto uma parte no outro ano eu planto a outra. Não uso nada a não ser produto da terra mesmo, o veneno aqui eu não uso de nenhum, nenhum, nem pra matar formiga não tenho, eu mato a formiga com a manipueira da casa de farinha<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Entrevista concedida por José de Oliveira Luna (Zé Pequeno), primeiro Presidente da Ecoborborema e fundador dos Bancos de Sementes da Paixão em Alagoa Nova-PB

## 1.1 CAVANDO ESPAÇOS PARA A AGROECOLOGIA: O AGRESTE E O BREJO PARAIBANOS

Na região Agreste da Paraíba, configurou-se uma agricultura familiar minifundista, baseada na policultura de alimentos, apesar da presença da monocultura da cana-de-açúcar e da pecuária. Segundo Andrade (1998), o clima da região contribui para as diversas práticas agrícolas. Mesmo não sendo o foco dessa pesquisa, convém ressaltar que, na Paraíba, assim como em todo o Brasil, a questão agrária, a questão fundiária, a concentração de terras e renda, de acordo com Mariano Neto (2006), ainda são aspectos limitantes para o desenvolvimento da agricultura familiar.

Segundo o IBGE (2010), o Agreste é uma faixa estreita, paralela à costa do Oceano Atlântico, que se estende do Rio Grande do Norte até a Bahia, passando pelos estados da Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe. Na face leste do Agreste, mais próximo à Zona da Mata, o clima é mais úmido. À medida que se avança para o interior, aproximando-se do Sertão, o clima fica cada vez mais seco e a paisagem mais árida.

A mesorregião do Agreste é influenciada pela semiaridez do sertão (quente seco) e umidade vinda do litoral (quente-úmido), criando uma zona típica de transição natural. Desde sua efetiva ocupação territorial, caracterizou-se pela força de uma policultura alimentar diversificada, complementada pela criação extensiva de gado e pelo forte adensamento populacional. (MARIANO NETO, 2006, p. 26).

Localizado quase inteiramente sobre o Planalto da Borborema, apesar de próximo à área açucareira e de dispor de condições climáticas e pastagens favoráveis ao desenvolvimento da pecuária, o Agreste foi tardiamente povoado. Há, atualmente, um contingente de agricultores que mantém atividades agrárias diversificadas em pequena e larga escalas para atender ao comércio local e regional.

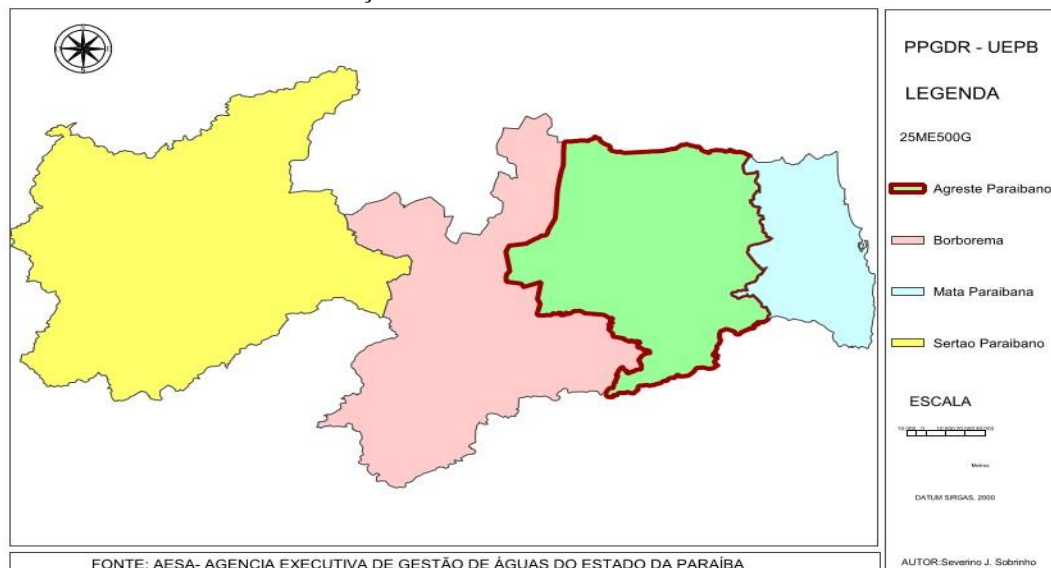
Moreira e Targino (2003) ressaltam que um dos efeitos do “boom” algodoeiro na organização sócio-econômica do Agreste foi a monetarização da economia, a mudança no crescimento urbano regional, com destaque para o rápido crescimento demográfico e econômico do município de Campina Grande-PB, o povoamento efetivo da região, o declínio

da escravidão e a consolidação do sistema de moradia<sup>7</sup> contribuíram para o povoamento na região.

Moreira (1990), ressalta que o processo de ocupação do Agreste foi retardado, tanto pelos obstáculos impostos pela natureza (relevo acidentado dos rebordos e contrafortes da Borborema, floresta densa), como pela luta contra os índios cariris (Confederação dos Cariris). Além disso, sua ocupação esteve relacionada à evolução da atividade canavieira a qual, no seu período áureo, provocou a separação das atividades agrícola e pecuária, determinado uma divisão intra-regional do trabalho.

O Litoral especializou-se na produção do açúcar, enquanto a pecuária e a lavoura para a cultura de alimentos passaram a ser produzidos no Agreste e no Sertão. Os espaços agrestinos são caracterizados pela “diversidade de paisagens [...], funcionando quase como uma miniatura do Nordeste, com suas áreas muito secas e muito úmidas” (ANDRADE, 1998, p.44). Em alguns locais, os níveis pluviométricos são inferiores a mil milímetros, já em outros, como nos brejos, esses níveis são constantemente ultrapassados, o que favorece uma agricultura diversificada com produção elevada. Na figura 03, é possível identificar a localização geográfica da mesorregião Agreste do estado da Paraíba:

FIGURA 03: LOCALIZAÇÃO DA MESORREGIÃO AGRESTE DA PARAÍBA



Fonte: AESA- Adaptado pelo autor.

<sup>7</sup> “Como os senhores de engenhos não podiam adquirir a mão-de-obra escrava suficiente para atender suas necessidades de braços, devido ao aumento de preço da força-de-trabalho escrava, passaram a facilitar o estabelecimento de camponeses no interior de suas terras. Surge, a partir daí, o sistema de moradia que, em algumas regiões, de pouco a pouco, iria substituir o trabalho escravo. Os moradores eram camponeses sem terra que recebiam do proprietário a autorização para habitar na propriedade e nela cultivar uma roça. Em troca, eles eram obrigados, seja a prestar serviços ao senhor (moradores de condição ou cambãozeiros), seja a pagar-lhe uma renda fundiária em dinheiro (moradores foreiros)” (MOREIRA, 1990.p.22).

O Agreste Paraibano estende-se por uma área de 12.914,069 km<sup>2</sup>, limitando-se ao norte com o Rio Grande do Norte, ao sul com a Mata Pernambucana, ao leste com a Mata e ao oeste com a Borborema. Com uma população estimada em 1.213.279 habitantes, de acordo com o IBGE (2010). É uma mesorregião composta por 66 (sessenta e seis municípios). Em níveis populacionais, Campina Grande é o maior deles, com mais de 400 mil habitantes.

É conhecida como Agreste a faixa de terras que está localizada entre a Zona da Mata e o Sertão do Nordeste brasileiro. Trata-se de uma região semiárida, com precipitações pluviométricas irregulares, com o bioma caatinga (mata branca) predominante. Em algumas regiões, existem pequenas áreas úmidas, os chamados brejos, onde se desenvolvem atividades agrícolas diversificadas durante todo o ano.

Nos períodos de retração da economia açucareira, ocorreram movimentos migratórios do litoral em direção ao Agreste em decorrência da liberação de mão-de-obra pelos engenhos. Esta mão-de-obra liberada pela atividade açucareira deslocou-se para a região Agrestina, onde passou a se dedicar ao cultivo de alimentos (milho, feijão, fava, mandioca) em pequenas propriedades. Essas pequenas propriedades são originadas de processos de herança e sucessão, dando origem aos chamados minifúndios familiares, que constituem atualmente o modelo de estabelecimento predominante na região. A tabela a seguir traz a estrutura fundiária da Paraíba de acordo com dados do censo agropecuário do IBGE - ano 2006.

**TABELA: DADOS DO CENSO AGROPECUÁRIO 2006 DA PARAÍBA**

Grupos de área total	Censo Agropecuário 2006-PB			
	Estabelecimento.	Porcentagem (%)	Área	Porcentagem da área (%)
Menos de 10 ha	110.928	69.3	317.045	8.4
10 a menos de 100 ha	41.872	26.2	1.174.738	31.1
100 a menos de 1000 ha	6.903	4.3	1.700.487	45.0
1000 ha e mais	329	0.2	590.608	15.6
<b>Total</b>	<b>160.032</b>	<b>100.0</b>	<b>3.782.878</b>	<b>100.0</b>

Fonte: IBGE-2006- Adaptado pelo autor.

A estrutura fundiária da Paraíba, de acordo com o Censo de 2006, mostra que os estabelecimentos com menos de 10 hectares representam a maior parte das propriedades e

circunscuem uma área bem menor do que os estabelecimentos com mais de 10 hectares, representando 69,3% da estrutura fundiária. Os estabelecimentos entre 10 e 100 hectares representam 31,1%. Os estabelecimentos entre 100 e 1000 hectares somam uma área de 45,0% de área e os estabelecimentos acima de 1000 hectares, correspondente a 0,2% de todo o Estado, com uma área de 15,6% de área. Estes dados mostram a concentração de terras que persiste na Paraíba e um reflexo de todo o Brasil. Os maiores estabelecimentos (com 1000 ha e mais) representavam entre 0,2 e 0,3% do total e se apropriavam de mais de 15% da área agrícola total. No Agreste paraibano, os núcleos de povoamento foram se refletindo na estrutura agrária que temos atualmente.

Moreira (1990) ressalta que a necessidade de abastecimento e pouso para vaqueiros e para os animais por eles conduzidos, fez surgir na região do Agreste alguns núcleos de pouso em torno dos quais se instalaram os currais. O desenvolvimento destes núcleos deu origem às feiras de gado e, mais tarde, a vários centros de povoamento, correspondendo na atualidade as suas principais cidades. A pecuária também se desenvolveu no Agreste, no entanto, a agricultura de subsistência do autoconsumo e as feiras de gado foram as atividades econômicas que determinaram a ocupação inicial da região.

Posteriormente, o cultivo de algodão nos espaços agrestinos exerceu forte interferência da Inglaterra, o que justifica o desenvolvimento têxtil, que, devido às condições favoráveis, possibilitou a expansão dessa cultura no Agreste. Moreira (1990) destaca que a expansão do algodão no Agreste paraibano, a partir de 1780, provocou profundas modificações neste espaço e seus reflexos se fizeram sentir, tanto na organização agrária, como no quadro urbano regional. O sistema de moradia na região foi consolidado para impulsionar o cultivo do algodão e os pequenos e médios proprietários foram substituindo o trabalho escravo pelo trabalho dos moradores. Além do algodão, o café, a cana de açúcar e o sisal contribuíram para a afirmação do agreste como região de atividade de policultura.

Moreira (1990) revela que a grande propriedade sisaleira no agreste implicou no fortalecimento do assalariamento. Em virtude dos altos preços alcançados pelo produto, os proprietários ampliaram rapidamente os seus campos de agave. Como este não podia ser cultivado em associação com outras culturas, a não ser nos primeiros anos de plantio, a sua expansão influenciou a retração das culturas de subsistência, bem como da cultura do algodão e até mesmo da pecuária. Com efeito, via de regra, a exploração do agave era feita com mão-de-obra assalariada. Posteriormente, com a criação da SUDENE, em 1960, outras culturas foram impulsionadas na região. Estes fatores contribuíram para que os moradores do Agreste

da Paraíba vivenciassem uma transição para a agroecologia, tendo se inserido em uma dinâmica de produção tradicional e/ou agroecológica e agora com parte integrada ao mercado capitalista.

## 1.2 SOBRE O BREJO PARAIBANO

O Brejo Paraibano é uma das 23 microrregiões da Paraíba pertencentes à Mesorregião do Agreste. Sua população foi estimada em 2015 pelo IBGE em 116.235 habitantes e está constituída por oito municípios (Alagoa Grande, Alagoa Nova, Areia, Bananeiras, Borborema, Matinhas, Pilões e Serraria). Possui uma área total de 1.202,1km<sup>2</sup>. A figura 04 ilustra a localização da microrregião do Brejo Paraibano:

FIGURA 04: LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA MICRORREGIÃO DO BREJO PARAIBANO



Fonte: AESA, 2017 - Autor: Severino J. Sobrinho.

Moreira (1990) destaca que o Brejo Paraibano, subunidade espacial fortemente individualizada dentro do Agreste, corresponde a um "brejo de altitude", de encosta voltada para a ação dos ventos. Localizada na parte oriental da Borborema, distingue-se pelas favoráveis condições naturais nela encontradas (clima úmido, solos férteis, hidrografia perene), as quais permitiram que a ocupação e a organização do seu espaço agrário tivesse como suporte a atividade agrícola.

A Microrregião do Brejo Paraibano, formada por oito municípios (Alagoa Grande, Alagoa Nova, Areia, Bananeiras, Borborema, Pilões e Serraria), apresenta relevo e posição geográfica que contribuem para a ocorrência de clima úmido, com temperaturas amenas e pluviosidade média anual em torno de 1500 a 1800 milímetros, solos férteis, hidrografia perene e condições favoráveis ao desenvolvimento da agricultura. (SOUSA e PEREIRA, 2016, p. 11)

Para Moreira e Targino (2003, p.84) “o Brejo Paraibano se constituiu desde os primórdios em importante abastecedor de alimentos (milho, farinha de mandioca e rapadura) para o sertão da Paraíba e do Rio Grande do Norte”. Embora a agricultura de subsistência tenha sido responsável pela ocupação inicial da região, bem como do resto de todo o Agreste, foi somente a partir do século XIX, com a expansão da cultura algodoeira no Nordeste, que o povoamento regional foi efetivamente assegurado, pois era a base econômica de todo o Brejo. Entretanto, posteriormente, a cana-de-açúcar provocou o declínio do algodão.

O algodão também foi responsável pela expansão do povoamento no Agreste e no Brejo Paraibano. Isso sem falar que o Brejo se consolida nesse período como região fornecedora de alimentos e de aguardente para o Sertão o que também contribuiu para o dinamismo da economia e do povoamento regional favorecendo a ampliação do número de povoações na região. (MOREIRA, 2003, p. 88)

Moreira (1990) ainda ressalta que a área consagrada ao cultivo da cana, anteriormente nos vales, se expandiram, chegando a atingir o topo das elevações. Dessa forma, os engenhos se multiplicaram, aumentam sua capacidade produtiva e passam a dominar a paisagem agrária. Suas moendas, antes de madeira, passaram a ser de ferro e os bois ou jumentos que as acionavam foram substituídos inicialmente pelo motor a vapor, em seguida, pelo motor a óleo diesel e, posteriormente, pelo motor elétrico.

A rapadura produzida no Brejo era vendida para os Sertões do Estado da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Os sertanejos vinham ao Brejo em comboios de burros os quais serviam para transportar a rapadura, feijão, fava, milho e farinha. Para se alimentar durante a viagem e também para vender, eles traziam a carne seca oriunda dos caprinos que se adaptaram ao clima da região. Assim, o Brejo tornara-se um verdadeiro "celeiro do Sertão".

O Brejo também se apresenta com certa diversidade cultural e de recursos ambientais. Costumes, sotaques, valores, vestimentas, alimentação, atividade econômica e seus aspectos históricos são os mais diversos nessa parte do território brasileiro, são peculiaridades refletidas e combinadas em vários grupos sociais, compreendendo a construção de variadas regionalidades.

Essa porção da Paraíba, o Brejo, configurou-se como umas das regiões mais produtoras de gêneros alimentícios, com destaque para o milho, a farinha de mandioca e rapadura destinada ao sertão da Paraíba e do Rio Grande do Norte e, posteriormente, com a introdução da cana-de-açúcar. Esses aspectos e clima favorável contribuíram para a exploração territorial e o desenvolvimento agrícola no brejo.



Após a década de 1960, com o apoio do Estado, a agricultura sofre influência produtiva. Na década de 1970, o modelo ancorado pela mecanização produtiva continua seu projeto de desenvolvimento capitalista no setor agrário. Em pleno período militar no Brasil, a meta de desenvolvimento era impulsionada por órgãos governamentais que instituíam na agricultura a adoção de defensivos químicos para acelerar a produção no ritmo da modernização conservadora que acabara de adentrar o campo brasileiro.

O processo desigual da modernização agrícola e os impactos para os pequenos produtores da região agreste da Paraíba com a disseminação do uso de agrotóxicos, alterou a forma de produção e de consumo, aumentando os problemas de saúde da população que produz e consome estes produtos.

Na década de 1980, os movimentos de agricultura alternativa ganham adesões de engenheiros agrônomos. Para Matias (2016), inicia-se uma batalha na luta contra os males da utilização dos agrotóxicos no campo agrícola, opondo-se ao modelo de produção e padrão agrícola degradante e socialmente desigual. Assim as agriculturas alternativas representam também um enfrentamento ao modelo agrícola predominante e de combate aos impactos ambientais da modernização agrícola.

Apesar da introdução de agrotóxicos por grandes empresas na área rural, vários produtores descobriram na agroecologia uma fonte de renda capaz de resgatar a dignidade social. Na Paraíba, a produção agroecológica mostra-se como importante alternativa para o desenvolvimento rural. Há mais de uma década, existem diversas feiras agroecológicas que figuram como estratégia para o escoamento e desenvolvimento da Agricultura Familiar. Para tanto, os movimentos sociais emergem de acordo com o que postula Gohn (2010), reafirmando o caráter ambiental e educativo, compartilhando experiências nos espaços de ações coletivas cotidianas no território do Agreste paraibano.

As feiras agroecológicas têm também os mesmos aspectos positivos já existentes nas feiras livres: a de se constituírem em um ponto de encontro entre as pessoas, ou seja, de relação humana e de relações mercantis menos impessoais, diferentemente dos grandes centros comerciais. Além disso, é um espaço onde os agricultores se encontram para falar de agricultura, das experiências, trocar conhecimentos e informações e, inclusive, variedades de plantios. Ou seja, esses espaços de troca surgem, também, como espaços de sociabilidade, com vínculos distintos dos estritamente mercantis. (CARVALHO 2008, p. 163)

As feiras agroecológicas constituem, nesse sentido, espaços localizados nos centros urbanos e são meios de divulgar e dar um maior retorno ao agricultor. Para Carvalho (2008, p.

69), “Nesses espaços, tem sido possível diferenciar os produtos e produtores agroecológicos dos convencionais, trabalhando-se igualmente na consolidação do mercado consumidor, criando as condições para a manutenção dessa atividade”. Muitas vezes os preços são inferiores aos praticados nas feiras convencionais.

A partir de iniciativas inovadoras, redes organizativas em torno do enfoque agroecológico vêm construindo socialmente mercados alternativos, cujo crescimento da demanda por alimentos saudáveis reconectam os vínculos entre produtores e consumidores em novos circuitos de produção e consumo. As feiras agroecológicas, surgem nesse contexto, como um instrumento de fortalecimento da agricultura de base ecológica, tanto por gerarem um movimento de produção e consumo desconectados das redes globais do agronegócio convencional quanto por suas formas organizativas capazes de promover conhecimentos e intercâmbio de experiências práticas em agroecologia. (MATIAS, 2016, p. 16)

Estas vêm propiciando uma maior socialização e troca de experiências e conhecimentos entre agricultores de diversas áreas, entre estes e técnicos, cientistas e mediadores, assim como entre eles e consumidores e a população urbana em geral, colocando a comunidade interligada diretamente ao contexto macrossocial e econômico. (CARVALHO 2008, p. 76)

As feiras agroecológicas constituem espaços abertos para os agricultores familiares, os quais mantêm uma relação próxima com um público de consumidores que são atraídos pela alimentação sem agrotóxicos e uma vida saudável através da alimentação orgânica. Embora a agricultura familiar agroecológica busque a venda direta ao consumidor final, há outros seguimentos de mercados que buscam na agricultura orgânica um atrativo para o aumento de seu capital.

A ascensão do mercado de produtos naturais e orgânicos segue uma tendência mundial de aumento da demanda por produtos e serviços que proporcionam saúde e bem-estar. Soma-se a esse fator a crescente desconfiança de alguns setores da sociedade em relação à indústria moderna, que trouxe uma série de facilidades à vida cotidiana, mas também aumentou significativamente a manipulação de químicos persistentes no meio ambiente, com graves consequências para a saúde humana e para os ecossistemas naturais. (DIAS et al., 2015, p. 162)

Para os autores, cerca de vinte por cento do crescimento no consumo de alimentos por ano corresponde ao mercado de alimentos orgânicos, reforçando produtores e varejistas a atenderem à demanda crescente, devendo garantir a qualidade, a distribuição e a certificação desses alimentos. Cada vez mais, há um apelo ambiental imbuído na propagação dos alimentos orgânicos.

Desta forma, os chamados atravessadores têm focado na agricultura familiar agroecológica, buscando parcerias para comercializar com grandes redes de supermercados que

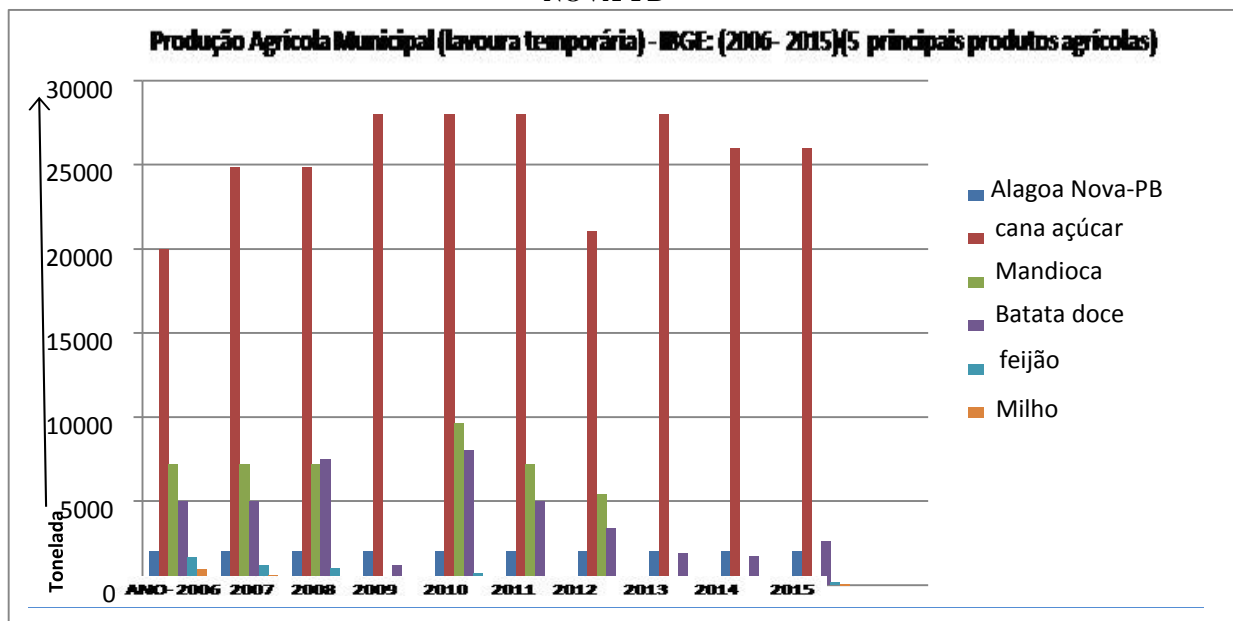
investem no orgânico, com um diferencial de mercado para atrair consumidores mais esclarecidos dos centros urbanos. Desta forma, empresas agrícolas de médio e grande porte vêm estabelecendo estratégias e se instalando próximo à agricultura familiar para subsidiar a produção. Desta forma há uma monopolização do território na agricultura praticadas por grandes empresas do setor agrícola.

### 1.3 ESTRATÉGIAS DE COMERCIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA

Em Alagoa Nova-PB, existem diversos agricultores que mantêm a prática de sustentabilidade agrícola, baseada nos princípios da agroecologia. Há mais de 14 (quatorze) anos, esses agricultores conquistaram novas territorialidades<sup>8</sup> nas feiras agroecológicas que acontecem no agreste paraibano em diferentes cidades: Campina Grande, Esperança e Alagoa Nova.

Esse último município situa-se na microrregião do Brejo e mesorregião do Agreste paraibano. Por possuir condições agricultáveis favoráveis, destaca-se na produção de hortaliças, dentre outras culturas agrícolas que apresenta uma produtividade anual bastante relevante. O gráfico a seguir mostra a produção agrícola do município de Alagoa Nova-PB no período entre 2006 e 2015.

**GRÁFICO 01: PRODUÇÃO AGRÍCOLA MUNICIPAL (LAVOURA TEMPORÁRIA) DE ALAGOA NOVA-PB**

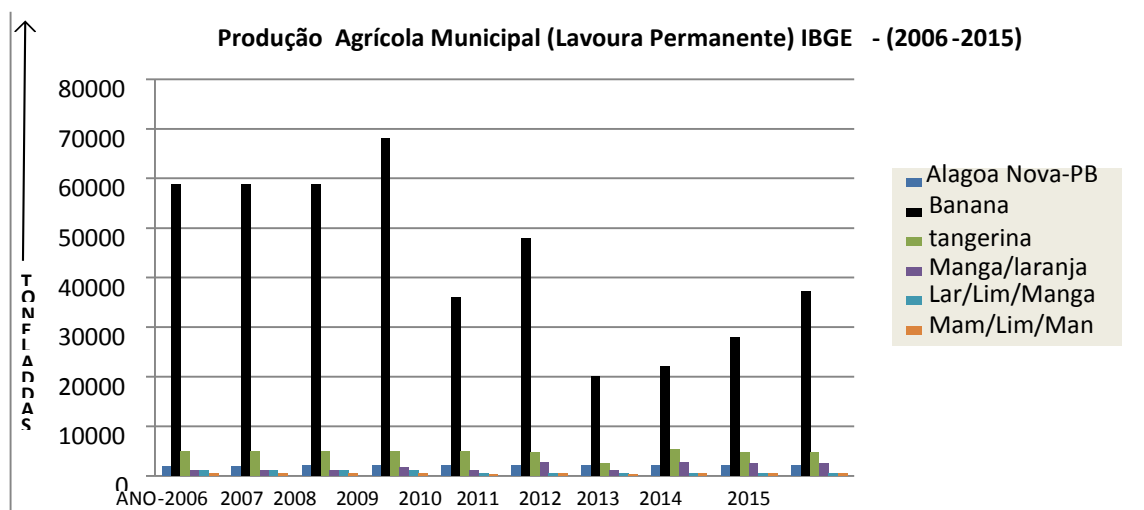


Fonte: <http://cidades.ibge.gov.br> . (Acesso em 23 ago. 2017)

<sup>8</sup> A territorialidade aparece como uma interação entre dois sistemas, um espacial e outro informacional, na perspectiva de assegurar a autonomia de uma coletividade através do tempo (HAESBERT, 2010).

Analisando os dados sobre a produção agrícola temporária de Alagoa Nova-PB, observamos que a cana-de-açúcar, no período descrito, se sobressaiu como uma cultura muito relevante. A segunda cultura mais produzida oscila entre a batata doce e a mandioca, e há ainda o feijão, o milho, o tomate, a batata inglesa e a fava que apresentam considerável potencial produtivo no município. Na tabela a seguir apresentaremos os 05 (cinco) principais produtos frutícolas (lavoura permanente), por tonelada, colhidos no município de Alagoa Nova-PB, entre os anos de 2006 e 2015, segundo dados do Censo Agropecuário do IBGE.

**GRÁFICO 02: PRODUÇÃO AGRÍCOLA MUNICIPAL (LAVOURA PERMANENTE) DE ALAGOA NOVA-PB**



Fonte: <http://cidades.ibge.gov.br> . (Acesso em 23 ago. 2017)

A tabela 03, com os dados sobre a produção agrícola permanente do município de Alagoa Nova-PB, revela que a banana é a cultura de maior expressão, cuja produção é bastante superior se comparada às outras culturas, particularmente no período entre 2006 e 2015. O segundo produto que se destaca é a tangerina, depois vem a manga, a laranja, o mamão e o limão. A figura a seguir realça a localização geográfica do município de Alagoa Nova-PB.

FIGURA 05: LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO MUNICÍPIO DE ALAGOA NOVA - PB



O município de Alagoa Nova-PB com uma população de 19.681 habitantes, ocupa a posição 32 dentre os 223 municípios do estado da Paraíba. A densidade demográfica é de 160.98 habitantes por km<sup>2</sup>. Quando comparado com outras cidades no Brasil, fica na posição 435 de 5.570. Para o IBGE (2017), o município de Alagoa Nova situa-se nas proximidades do atual engenho Olho D'Água, com solos muito acidentados, terras sempre úmidas e férteis, providas de inúmeras nascentes e pequenos mananciais perenes, cobertas por extensas matas, ricas em madeira de lei. Historicamente, no município, cultivava-se mandioca, milho, feijão, algodão, fruteiras e criação bovina.

A produção agroecológica em Alagoa Nova-PB foi instituída nos anos 2000 através de agricultores familiares em parceria com sindicatos de agricultores de municípios do entorno, conforme ressalta o presidente do sindicato local no relato descrito a seguir:

*“Já existia uma questão de Agroecologia na agricultura familiar que trabalhava sem veneno, sem agrotóxico já estava com uma parceria com a ASP-TA, que trabalhava no município de Remígio, Solânea e Lagoa Seca”.*  
(Presidente do sindicato <sup>9</sup> dos agricultores de Alagoa Nova-PB. em 02/07/2016).

Dessa forma, decidiram não usar mais insumos químicos em suas plantações e, a partir disso, os agricultores começaram a produzir em seus lotes e a comercializar sua produção nas feiras agroecológicas de diversos municípios do agreste paraibano.

<sup>9</sup> Presidente do Sindicato dos trabalhadores rurais de Alagoa Nova. Entrevista concedida em: 02/07/2016

A estratégia agroecológica põe em prática as ações da agricultura familiar para um maior desenvolvimento dos atores que participam e as praticam. Mas, mostrar a agroecologia é também se reportar a modernização conservadora. De acordo com Alves (2005), durante a década de 1950 a 1970, o Brasil passou por uma grande transformação no campo e na cidade com a industrialização.

Cidades passaram por um crescimento demográfico intenso e o campo não acompanhou esse ritmo, tendo que alimentar uma grande parcela que agora morava, em sua maioria, nas cidades. “A modernização industrial da agricultura brasileira foi denominada conservadora, pois esta não foi capaz de alterar a estrutura agrária do País, cabendo à agricultura um crescimento desigual e parcial, com elevada concentração de terra e de renda”. (MOREIRA, 2011, p. 140). O campo passou a ser subsidiado por fertilizantes para o aumento da produção e, conseqüente, uma maior exportação, aliados à conscientização e à validação estatal através das empresas agropecuárias e técnicas. No entanto, parte dos agricultores continuou sendo excluído do processo de modernização.

A modernização não foi apropriada por todos os agricultores, uma quantidade expressiva de estabelecimentos rurais não teve e ainda continuam não tendo acesso à modernização agrícola para investimento e aumento produtivo. Dessa forma, a produção agroecológica tem ganhado espaço no mercado de orgânicos.

A agroecologia, ciência emergente, embasada nas diversas áreas do conhecimento científico e do conhecimento tradicional de agricultores, contendo princípios teóricos e metodológicos voltados ao desenho e manejo de agroecossistemas sustentáveis, poderá contribuir para a conservação da agrobiodiversidade, dos recursos naturais e demais meios de vida, possibilitando a perpetuação da agricultura familiar, numa ótica que transcende a produção de alimentos e abriga anseios maiores, como a reprodução social das famílias no meio rural, a qualidade de vida dos agricultores e a preservação dos recursos naturais para as futuras gerações. Tal ciência em construção baseia-se no diálogo entre saberes, na evolução dialógica do conhecimento científico e do saber popular, valorizando a cultura do homem do campo e seus conhecimentos empíricos. (LOPES e LOPES, 2011, p. 3)

A agroecologia, para Moreira (2011), é uma agricultura sem agrotóxicos, que tem uma ideologia baseada na sustentabilidade agrícola e que ganhou impulso entre as décadas 1960 a 1970, popularizando-se na academia e no conhecimento popular.

A agroecologia representa uma forma de abordar a agricultura que incorpora cuidados especiais relativos ao ambiente, aos problemas sociais e à sustentabilidade ecológica dos sistemas de produção. O pensamento

agroecológico recebeu influências das ciências agrícolas (através das interações ecologia/agronomia/sociologia), de diferentes abordagens metodológicas para as análises agroecológicas dentro das ciências agrárias, do ambientalismo como contribuinte intelectual, da ecologia, dos sistemas indígenas e camponeses de produção, por meio de trabalhos antropológicos e de geógrafos e dos estudos de desenvolvimento rural através das análises dos impactos sociais da tecnologia, dos efeitos perniciosos da expansão do mercado de commodities, das implicações nas mudanças das relações sociais, das transformações nas estruturas de posse da terra e da crescente dificuldade de acesso a recursos comuns pelas populações locais. (MOREIRA, 2011, p. 118).

Dessa forma, tem-se uma gama de estudos destacados por autores como Leff (2002), Gusman (2002), Altieri (2004), Lima (2008) Petersen (2013), entre outros, sobre o tema da agroecologia, o que mostra o seu caráter transdisciplinar. A agroecologia é derivativa de várias outras ciências, quais sejam a Agronomia, a Ecologia, a Botânica, a Geografia e a Economia (PAULINO, 2016).

Em uma perspectiva interdisciplinar, a agroecologia, para Carvalho (2008), surge no Brasil inicialmente como uma forma de expressão ou de resistência à agricultura convencional, inserida no contexto da agricultura alternativa, para então ser trabalhada enquanto ciência e adquirir uma sistematização conceitual usada no meio acadêmico, com o desafio de produzir, obter retorno econômico e, concomitantemente, preservar o meio ambiente. A perspectiva agroecológica emerge nos anos 1970 com experiências ecológicas locais.

Paulino (2016) enfatiza que, para se analisar o campo agroecológico no Brasil, deve ser focado o campo científico, discutido e ideologizado por várias ciências, mas também deve ser enfatizado o discurso dos envolvidos nos movimentos sociais, no campo agrícola e na pesquisa científica, e sua expansão via política, moldando o desenvolvimento rural, via de regra, por diálogos dos diferentes campos científicos, o que enfoca a interdisciplinaridade enquanto ciência.

Gerhardt (2005) ressalta que, mesmo quando não estava em discussão a agroecologia e/ou agriculturas alternativas, a agricultura familiar estava atrelada aos moldes do ecologicamente correto. Havia, sem regras das técnicas agrícolas modernas, o uso com pousios e técnicas de consorciamento de culturas, não havendo estratégias e culturas exógenas, dominadas pelo mercado agrícola capitalista para as suas práticas. Tem-se atrelado aos projetos de desenvolvimento um regime de acumulação capitalista que tem o Estado como centralidade das ações, através do aparato técnico. Têm-se dois protagonismos no campo na atualidade, um que tem o princípio agroquímico e outro, o viés da agricultura alternativa, a agroecologia.

No entanto, a agroecologia vem sendo confundida como uma “agricultura sem veneno” ou até como “agricultura orgânica”. Apesar de estar relacionada a estas duas denominações, a Agroecologia não pode ser reduzida a um sistema orgânico de produção, uma vez que corremos o risco de limitar seu real potencial como enfoque científico baseado em premissas filosóficas alternativas e como estratégia para o desenho de programas de desenvolvimento rural sustentável.[...] O processo de construção de uma agricultura realmente sustentável está muito além do enfoque da substituição de insumos, passando, necessariamente, pelo fortalecimento da agricultura de base familiar, por profundas modificações na estrutura fundiária do país, por uma política pública consistente e coerente com a emancipação de milhões de brasileiros imersos no caos da miséria. (MOREIRA, 2011, p. 119-120)

A importância da agroecologia para a agricultura familiar é colocar o agricultor agroecológico como “protagonista” do seu desenvolvimento com participação familiar e igualdade de gênero. E, dessa forma, tentar se emancipar fortalecendo a agricultura familiar através de parcerias entre os próprios agricultores, e destes, com entidades que possam apoiá-los social e tecnicamente.

A concepção da sustentabilidade socioambiental constitui-se no desenvolvimento da agroecologia. A concepção orgânica se associa a esse paradigma e à possibilidade do lucro. No final do século XX, empresas agrícolas em todo o mundo começam a incentivar o uso do marketing, como estratégia para aumentar a lucratividade, atrelada ao discurso de mudança pela sustentabilidade produtiva e ambiental. Assim, a agroecologia está atrelada ao viés sócio ambiental e econômico, enquanto a agricultura orgânica prioriza o mercado, conforme ressalta Carvalho (2008),

O modelo de produção orgânico tem aparecido como um sistema que evita a utilização de fertilizantes sintéticos, praguicidas e organismos geneticamente modificados, adotando-se uma lógica estritamente de mercado, não incorporando outras preocupações, a exemplo do compromisso com a agricultura familiar camponesa e da dimensão social da agricultura. Nesse sentido, parte-se do princípio de que o fato de não praticar uma agricultura com o uso de agrotóxicos, não é suficiente para a construção de um modelo sustentável e, portanto, não necessariamente configura a adoção da abordagem agroecológica, embora, para ser agroecológico, necessite-se produzir organicamente. (p.66-67)

Dessa forma, o modelo de produção orgânica e os chamados “selos verdes” estão atrelados a cada vez mais acessos a nichos de mercado e com menos compromisso na luta social, o que difere da Agroecologia que está atrelada aos aspectos sociais de produção rentável e manutenção da família e seu patrimônio, na qual as feiras podem dar o retorno aos agricultores familiares.

Assim, vários agricultores familiares introduzem uma agricultura voltada para o ambientalismo e para práticas sustentáveis com o intuito de diversificar e variar a produção,



atendendo a uma sociedade mais esclarecida. Dessa forma, há uma apropriação da produção agrícola agroecológica para se firmar em um mercado orgânico bastante atrativo do ponto de vista capitalista, com diferenciações entre o agricultor e o empresário. Desta forma, ressalta (COMUMELO, 2012, p. 50):

Os agricultores orgânicos empresariais, que estão muito próximos da agricultura convencional, praticando uma espécie de monocultura verde (uso de insumos externos), para atender a demandas eventuais de mercados, e os orgânicos familiares de pequeno porte (ou agroecológicos, dependendo muito das correntes as quais os definem), estes últimos orientados por uma lógica familiar, produzindo uma diversidade maior de produtos.

Tem-se um produto orgânico com qualidade e com participação direta da agricultura familiar agroecológica indutora desse mercado com venda direta ao consumidor e há as redes de supermercados, que representam a indireta. Nesse sentido, há uma limitação que acontece geralmente com os agricultores agroecológicos, pois estes não dispõem de estrutura financeira e produção suficiente e ainda, não atendem aos requisitos legais como os selos de certificação exigidos nessa modalidade de comércio para com as redes de supermercados.

Os movimentos de apoio à Agroecologia pressupõem a credibilidade de quem está à frente do processo - os agricultores agroecológicos -, para garantia de que a produção chegará ao destino final, ou seja, às feiras. Essa credibilidade se dá através das relações estabelecidas, formais e/ou informais, entre produtores e consumidores e/ou através das relações em redes de instituições não-governamentais como as associações regionais e locais.

Correa (2015) enfatiza que há um paradoxo entre um sistema agrícola predominantemente capitalista, que é caracterizado por um circuito de mercado baseado numa relação impessoal com o consumidor, tendo o lucro como objetivo primordial e uma base predominantemente monocultora, e o circuito agroecológico, em que há a ação dos agricultores diretamente com o consumo final, sendo atribuídos seus valores, suas ideologias que, de certa forma, impregnam suas práticas com o ideário de produção, sem a atuação de intermediários na compra e venda de produtos agrícolas para o mercado consumidor.

Existe uma demarcação na formação do nosso pensamento que vai da ideia de resistência e alternativa em busca de uma nova lente sociológica. Tal perspectiva visa refletir sobre a construção social das instituições, integrando, nessa abordagem, a habilidade dos agentes e destacando a importância da ação do Estado. Dessa maneira, o referencial teórico da NSE (Nova

Sociologia Econômica)<sup>10</sup> contribuiu para compreender porque os assentamentos da reforma agrária passaram a ser entendidos como espaços onde se pode experimentar modelos produtivos alternativos (que produzem mercadorias alternativas), constituindo, segundo Correa (2015), uma resistência que se opõe ao modelo produtivo convencional.

A NSE propõe uma abordagem dos mercados considerando suas características históricas, mesmo de modo geral, considerando-os como um produto histórico. Nesse sentido, para a NSE os mercados são estruturas dinâmicas imersas no social, onde os indivíduos estabelecem laços buscando sua estabilização sujeitando-se, portanto, a recompensas e sanções (JUNIOR 2002, p. 65).

Os mercados, além das feiras, estão em processos dinâmicos e se reinventam periodicamente. As regras do mercado são impostas à sociedade sem nenhuma consulta prévia de pregões ou tomadas de preços, não importando o território. Nesse caso, estamos nos referindo à abordagem territorial definida por Andrade (1998), que se baseia na ideia de uma área dinamicamente ocupada pela população, produção e por diferentes relações socioeconômicas, do comércio, dos transportes e das ações planejadas pelo Estado. Tem-se, assim, uma dinâmica entre a agricultura capitalista e suas ações no campo e na cidade.

A busca de novas territorialidades advindas das feiras agroecológicas se constitui em uma tentativa de promover a autonomia da agricultura familiar frente à lógica econômica da economia capitalista. A agricultura familiar vem adquirindo organização política, através das organizações não governamentais a exemplo da Ecoborborema (uma associação de produtores agroecológicos do Agreste), do Polo Sindical da Borborema (PSB), além de representações de vários sindicatos da região e de associações locais.

A Ecoborborema é uma associação dos pequenos agricultores agroecológicos do compartimento da Borborema, que possui associados em mais de dezesseis municípios com o objetivo de promover a venda da produção familiar diretamente nas feiras agroecológicas. O Polo Sindical da Borborema representa os agricultores da Borborema, numa articulação de sindicatos para organizar a agricultura familiar na região Agreste. Esta entidade tem várias

---

<sup>10</sup> “A sociologia econômica é um ramo preocupado com os aspectos econômicos analisados pela economia aplicada, com uma economia dita pura. As oscilações e as aplicações da economia que a riqueza e a complexidade da realidade e é maior do que a mais ousada das teorias pode atrever-se a sonhar. A Sociologia seria dada ao terreno social para suas análises, com isso, nada do social é alheio. As perspectivas sociológicas da interação pessoal, grupos, estruturas sociais (instituições) e controles sociais (entre os quais são centrais os valores, as normas e as sanções). Em face de desenvolvimentos recentes, deveríamos acrescentar que as perspectivas das redes sociais, do gênero e dos contextos culturais também se tornaram centrais na sociologia econômica [...]. Para além disso, a dimensão internacional da vida econômica tem assumido maior saliência entre os praticantes desta disciplina, à medida que aquela dimensão tem penetrado as economias reais do mundo contemporâneo” (COMUNELLO, 2012, p. 10).

ramificações da agricultura familiar, atuando na distribuição de sementes nativas, mudas frutíferas, cisternas de placas e apoio à produção e às feiras agroecológicas regionais.

O Polo Sindical da Borborema possui cerca de 82 (oitenta e dois) bancos de sementes com sede na cidade de Montadas-PB no Agreste. A associação regional Ecoborborema surgiu no ano de 2002 com o título de “Natal sem veneno”, consistindo numa organização entre agricultores com o objetivo de difundir uma alimentação mais saudável para a população e rentável para sua família. A instituição realiza reuniões e articulações periodicamente e funciona na cidade de Lagoa Seca-PB, na sede do sindicato dos agricultores daquele município.

As feiras agroecológicas são uma espécie de resultado desse esforço de organização, elas surgem como uma “nova” proposta de consumo, abarcando novos mercados em espaços conquistados em parcerias com entidades sociais como a Ecoborborema e o Polo Sindical etc. Os mercados varejistas e institucionais também fazem parte do dia-a-dia dos agricultores agroecológicos da região através de intermediários que compram e repassam a produção. A presença dos intermediários, mais conhecidos como “atravessadores”, cria dificuldades para os agricultores familiares, uma vez que alimenta as relações de dependência econômica.

A periodicidade semanal da maioria das feiras constitui-se em verdadeiras relíquias que persistem desde a antiguidade com o surgimento do comércio e se reafirmando a partir das grandes navegações com o início da racionalidade capitalista. Porém, estes mercados periódicos também proporcionam inter-relações socioculturais que não são proporcionadas em outros locais.

A feira é um espaço democrático de convivência, em que os sujeitos sociais se encontram, trocam experiências e vivências e aprendem mutuamente, informalmente, ao lado de toda modernidade dos grandes conglomerados de redes de supermercados. A feira resiste e essa resistência tem sua origem na própria forma de como as pessoas que dela participam vão criando estratégias de sobrevivência, formas e meios de continuar subsistindo, mostrando sua visibilidade quando muitas vezes são vistos como se fossem seres invisíveis. (MEDEIROS, 2010, p.45)

Nos espaços das feiras, sobretudo das feiras agroecológicas que acontecem no Agreste da Paraíba, há uma troca constante de conhecimentos e interpelações sociais em meio à modernidade do espaço urbano. Essa troca ocorre entre os pequenos agricultores nas feiras livres ou nas propriedades rurais em um processo contínuo de permanência de práticas e culturas agrícolas em meio ao *marketing* dos supermercados, que têm como estratégia capitalista atrair maiores quantidades de consumidores e auferir lucros.

Atualmente, as feiras ainda acontecem, embora com dificuldades, em algumas localidades. Esses mercados periódicos são importantes para a agroecologia, porque dão

visibilidade aos produtos, ampliam as relações entre os produtores e a sociedade através da confiança, e criam formas alternativas de negociação, visto que os consumidores barganham preços diretamente com os produtores, o que leva, muitas vezes, a uma economia no gasto final, principalmente quando comparados aos supermercados.

No Estado da Paraíba, a existência de feiras agroecológicas antecede as políticas de promoção à agroecologia, surgindo ainda em meados da década de 1990 como experiências inovadoras de arranjos produtivos sem o uso de agrotóxicos tanto na tentativa de fugir dos atravessadores, quanto uma estratégia para a comercialização dos alimentos produzidos sob uma perspectiva diferenciada da convencional. Localizadas em distintos municípios do estado, estes espaços alternativos de comercialização nascem como produto de um esforço organizativo de agricultores familiares e assessores técnicos. (MATIAS, 2016, p. 20)

Vários agricultores agroecológicos vendem suas mercadorias em uma ou mais feiras agroecológicas destes municípios, mesmo com o discurso de venda do produto limitado à confiança com o consumidor. No entanto, uma das práticas recentes de mercado agroecológico acontece através da Hortaliças Sempre Verde. A novidade dessa relação é que, para atender à demanda orgânica das redes de supermercados, a empresa tem na agricultura familiar agroecológica a base dos produtos que ela fornece. Sobre a estratégia de integração da agricultura familiar na empresa para comercialização de hortaliças agroecológicas, trataremos nos próximos capítulos.

Uma das mais recentes estratégias de mercado do comércio agroecológico acontece na região Agreste da Paraíba, através da empresa rural Hortaliças Sempre Verde. Situada no município de Alagoa Nova-PB, a empresa tem uma produção de hortifrutigranjeiros para atender às redes atacarejos de três estados da região Nordeste: Paraíba-PB, Rio Grande do Norte-RN e Pernambuco-PE.

A comercialização de orgânicos na Hortaliças Sempre Verde constitui um de seus carros chaves para os mercados atacadistas, mercadinhos e restaurantes, tendo o produto orgânico como atração, através da propagação discursiva da importância de uma alimentação saudável. A parte orgânica comercializada inclui produtos como: folhagens, frutas e plantas medicinais, que são adquiridos através da compra a agricultores agroecológicos dos municípios de Alagoa Nova e Esperança, os quais praticam essa produção há mais de uma década.

De acordo com Niederle & Almeida (2013), a partir dos anos 1990, a agricultura orgânica em todo o mundo cresceu nos patamares de 15% a 30%, esses mesmos patamares foram acompanhados no Brasil com o apoio do Estado, através de políticas públicas que

estimulam a produção e o consumo de orgânicos. Algumas dessas políticas, segundo Batista et al. (2017) apontam para uma maior rentabilidade na agricultura familiar, como a certificação orgânica, embora nem todos os pequenos agricultores tenham total acesso, ficando a maior parte dos produtos orgânicos certificados por produtores com maior nível de tecnologia e produtividade. Outras políticas como a PNAPO (Política Nacional de Agroecologia e Produção), o Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PLANAPO) e o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) são programas instituídos visando um maior desenvolvimento no campo para os que aderirem a essas políticas e precisam comercializar seus produtos. Contudo, é comum que esses produtores tenham suas limitações quanto ao cumprimento dos compromissos assumidos.

Os circuitos conquistados pelos agricultores agroecológicos tornaram-se mais dinâmicos adentrando também em circuitos maiores, como as redes atacadistas de alimentos com atuação de certificadores e empresas privadas. No Brasil, com a estruturação de um mercado direcionado para a agroecologia, o mercado de orgânicos tem investido no público que procura uma alimentação saudável para destinar sua produção. No entanto, o mercado ascendente de orgânicos vem se apropriando da agroecologia para uma prática mercadológica através de intermediadores como as redes de supermercados e empresas rurais que propagam a rotulagem da sustentabilidade no mercado de orgânicos. Nesse viés,

O predomínio da agricultura familiar neste mercado [...] está associado ao fato de, até recentemente, as empresas e os produtores patronais não vislumbrarem na produção orgânica uma alternativa atraente para direcionar seus investimentos, seja pela inexpressividade da demanda, seja pela carência de tecnologias adaptadas ao sistema de produção da agricultura orgânica, ou, ainda, e talvez de um modo mais acentuado, em virtude da ausência mais acentuada de um quadro institucional que garantisse estabilidade à dinâmica do mercado, criando as condições para seu desenvolvimento [...] é notório a incursão desses novos atores no mercado. (NIDERLE e ALMEIDA, 2013, p.24)

Empresas agrícolas e redes de supermercados descobriram um novo nicho de mercado, através das hortaliças e cereais orgânicos. As gôndolas dos supermercados oferecem certa variedade de produtos agroecológicos. Pessoas esclarecidas acerca da qualidade dos produtos sem agrotóxicos começam a buscar nas feiras agroecológicas e nas redes de supermercados produtos saudáveis e sustentáveis. Essa estratégia também vem estimulando a integração entre empresas e agricultura familiar, que têm, através desse processo, sua produção abarcada por redes de supermercados.

Todas as grandes redes supermercadistas têm tratado seriamente esse mercado, como elemento estratégico importante no curto e médio prazo, visando abastecer imediatamente a classe média e alta, mais informada, e de maior poder aquisitivo. Na conquista desse mercado, movem-se atualmente os fortes interesses das indústrias de produtos de elevado valor agregado como a de bebidas, especialmente a de vinhos, de azeites, cosméticos, chás, castanhas, de salgadinhos empacotados e outras que conseguem ganhos qualitativos, tanto pela comprovada melhoria do paladar, por reforçar sabores e odores originais de seus produtos, ou pela agregação de serviços, tais como os de conservação ambiental. Além do relacionamento de marcas orgânicas com o conceito de segurança qualitativa alimentar desses produtos, busca-se garantir posições de mercado, conseguindo-se agregar valor nesses produtos, já por si diferenciado pelo teor ético do seu relacionamento com o consumidor. Os ganhos de qualidades organolépticas, já eram conhecidos dos consumidores de produtos orgânicos, e passam cada vez mais a ser reconhecido pelo público consumidor eventual. Entre as diversas formas de venda utilizadas atualmente estão às feiras orgânicas, entregas de cestas a domicílio, lojas especializadas e supermercados. A maior parte da produção orgânica no momento está sendo comercializada por empresas de beneficiamento e distribuição que vendem para supermercados, atacadistas, restaurantes, outras feiras, lojas de produtos naturais e distribuição de caixas “ou cestas” diretamente por meio de distribuidores independentes. (ESCOLA, 2010, p. 8)

O contrato de integração entre produtor agropecuário e agroindústria, em específico a empresa Hortaliças Sempre Verde, é a união dos esforços entre a empresa para obter resultados positivos na produção, dividindo tarefas com o agricultor familiar e coordenando as atividades rurais sob sua direção. Objetivando o planejamento e a realização da produção, através de contratos de integração com a agricultura familiar agroecológica.

Se por um lado a agricultura familiar agroecológica tem conquistado espaços nas diversas feiras existentes, levando sua produção para os centros urbanos diretamente aos consumidores, estão em curso novas abordagens comerciais que tem a produção agrícola familiar agroecológica como fornecedoras. Falamos, portanto, das empresas rurais e redes de supermercados que estão impulsionando novos mercados de orgânicos para atender a um consumidor mais esclarecido que busca na alimentação saudável uma melhor qualidade de vida.

Um exemplo de experiência de comercialização de produtos agroecológicos com redes de supermercados pode ser identificado na REDE ECOVIDA<sup>11</sup>, com atuação nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, que se articula a partir dos circuitos alternativos para a comercialização da

---

<sup>11</sup> Seu surgimento no ano de 1998 decorreu de discussões, iniciadas no Estado de Santa Catarina, relacionadas à produção e ao comércio de produtos orgânicos. Tais discussões se deram exatamente sobre os passos para regulamentação da certificação da produção orgânica no Brasil. Os grupos e as organizações contrários à proposta governamental optaram por realizar, em 1998, um primeiro seminário na cidade de União da Vitória/PR, no qual foi proposta a criação de uma rede regional de agroecologia de âmbito estadual (inicialmente envolvendo apenas o Estado de Santa Catarina). Posteriormente, em um seminário realizado no mesmo ano na cidade de Caçador/SC, a proposta foi homologada juntamente com a aprovação de sua logomarca e a identificação do grupo como “Rede Ecovida de Certificação Participativa”. (PASSOS, 2013, p. 364)

produção agroecológica em feiras agroecológicas e em supermercados locais e regionais (FINATTO, 2016). Dessa forma, tem-se uma rede constituída por agricultores organizados em cooperativas, que vendem seus produtos para redes de supermercados. A abertura para a comercialização com empresas, supermercados e indústrias agroalimentares tem como aspecto distintivo o anonimato e a impessoalidade das relações com o consumidor final.

Desta forma a questão divide a opinião dos autores, como Souza (2008), que mostra a atuação de supermercados na agricultura familiar agroecológica, delegando ao Estado o papel de estabilizar os preços, através dos mercados institucionais. Para Escola (2010), os grandes supermercados nos maiores centros urbanos foram os primeiros a colocar em suas gôndolas o orgânico para atrair uma nova clientela de consumidores e alavancar certo *marketing* empresarial e poderio econômico.

Alguns autores destacam a participação de empresas na intermediação da produção agrícola familiar para atingir mercados. Torres (2008) enfatiza a incorporação de agentes do mercado, como os empresários, de olho nos anseios de uma nova clientela que quer consumir uma alimentação mais saudável, em que o agente econômico visa aumentar as vendas e auferir lucros. Para Nierdele (2013), há um crescente número de empresas que se especializaram na produção orgânica intensiva e em larga escala, que, ao romper com os “preceitos científicos da agroecologia” exploram a produção da agricultura familiar e agroecológica. Dessa forma, as produções orgânicas das empresas detentoras desse mercado precisam cada vez mais de novos parceiros comerciais para abastecer seus fornecedores. Esses parceiros, os agricultores agroecológicos, vem aumentando numericamente, dispondo de parte da produção para novos nichos de mercado orgânico.

Silveira (2009) expõe que os pequenos produtores de alimentos orgânicos são subordinados, uma vez que abastecem as empresas desse mercado, abrindo espaço para empresas distribuidoras que articulam a relação produtor-supermercado, pois muitos agricultores não têm recursos para competir com empresas agrícolas. Para Meira (2013), além da pouca autonomia de alguns agricultores agroecológicos para desenvolver a gestão da produção em suas propriedades, eles vêm sofrendo pressões das lógicas competitivas globalizantes de empresas rurais e seus interesses capitalistas rentistas, que buscam enfraquecer a sua identidade coletiva.

As corporações buscaram se adaptar a essas dinâmicas por meio de uma proposta de “nicho de mercado” para os alimentos ambientalmente corretos. Hoje, todos os supermercados possuem grandes seções de produtos orgânicos, “naturais”, “integrais”. Contudo, na falta de legitimidade social,

desenvolveram-se complicados e caros sistemas de auditoria e certificação dos produtos. Apoiadas na sua lógica tecnicista, as corporações resolveram dois problemas: asseguram as qualidades ambientais dos produtos aos seus consumidores, ao mesmo tempo em que excluem do jogo os pequenos produtores, que não tem condições de pagar o alto custo dos serviços de certificação e da adaptação dos cultivos às exigências dos auditores, cuja opinião técnica é soberana. (BELLEZA, 2014, p. 31)

Estudos realizados por Meira (2013) mostram a influência de empresas agrícolas no Paraná, empresas que têm a agricultura agroecológica como fornecedora de produtos para redes de supermercados. Esse fato embora facilita o escoamento da produção agroecológica, mas acaba expropriando a produção e a lucratividade dos agricultores pelo fato de que o maior lucro ficará para a empresa intermediadora da produção. Embora algumas ONG's reafirmem sua parceria na busca pela autonomia da agricultura familiar, Meira (2013) ressalta que há uma tendência de apropriação da agricultura orgânica por parte dos empresários pois, ao estarem mais adaptados à lógica mercantil e empresarial e ao manterem relações sociais com outros sujeitos que atuam dentro dessa lógica, sobretudo fornecedores e clientes, suas possibilidades de êxito econômico são maiores que a dos agricultores familiares, mesmo que estes estejam organizados em associações ou cooperativas.

De acordo com essa lógica econômica a empresa Hortaliças Sempre Verde vem atuando como intermediadora da produção agroecológica no território da agricultura familiar em Alagoa Nova-PB. A parte orgânica é comprada de agricultores familiares agroecológicos para a venda em redes atacadistas de supermercados em diversos centros urbanos dos estados da Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte, além de alguns restaurantes no estado da Paraíba.

#### **1.4 A EMPRESA HORTALIÇAS SEMPRE VERDE UM NOVO ATOR NA AGROECOLOGIA**

Como já o dissemos, a empresa Hortaliças Sempre Verde mantém uma escala de comercialização empresarial. Parte da produção comercializada é produzida pela empresa e outra parte adquirida através da compra aos agricultores familiares. A Hortaliças Sempre Verde comercializa produtos convencionais e orgânicos, sendo esses últimos comprados de agricultores familiares agroecológicos. A empresa produz o ano inteiro todos os itens de folhagens e alguns legumes para atender aos supermercados. Dentre os produtos comercializados destacam-se: agrião, alface, alface roxa, abobrinha, acelga, alecrim, almeirão, bredo, brócolis, capim santo, cebolinha, chicória, chuchu, coentro, espinafre, hortelã, jiló, limão tahiti, maxixe, mostarda, nabo, pepino, pimentão verde, quiabo, rabanete, repolho verde, rúcula,



salsa, salsão aipo e vagem. Cerca de trinta por cento da produção desses itens é comprada aos agricultores familiares.

No ano de 2003, o empresário Francinildo Pimentel da Silva, atualmente proprietário da Hortaliças Sempre Verde, começa a vender sua produção de hortaliças à multinacional WalMart<sup>12</sup> no município de Campina Grande, especificamente na loja do Hiper Bompreço, conforme relata o empresário em trecho descrito a seguir:

*A empresa Hortaliças Sempre Verde surge em 2003 com uma parceria entre eu e o vereador Edgley, que é de Lagoa de Roça-PB. Nós começamos uma sociedade, todos os dois junto, ai depois ele seguiu a carreira política, se afastou e eu comprei a parte dele, ai até hoje eu tô tocando<sup>14</sup>.*

O empresário é natural do município de Alagoa Nova-PB, casado, pai de três filhos, começou a trabalhar a partir dos 14 anos com os pais que também são agricultores, seus pais e irmãos residem no sítio São Tomé e outra parte da família na sede do município. Francinildo narrou que antes de negociar com hortaliças era vendedor de pão:

*Antes da empresa eu era vendedor de pão. Era, fazia, assava e vendia. Os pães a gente saia para vender em Lagoa Seca, Esperança, Lagoa de Roça, Alagoa Nova, na região aqui mesmo de moto. Sempre morei aqui mesmo no São Tomé. Agricultor toda vida fui né, ai com o esforço de minha mão eu fiz uma padaria, fui aprendendo, comecei a vender pão com 14 anos de idade pelo mei do mundo, ai depois comecei a fazer, assar e vender. Ai veio um amigo meu Edglei, teve essa oportunidade ai a gente acabou mudando de ramo né. Na época da empresa foi através de Edglei que nós fizemos a parceria né, quando eu mudei de vendedor de pão para empresário foi uma sociedade que a gente fizemos ai foi onde a gente fundou a Hortaliças Sempre Verde. Mais antes disso eu era vendedor de pão<sup>13</sup>.*

Com a influência do irmão Francinaldo, que já comercializava Hortaliças, Francinildo se interessa também pelo ramo e, assim, passam a comercializar com mercados cada vez maiores, aumentando a clientela:

---

<sup>12</sup> A história da Walmart começa a ser traçada na década de 1940, quando Sam Walton começou sua carreira em uma loja de varejo de J.C. Penny. Em 1943, Walton conheceu os Irmãos Butler. Dia 9 de maio de 1950, Walton comprou uma loja de Luther E. Harrison, em Bentonville, Arkansas e inaugurou a 5 & 10. Em 1962, Walton investiu 95% do capital na inauguração de sua primeira loja da Walmart. Já na década de 1960, Walton já tinha onze lojas. O assistente de Walton, Bob Bogle, veio com o nome "Wal-Mart" para a nova rede. Em 1967, a companhia já tinha crescido para 24 lojas por todo o estado do Arkansas e começou a alcançar 12,6 milhões de dólares em vendas e, em 1968, a companhia inaugurou suas primeiras lojas fora de Arkansas em Sikeston, Missouri e Claremore, Oklahoma. Walmart tem 11.000 lojas em 27 países diferentes, com 55 nomes diferentes. A companhia opera sob seu próprio nome nos Estados Unidos, incluindo seus 50 estados. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Walmart#Hist.C3.B3ria>). Acesso: 16 mai. 2017.

<sup>14</sup> Entrevista concedida por. Francinildo Pimentel, em 02/05/2017.

<sup>13</sup> Entrevista concedida por. Francinildo Pimentel, em 11/08/2017.

*Porque meu irmão já trabalhava nesse ramo, meu irmão já fornecia a supermercado aí foi onde entrou Edglei, o Bompreço tava precisando de fornecedor de folhagens, na loja de Campina Grande, aí o gerente do WalMart da empresa Bompreço fez uma sociedade junto com Edgley aí foi onde a gente abriu a empresa a Hortaliças Sempre Verde<sup>14</sup>.*

O empresário iniciou no varejo dos supermercados com três lojas da cidade de Campina Grande e, no ano de 2006, começa a expandir suas hortaliças para João Pessoa, Rio Grande do Norte-RN e, em 2012, expande para o estado de Pernambuco-PE. Francinildo relata que a propriedade que corresponde a empresa atua em quatro municípios (Lagoa Seca, São Sebastião de Lagoa de Roça, Alagoa Nova e Areia) e têm 200 (duzentos) hectares produzindo atualmente. A maior área produtiva está no município de Alagoa Nova, sede da empresa em que é produzido todo tipo de folhagens e hortaliças. Indagado sobre o porquê de a empresa ter passado a investir no ramo de orgânicos/agroecológicos, o empresário pontua que o incentivo foi uma estratégia meramente capitalista e rentista:

*Foi o mercado na época que desafiou a gente. Meu sogro já trabalhava nesse ramo, já trabalhava com feiras de agroecologia e uma exigência do WalMart, pediu que nós produzísse organicamente e nós já trabalhava né na parte do meu sogro que produzia já era orgânico, aí foi onde nós fizemos o selo, registremos tudo bonitinho. Antes era convencional, mas no manejo orgânico. Onde nós trabalha é 90% orgânico. Não é 100%, mais é 90 % orgânico. Foi uma exigência do mercado aí nós fumo se adequando né. A produção já era, mas não era certificado, foi a partir de 2007 que o mercado exigiu aí nós temos esse certificado há 10 anos já, como produtor orgânico<sup>15</sup>.*

O nicho de mercado, como oportunidade de auferir renda, criado pela agroecologia faz da Hortaliças Sempre Verde um novo ator social no setor de orgânicos na Paraíba, consideramos novo, especialmente, porque, como já assinalamos, grande parte da bibliografia que analisa experiências com produção orgânica e/ou agroecológica ressalta o protagonismo dos agricultores familiares e o campo de possibilidades que a agroecologia cria para esses agricultores. A produção orgânica é comercializada pela Hortaliças Sempre Verde há mais de dez anos, tendo como parceiros os agricultores familiares. A certificação é auditada pela OIA (Organização Internacional Agropecuária).<sup>16</sup>

<sup>14</sup> Entrevista concedida por. Francinildo Pimentel, em 11/08/2017.

<sup>15</sup> Entrevista concedida por. Francinildo Pimentel, em 11/08/2017.

<sup>16</sup> A Organização Internacional Agropecuária (OIA) é uma empresa consolidada no mercado de certificação agropecuária e alimentícia. Os processos de certificação são baseados em protocolos de qualidade que abrangem não só a qualidade do produto final, mas todo o processo produtivo, levando em consideração: **Impactos ambientais e a sustentabilidade das atividades desenvolvidas; Condições sociais nas quais os produtos foram produzidos; Segurança dos alimentos produzidos; Gestão das propriedades.** Em 2002, a OIA iniciou suas atividades no Brasil, fundando a OIA Brasil. Concedemos certificações de conformidade orgânica nas normas do

FIGURA 06: CERTIFICADO CONFERIDO A EMPRESA PARA OPERAR ORGÂNICOS 2017/2018

730615R-2017Z-60027-2017  
Page 1 of 2



**CERTIFICADO DE CONFORMIDADE ORGÂNICA PARA O MERCADO BRASILEIRO**

A ECOCERT BRASIL Certificadora Ltda., organismo de certificação de produtos credenciado pela CGCRE (Coordenação Geral de Acreditação) do INMETRO sob o nº 0077 e credenciado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) sob o nº 002, certifica que os produtos listados abaixo são produzidos, processados e comercializados conforme as regras previstas pela Lei 10831 / 03, Decretos 6323/07 e 7045/09, IN 19/09, IN 18/14 e demais Instruções Normativas correspondentes a cada escopo.

**Operador:** Hortaliças Sempre Verde

**Endereço:** Povoado São Tomé s/n  
58125-000 ALAGOA NOVA - Paraíba

**Data da última inspeção anual:** 03/08/2017

**Validade\*:** 25/09/2018

\* O não cumprimento das exigências impostas pela legislação e pelas Condições Técnicas determinadas pela Ecocert Brasil e aceitas pelo operador poderá ocasionar a suspensão ou o cancelamento deste certificado, independente do seu prazo de validade.

Para a manutenção e/ou renovação da sua certificação, a próxima inspeção anual deverá ocorrer até 03/08/2018

Produtos Comerciais	Categoria de certificação
<b>Produção Primária Vegetal/Animal/Cogumelos</b>	
Plantas e ervas medicinais (alecrim, arruda, agrião, almeirão, capim santo, cebolinha, erva-cidreira, hortelã, manjerico e salsa)	Produto Orgânico - IN 46/11
Frutas tropicais (limão tahiti e cravo, tangerina, banana, cajá, jaca, acerola, fruta-pão, ingá, coco, manga, jabuticaba, graviola, pinha, pitomba e mamão)	Produto Orgânico - IN 45/11
Olerícolas (afreixo, aradja, abobrinha, almeirão, aspigo, beterraba, berinjela, cenoura, couve-flor, chicória, chuchu, escarola, espinafre, fêo, maxixe, pepino, pimentão, quiabo, rabanete, rúcula, repolho, salsaão, vagem, macaxeira, couve-folha e couentro)	Produto Orgânico - IN 46/11
<b>Produtos Processados</b>	
Plantas aromáticas e aromáticas processadas	
Plantas aromáticas (coentro, couve-folha, alecrim, arruda, agrião, almeirão, capim santo, cebolinha, erva-cidreira, hortelã, manjerico e salsa)	Produto Orgânico - IN 18/09
Preparações à base de frutas	
Frutíferas embaladas (limão tahiti e cravo, tangerina, banana, cajá, jaca, acerola, fruta-pão, ingá, coco, manga, jabuticaba, graviola, pinha, pitomba e mamão)	Produto Orgânico - IN 18/09
Preparações à base de verduras	
Olerícolas embaladas (alfaca, acelga, abobrinha, almeirão, aspigo, beterraba, berinjela, cenoura, couve-flor, chicória, chuchu, escarola, espinafre, fêo, maxixe, pepino, pimentão, quiabo, rabanete, rúcula, repolho, salsaão, vagem e macaxeira)	Produto Orgânico - IN 18/09

2/200703



ECOCERT BRASIL certificadora Ltda.  
Rua Manoel Corrêa, 944 - Lagoa do Carroço - Florianópolis/SC - CEP 88063-450  
Telefone: +48-3232.5933 - email: ecocert.brasil@ecocert.com - CNPJ: 07.404.014 / 0002-13



Fonte: <http://www.hortalicassempreverde.com>. Acesso em: 02 jul. 2018

No relato do empresário, ele deixa claro que essa foi a primeira empresa a certificar a produção orgânica e, logo depois, outra empresa foi contratada para novas certificações: “A OIA/BRASIL, teve problema ai a gente parou, aí nós mudemos pra Ecocert”. A Ecocert certifica a cada seis meses, tanto os produtos da empresa, quanto dos agricultores que fornecem agroecológico para a empresa. Na parte orgânica da empresa, que está sob a responsabilidade do sogro de Francinildo, Seu Inácio<sup>17</sup> ressalta que, com o selo orgânico: “Posso vender pro exterior. Eu com esse selo que eu tenho da EcoCert<sup>18</sup>, que é de Santa Catarina, eu vendo pra qualquer recanto do mundo”.

Mercado Interno Brasileiro, Têxtil Orgânico, Estados Unidos, União Europeia, Canadá, Suíça e Japão. Ainda, atua com certificação de boas práticas nos protocolos Global G.A.P, Fruta Sustentável e Cosméticos Naturais. Fonte: <http://www.oiabrazil.com.br>. Acesso em: 18 ago. 2017.

<sup>17</sup> Entrevista concedida por seu Inácio Luna de Oliveira, em 17/04/2017.

<sup>18</sup> A EcoCert Brasil chegou ao país no início de 2001 e seu escritório fica em Florianópolis, Santa Catarina. A certificadora é uma representação da empresa francesa Ecocert, considerada uma das maiores da Europa e presente em mais de 50 países. A Ecocert Brasil segue as normas do Ministério da Agricultura brasileiro para certificação, diferente da matriz na França. Para a certificação de produtos destinados ao mercado interno é utilizada a IN 007/09, para produtos destinados ao mercado internacional são utilizadas as respectivas normas nacionais dos

A produção dos agricultores familiares não é certificada pela certificadora ao qual a empresa é vinculada. Assim, a certificação participativa que os agricultores agroecológicos têm não é validada ao chegar na empresa, e assim ser direcionada para as redes de supermercados. Em relato, Francinildo afirma que

*Nós tamos desenvolvendo outros produtores né outros pequenos, mas num tá ainda produzindo não, num tá certificado ainda não. Estamos estimulando eles né pra produzir, mas num foi certificado a área deles ainda não. Enquanto num tiver no patamar que nós quer nós não certifica não<sup>19</sup>.*

Na figura a seguir é possível visualizar a instalações da empresa no município de Alagoa Nova.

FIGURA 07: VISTA DA HORTALIÇAS SEMPRE VERDE



Fonte: Severino J. Sobrinho - 19/02/2018.

A Hortaliças Sempre Verde situa-se no Sítio São Tomé, próximo ao povoado de mesmo nome em Alagoa Nova-PB. Possui cerca de 550 clientes nos diferentes Estados já citados. A empresa compra esterco/estrupe de gado no município de Boqueirão-PB para adubar as hortaliças, nos 200 (duzentos) hectares de área plantada e para distribuir entre os agricultores integrados: “É em torno de trinta carradas por semana. O adubo da gente é esterco de gado”. (Francinildo Pimentel, 11/08/2017). Por mês, são comprados em torno de 120 (cento e vinte) caminhões de estrupe para as quatro propriedades da empresa e agricultores parceiros. A figura a seguir mostra o depósito da empresa.

---

diferentespaíses(CEE2092/91,JAS).Disponível em:<http://planetaorganico.com.br/site/index.php/certificadoraecocert/#sthash.jvlCETed.dpuf>). Acesso em: 04/07/2013.

<sup>19</sup> Entrevista concedida por Francinildo Pimentel, em: 02/05/2017.

FIGURA 08: ESCRITÓRIO, CAMINHÃO E DEPÓSITO DA EMPRESA HORTALIÇAS SEMPRE VERDE



Fonte: Severino J. Sobrinho - 07/04/2017.

Indagado sobre as atividades desenvolvidas e a área onde é produzida pela empresa o empresário relata que tem 200 (duzentas) hectares plantadas de folhagens:

*Hoje nós estamos começando a ir pro peso, mas cem por cento da folhagem é produzida dentro da empresa. O pesado nós estamos começando com uma propriedade de chuchu ali em Areia, estamos começando com o chuchu e acelga. O pesado nós traz sempre de fora de Pernambuco, hoje nós estamos trazendo de Tianguá-CE, mais a folhagem é toda 100% produzida dentro da empresa. E já tem produtor produzindo prá gente também lá, quer dizer tem produtor produzindo prá gente no Pernambuco e no Ceará<sup>20</sup>.*

No mês de agosto de 2017, a empresa começou a conquistar mercado no estado do Ceará, município de Tianguá-CE, comprando hortaliças nesse município. Pelo conhecimento no mercado e a crescente demanda de orgânicos exigidos pelos supermercados, o empresário vai chegando a novos parceiros e comprando a produção de vários agricultores, tanto em pequena, quanto em grande escala da produção de hortaliças:

*Porque o caba vai conversando, vai procurando a melhora para o cliente, porque se o caba for pegando atravessador quem vai pagar a conta é o cliente né aí a gente vai procurando deixar o preço mais justo para o cliente, porque a empresa sobrevive de clientes. Nós fecha uma parceria, nós trabalha com parceria, porque nem é um preço baixo nem é um preço alto é um preço no meio né. Que dê para ganhar todos, porque ninguém cresce sozinho tem que ser pelo meio que dê prá todos dois sobreviver. Quem tenta produzir pra mais de um não sobrevive. Isso é a realidade do comércio hoje. Eu tenho que*

<sup>20</sup> Entrevista concedida por. Francinildo em 11/08/2017

*trabalhar em parceria, eu tenho produtor que veve comigo em parceria, eu tenho quatorze anos de empresa e quatorze anos que esse cara veve comigo. Quando eu como feijão ele come, quando eu como caviar todo mundo come é desse jeito (rsrsrs)<sup>21</sup>.*

A empresa possui 16 (dezesesseis) caminhões para o transporte das hortaliças. Na distribuição, faz-se a separação entre o produto orgânico e o convencional por caminhão, conforme relato do empresário: “(...) *é separado dentro do caminhão. Porque o produto convencional ninguém usa produto químico aqui não, dentro do caminhão é que faz a separação, é no mesmo carro, mas vai separado*<sup>22</sup>”. A empresa tem cerca de duzentos agricultores familiares produzindo para poder atender aos clientes. Desses, cerca de 120 (cento e vinte) produzem de forma agroecológica para a Hortaliças Sempre Verde, com a maioria da produção agroecológica produzida no município de Alagoa Nova-PB. “*A maioria é daqui de Alagoa Nova. De Alagoa Nova e Esperança né. Vem de esperança também porque tem uns assentamentos aqui*<sup>23</sup>”, relata Pimentel. A produção agroecológica corresponde a cerca de trinta por cento da produção. A parte certificada da empresa corresponde ao sítio agroecológico do sogro de Francinildo, o senhor Inácio Luna, que mantém uma produção de orgânicos, também comercializada pela empresa Hortaliças Sempre Verde.

A empresa comercializa hortaliças com supermercados na Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco, em suas principais cidades. Contudo, a empresa tem buscado novos mercados para onde possa escoar os produtos, sobretudo depois do processo de integração com os produtores agroecológicos. A Hortaliças Sempre Verde possui mais de 200 funcionários registrados e mantém vínculos empregatícios com mais de 1000 pessoas e/ou famílias, tanto na Paraíba, quanto em outros estados. Indagado sobre a geração de emprego e renda na região, o empresário Francinildo ressalta que: “*Hoje registrado nós tem uns 250 (empregados) registrados, mais no montante dá quase mil (1000)*<sup>24</sup>”. Tomando como base esse dado da geração de emprego, percebe-se a importância do poder econômico da empresa na região e em seu entorno. As figuras a seguir são os rótulos de produtos orgânicos da empresa.

---

<sup>21</sup> Entrevista concedida por Francinildo Pimentel, em 11/08/2017.

<sup>22</sup> Entrevista concedida por Francinildo Pimentel, em 02/05/2017.

<sup>23</sup> Entrevista concedida por Francinildo Pimentel, em 02/05/2017.

<sup>24</sup> Entrevista concedida por Francinildo Pimentel, em 02/05/2017.

FIGURAS 09 E 10: SELO DE PRODUÇÃO ORGÂNICA E EMBALAGEM DE COMERCIALIZAÇÃO DA HORTALIÇAS SEMPRE VERDE.



Fonte: Severino J. Sobrinho - 20/072017.

A Ecocert é a responsável pela certificação dos produtos orgânicos da Hortaliças Sempre Verde. Se paga mais de vinte mil reais a certificadora por ano para obter o selo orgânico e assim poder comercializar os produtos orgânicos no mercado atacadista. É o despertar para novos nichos mercadológicos. Francinildo revela que há a necessidade de a empresa obter outras certificações para se inserir no mercado regional de orgânicos:

*Tem a Ecocert tem a PariPassu<sup>25</sup> que é o centro de rastreamento, tem a RAMA (Programa de rastreabilidade e monitoramento de Alimentos) que é o selo de agrotóxicos que é da ABRAS<sup>26</sup> (Associação de supermercados do Brasil). Porque hoje se juntou a associação, começou e exigiu o RAMA ai quem não*

<sup>25</sup> “Ensinamos e desenvolvemos a cadeia de abastecimento de alimentos perecíveis, através de soluções para a gestão do campo, a rastreabilidade de alimentos, o controle de qualidade dos produtos e processos e a análise estratégica do negócio. O objetivo do nosso trabalho é fomentar a cadeia de abastecimento de alimentos por meio da criação de ambientes e ferramentas que favoreçam a **transparência**, a **colaboração** e a **simplicidade** nas relações entre todos os elos, do produtor ao consumidor final. PariPassu é uma expressão originária do latim que significa lado a lado, ao mesmo tempo e, de maneira justa ou imparcial. Desde o início mantemos fielmente o nosso compromisso: disponibilizar soluções colaborativas com resultados coletivos pautado em um fluxo de informação inteligente e ordenado. O maior desafio da PariPassu é contribuir para a entrega de um alimento seguro e com propósito para a população, entendemos que este é o maior compromisso que temos com o ambiente e a sociedade. Hoje, atuamos fortemente no compartilhamento do conhecimento, promovendo encontros e discussões com todos os elos da cadeia de abastecimento”. <https://www.paripassu.com.br>. (Acesso em: 18 ago. 2017.)

<sup>26</sup> “A Associação Brasileira de Supermercados (ABRAS) é uma entidade dinâmica e moderna, que atua firme em sua missão de representar, defender, integrar, impulsionar e desenvolver o setor supermercadista no País. Criada em 11 de novembro de 1968, a entidade criou uma ampla rede de relacionamento com a sociedade, com órgãos de governo e diversas instituições nacionais e internacionais. A ABRAS atua em rede, de forma participativa, com as 27 Associações Estaduais de Supermercados afiliadas, sempre com foco na evolução das lojas; no estímulo ao saudável intercâmbio com os fornecedores; além do esforço dirigido ao melhor atendimento aos consumidores e à evolução do mercado de consumo no País”. (<http://www.abrasnet.com.br/abras>. Acesso em 19/08/2017.)

*tiver adequado não fornece para os supermercados. Essa RAMA em Curitiba, ela funciona no Ceará, aí nós butemos pro Rio Grande do Norte e hoje nós tamos incluindo ela no Pernambuco, nós tamos botando no Brasil todo pra todo mundo ficar dentro do padrão né. Esse selo RAMA só entra quem é adequado a ele, quem não for não entra não<sup>27</sup>.*

A RAMA<sup>28</sup> é a responsável pelo rastreamento da produção da Hortaliças Sempre Verde para os supermercados. Segundo Francinildo Pimentel, é a RAMA que assegura a autenticidade da produção, através da análise da qualidade alimentar. O proprietário da Hortaliças Sempre Verde ressalta a importância dos selos para a empresa e para o mercado, revela ainda que não há muita diferença de preços, quando se compara os orgânicos e os produtos convencionais e assinala que:

*Agrega valores né pra a marca né. Hoje o cliente vê muito mídia né, marketing, o selo tem uma garantia, a pessoa não vai dá uma premiação se não tiver uma pesquisa de empresa de mercado né, se tá realmente agindo da forma correta. [...]. Nós trabalhamos com preços justos, porque ninguém veve sem o cliente né. Tem época do ano que oscila não tem como não, mas nessa época eu tenho que vender eu tenho pra vender não vou jogar no mato, eu tenho que tirar eu tô vendendo alface americano mesmo de 0,80R\$ (oitenta centavos) que na média é 1,60R\$ (um real e sessenta centavos), mais eu não tenho que vender! Se o mercado quiser vender mesmo vai vender a 0,99R\$ (noventa e nove centavos) né, ninguém tem esse preço né eu tenho, tem época do ano que tem aí tem que vender<sup>29</sup>.*

Para o entrevistado, uma das vantagens de investir na comercialização de produtos orgânicos é a preservação da vida dos funcionários. E, além disso, uma exigência do mercado que adere cotidianamente a produtos orgânicos, pela dinâmica crescente de consumidores em busca de uma alimentação saudável.

<sup>27</sup> Entrevista concedida por Francinildo Pimentel, em 11/08/2017.

<sup>28</sup> “A Associação Brasileira de Supermercados (ABRAS), as Associações Estaduais e os seus Supermercados associados, através de um processo colaborativo de atuação, estruturaram o Programa de Rastreamento e Monitoramento de Alimentos, o RAMA, por reconhecerem a necessidade do cuidado e atenção com a origem dos produtos no que se refere as contaminações, como por exemplo no hortifrutigranjeiros, por resíduos de agrotóxicos. Através do Programa RAMA, os Supermercados têm acesso a um conjunto de informações que permite a seleção consciente de seus fornecedores. Desde 2013 a entidade nacional do setor implanta o **Programa de Monitoramento e Rastreabilidade de Alimentos, o RAMA**, que conta com a parceria da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). O programa, focado no monitoramento e rastreabilidade de frutas, legumes e verduras (FLV), controla a quantidade e qualidade de agrotóxicos utilizados, da produção dos alimentos até o ponto de venda. Seu principal objetivo é garantir que a aplicação de defensivos agrícolas nos alimentos não esteja acima do nível permitido por lei e, portanto, eles estejam seguros para o consumo humano. O Programa RAMA possui dois pilares principais. O primeiro é a rastreabilidade das frutas, legumes e verduras de todos os produtores e distribuidores cadastrados pelas empresas participantes. O segundo é o monitoramento do nível de agrotóxico nos produtos, que mede, por meio de amostras coletadas (mais de 1,3 mil realizadas desde 2013), a quantidade de resíduos presentes nos produtos avaliados”. <http://www.abras.com.br/supermercadosustentavel/noticias/rama-programa-de-rastreamento-e-monitoramento-de-agrotóxicos> .(Acesso em 18 ago. 2017)

<sup>29</sup> Entrevista concedida por Francinildo Pimentel, em 11/08/2017.



A empresa consegue preços tão competitivos junto ao mercado pois grande parte de sua produção é adquirida no seu entorno com a agricultura familiar local. Desta forma, percebe-se que as Centrais de Abastecimento, como a EMPASA localizada em Campina Grande vão sendo eliminadas enquanto entreposto comercial. Apesar da importância do escoamento da produção agrícola para a EMPASA, A empresa Hortaliças Sempre Verde assume essa mediação direta com boa parte dos pequenos agricultores agroecológicos e convencionais na região e em Alagoa Nova-PB.

*Se fosse prá vender somente orgânico eu queria, porque preservava a vida dos meus funcionários que não vai tá mais mexendo em química e o cliente, porque eu não quero um cliente só pra comprar uma vez né, porque quanto mais o cliente veve mais consome né. Hoje no nosso trabalho quase trinta por cento do nosso faturamento é orgânico<sup>30</sup>.*

Além da saúde humana e ambiental, existem, sem dúvida, os interesses econômicos e, por isso a Hortaliças Sempre Verde, na pessoa de seu proprietário, se envaidece por ter conquistado até hoje mais de 500 (quinhentos) clientes. Os maiores concorrentes da empresa estão situados em Pernambuco, como ressalta o empresário:

*Eu tenho mais concorrentes em Pernambuco, mas eu não discuto preço não porque se a pessoa for brigar um contra o outro a gente termina quebrando né. Eu faço o meu preço, meu preço é esse eu vou dá para o mercado a qualidade agora questão de brigar como concorrente eu não dou preço não, porque uma hora quebra quem for prá esse meio, quebra no ramo de agricultura não é fácil, porque a despesa é alta é uma coisa que tem que chegar no final do mês e a conta tem que ser paga<sup>31</sup>.*

Quem incentivou o empresário Francinildo a adotar o orgânico como carro chefe foi o atual administrador e parceiro da empresa Hortaliças Sempre Verde, o senhor Edvaldo. *Quem me estimulou pra produzir orgânico foi ele, porque ele era comprador do WalMart, ai a WalMart botou ele pra fora, eu fui trouxe ele pra dentro, faz seis anos que nós trabalha junto que é Edvaldo<sup>32</sup>.* (Francinildo Pimentel, 11/08/2017). Sobre a garantia dos produtos o empresário ressalta:

*Cem por cento, porque tá o meu nome se pegar o meu nome em um alimento meu que não seja orgânico eu pago uma multa e não é pouca não, o produto*

---

<sup>30</sup> Entrevista concedida por Francinildo Pimentel em 11/08/2017.

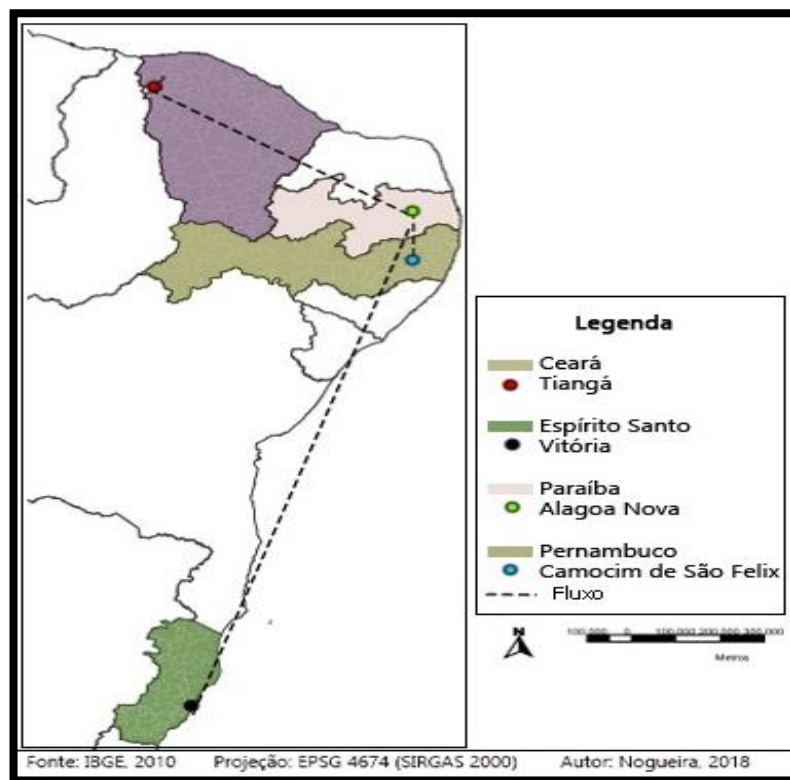
<sup>31</sup> Entrevista concedida por Francinildo Pimentel em 11/08/2017.

<sup>32</sup> Entrevista concedida por Francinildo Pimentel em 02/05/2017.

*que vai embaladozinho é 100% (cem por cento) orgânico, é cem por cento natural. Se eles fizerem no convencional vai dá a mesma coisa, ai a garantia é 100% cliente que vai consumir o produto. Porque se o cliente for lá pegar o produto e fizer uma análise e der errado quem vai pagar o pato é a empresa<sup>33</sup>.*

A empresa compra repolho e chuchu do Espírito Santo quando os seus fornecedores não têm, como a época de plantio e colheita são diferentes nas duas regiões onde estão localizados os estado da Paraíba (Nordeste) e o estado do Espírito Santo (Sudeste). No Ceará-CE, em Tianguá, a empresa compra chuchu, pepino, acelga, couve-flor, pimenta de cheiro, entre outros. No Município de Camocim de São Félix, em Pernambuco, é comprada parte da produção para atender aos fornecedores. A meta do empresário é que até o ano de 2020 o investimento em orgânicos fique em torno de 70% em produção e comercialização para atender todo o mercado. Os municípios do mapa a seguir mostram onde são comprados parte da produção para o mercado do varejo, embora tenha produção própria.

FIGURA 11: MUNICÍPIOS EM QUE A HORTALIÇAS SEMPRE VERDE COMPRA PARA ABASTECER OS MERCADOS



Fonte: IBGE, 2010. Autor – Severino J. Sobrinho, 2018

<sup>33</sup> Entrevista concedida por Francinildo Pimentel em 11/08/2017.

A partir da entrada de Edvaldo, o novo sócio da empresa, a racionalidade capitalista da Sempre Verde começa a tomar um novo viés expansivo no mercado varejista, dessa forma, racionaliza-se todo o processo da empresa com a parceria dos agricultores de pequeno e médio porte. Edvaldo é oriundo do Rio Grande do Norte e, a partir de seus conhecimentos, foi mais fácil para a Sempre Verde entrar no mercado de redes de supermercado daquele estado, que hoje é um de seus principais parceiros comerciais, com várias lojas em que a Sempre Verde tem clientes.

Para Saquet (2014), a racionalidade do capital pressupõe estratégias de controle e dominação, a concentração de terras e a monocultura. Essa racionalidade é pautada por grandes iniciativas produtivas. No entanto, outras racionalidades podem ser redimensionadas com processos menores através da agroecologia.

Processo que, sucintamente, pode ocorrer na produção (agro)ecológica de alimentos, eliminando o uso de insumos químicos, aproveitando sinergismos existentes entre os componentes biológicos de cada estabelecimento rural, adaptando as atividades agrícolas, as técnicas e as tecnologias às necessidades das famílias e às características de cada ecossistema, preservando a biodiversidade e valorizando a autonomia decisória dos agricultores camponeses voltados para mercados locais. (SAQUET, 2014, p. 136)

No entanto, as empresas rurais estão cada dia mais atuantes no mercado de alimentos apesar da concorrência com empresas maiores que concentram um maior monopólio no segmento agroalimentar. Nesta perspectiva, Paula (1999) ressalta que há a característica de certo oligopólio com vantagens econômicas para as grandes empresas no mercado consumidor. Cada vez mais é notória a união de empresas capitalistas para a homogeneização de mercado na cadeia produtiva alimentar.

A existência de pequenas e médias empresas tem se tornado uma característica marcante das estruturas de mercado nos diferentes segmentos industriais, especialmente no setor agroalimentar. Embora possa ser dito que a tendência predominante seja um domínio do mercado por um grupo cada vez de grandes empresas, detecta-se um movimento de recriação de estabelecimentos de pequeno porte como parte da própria dinâmica da acumulação capitalista, na qual os segmentos com limitados ganhos de escala e curto alcance junto ao mercado consumidor não são excluídos. (PAULA, 1999, p. 171)

A partir da década de 1980, há, segundo Paula (1999), uma corrente mundial de modernização, acompanhada de inovação tecnológica na cidade e no campo com propostas de um maior consumo por parte da população. Dessa forma, não há descontinuidade entre o tradicional e o moderno, pelo contrário, há uma continuidade evolutiva em que “a história

começa com culturas pequenas, isoladas, de caçadores e coletores, se movimenta através do desenvolvimento de comunidades agrícolas e pastoris e daí para a formação de estados agrários, culminando na emergência de sociedades modernas no Ocidente”. (GIDDENS, 1991, p.11).

Dentro dessa perspectiva, a atuação da Hortaliças Sempre Verde leva vantagens, uma vez que figura como uma empresa de nível regional com produção própria de produtos agrícolas e que também agrega produtos tanto agroecológicos, como convencionais da agricultura familiar. As vantagens estão relacionadas à qualidade e também aos custos dos produtos. Nesse sentido, há uma espécie de junção de interesses, a empresa economiza em custos e, os agricultores familiares têm a possibilidade de escoar seus produtos, levando-os até o consumidor final, indiretamente.

Apesar do poder econômico da Hortaliças Sempre Verde em mais de uma década de existência, nos últimos anos a empresa vem atravessando problemas devido à escassez hídrica, provocada pelos últimos seis anos de estiagem que afeta a região Nordeste. O principal insumo para a produção de hortaliças é a água e a empresa teve que adotar medidas emergenciais para amenizar a situação. Conforme relata o proprietário da Hortaliças Sempre Verde:

*É, nós sofre muito com a dependência de água, o manejo principal da gente é água né, dependente totalmente de água né. Cem por cento pra manter a produção. Rapaz eu tenho investido muito em barragem né, faz desde de 2011 que eu tenho investido em barragem, calcei algumas ladeiras dentro da propriedade, perto da empresa e em 2015 foi uma dificuldade muito grande, que foi por carro pipa e esse ano já faz seis meses que estamos com carro pipa de novo (2017) novamente com carro pipa pra não parar a produção. Por dia nós compramos 100(cem) carros pipa. Hoje o carro Pipa custa 180 reais<sup>34</sup>.*

A produção se mantém através de carros pipas que abastecem diariamente a produção, pois, o empresário precisa honrar seus compromissos com as redes atacadistas com as quais tem contratos financeiros. Durante os meses de estiagem, os caminhões pipas de várias localidades garantem a produção agrícola.

---

<sup>34</sup> Entrevista concedida por. Francinildo em 11/08/2017

FIGURA 12: CAMINHÃO PIPA DESPEJANDO ÁGUA EM BARRAGEM DA PROPRIEDADE DA EMPRESA



Fonte: Severino J. Sobrinho - 07/04/2017.

Por dia, na ocasião dessa pesquisa, eram gastos dezoito mil reais (18.000) para manter a demanda do mercado com carros pipas e um total de 540.000 (quinhentos e quarenta mil) reais por mês. Trata-se de uma despesa elevada para manter o mercado com a clientela das redes atacadistas da Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco. Na figura a seguir temos a construção de uma barragem em uma das propriedades da empresa no município de Areia-PB, próximo ao distrito de Cepilho. A estratégia de construir barragens para retenção de água da chuva vem sendo adotada pela empresa desde sua criação.

FIGURA 13: CONSTRUÇÃO DE BARRAGEM EM TERRENO DA HORTALIÇAS SEMPRE VERDE



Foto: Severino J. Sobrinho - 22/04/2017

A existência de pequenas e médias empresas, segundo Paula (1999), funciona como mecanismo de articulação, através da contratualização para compra e venda de produtos e serviços, com vistas a atender situações emergenciais. Semelhante ao que acontece com as

grandes redes atacadistas de alimentos que se instalam nas médias e grandes cidades, mas que necessitam contratar os serviços e produtos de empresas menores para se fixarem nestes núcleos urbanos, ocorre também com a Hortaliças Sempre Verde, ao ser contratada por redes atacadistas de alimentos. Atuando para além do viés tradicional, ou seja, do mercado de hortaliças convencionais, e ampliando para a comercialização de orgânicos a empresa passou a investir em elementos distintivos para atender a uma clientela mais intelectualizada, mais consciente etc.

Esse interesse das grandes empresas pode ser justificado pelo fato de o mercado de orgânicos ter crescido bastante. Para o Brasil, por exemplo, em publicação recente, [...]. Qual o motivo que tem sido apontado para esse crescimento? Trata-se de um “nicho” de mercado. [...], o mercado está aquecido, o que se deve, em parte, ao aumento da renda mundial e à maior conscientização dos consumidores quanto à segurança (qualidade) do alimento. Diante dessa nova conjuntura, novos produtores se sentem atraídos por esse negócio, beneficiados com a alta do preço, decorrente especialmente do descompasso entre a oferta e a demanda desses produtos. (CARVALHO, 2008, p. 66).

A modernização agrícola adotada no Brasil, sobretudo a partir do uso de adubos químicos para uma maior produtividade com a Revolução Verde nos primórdios de 1960, sustentam o modelo de desenvolvimento agrícola ambientalmente predatório e socialmente excludente, cujas raízes remontam aos nossos primórdios coloniais (PETERSEN, 2013). Esse modelo reafirmou o agronegócio presente no setor industrial, agrário e financeiro, não eliminando as marcas nefastas do passado que mantém o amparo à grande propriedade.

A modernização atenderá somente a agricultores com interesses e características muito particulares e que podem responder à concepção do trabalho agrícola por ela estipulada. Sendo assim, as trajetórias modernizantes retiram dos agricultores o controle do conhecimento associado ao seu próprio trabalho, criando um mecanismo que expropria o saber-fazer das comunidades rurais e transferindo esse poder para os agentes exógenos dos mercados. A dependência tecnológica converte-se assim em dependência cultural, imobilizando as capacidades autônomas de inovação local. (PETERSEN, 2013, p. 80)

A não percepção por parte do consumidor faz parte das estratégias e táticas do sistema capitalista em vislumbrar e orientar sempre para o consumo do novo, no discurso de que o velho, em relação ao aparato tecnológico, está defasado. Novaes e Dagnino (2004) relatam que as estruturas do capitalismo modelam as práticas subjetivas para o consumo desenfreado da tecnologia e suas inovações.

Os mercados são construções sociais numa interação de trocas intercâmbios de bens, produtos e mercadorias. Schneider (2016) ressalta que ele aparece como um ente exterior que precisa ser ouvido, respeitado e, por vezes, acalmado ao estabelecer relações de trocas, diálogos, negociação, conflitos e venda. Essas relações socorrem nas feiras, mercearias, supermercados, entre outros. Nessa perspectiva, há em várias partes do país e na região do entorno da Hortaliças Sempre Verde, uma relação para o fortalecimento e a construção do desenvolvimento rural, diante do dinamismo da agricultura familiar, embora atuando como atravessadores, em um mercado bastante dinâmico.

Diante deste fato o desenvolvimento: “Depende não só da disposição e de outros atributos individuais dos atores envolvidos. Tem raízes nas e, emerge das imperfeições dos mercados de produtos agrícolas básicos, [...] esses mercados complexos e interconectados, cada vez mais, vêm se constituindo como importantes arenas de lutas sociopolíticas”. (PLOEG, 2016, p. 25)

Têm-se, de acordo com Wilkinson (2016), nos estudos rurais um dualismo no mercado caracterizado pelo mercado dominante ou convencional e pelos outros mercados alternativos e suas redes. No primeiro, prevalece a lógica de maximização dos lucros, enquanto o segundo se submete a essa lógica. “De uma perspectiva macro, o mercado dominante é visto como a expressão do neoliberalismo” (WILKINSON, 2016, p. 53). Portanto, uma Sociologia Econômica voltada para a compreensão do mercado às práticas sociais.

Os mercados são criados observando-se o comportamento de outros produtores, o que permite identificar nichos dependendo da capacidade de produzir numa combinação específica de volume e preço. [...] um mercado é equiparado a consolidação de um “campo”, um espaço que é definido por: direitos de propriedades específicos; estruturas de governança de cooperação e competição; regras sobre quem pode participar e sob quais condições, e o que o autor denomina de “concepções de controle”. [...]. Os atuais caracterizam-se, precisamente, por sua permanente comparabilidade com movimentos sociais, em que a estabilidade é continuamente desafiada por novos “entendimentos”. (WILKINSON, 2016, p. 55-56)

Como pode-se constatar, cada vez mais se tem a configuração do poder, sobretudo econômico, do mercado e suas especializações demandadas pela sociedade de consumo. Com isso, os mercados alternativos, como o da Agroecologia, tendem a fazer mudanças no mercado, através dos impactos que causam na população que atendem.

Dessa forma, há uma adaptação ao mercado como o que ocorreu com a empresa Hortaliças Sempre Verde, que descobriu nos produtos orgânicos nicho de mercado crescente em espaços de consumo na Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco. Assim como a

instalação de redes de supermercados em determinados aglomerados humanos, essa atitude ocorre geralmente através de um processo político. Tem-se, nessa perspectiva, a atuação da empresa Hortaliças Sempre Verde nos principais atacarejos<sup>35</sup> das cidades em que atua.

A Hortaliças Sempre Verde tem vários parceiros para a compra, tanto de produtos convencionais, como de orgânicos/agroecológicos, no próprio município de Alagoa Nova-PB, mais precisamente são doze parceiros, como classifica o próprio dono da empresa ao falar dos agricultores agroecológicos, que fornecem as hortaliças: *“Hoje eu tenho vários parceiros né, acho que em média de uns... Eu tenho uns grandes eu tenho uns cinco parceiros grandes e tenho uns pequenos, os pequenos acho que eu tenho em média uns 20 (vinte)”*<sup>36</sup>. Além dos produtores locais, a empresa compra produtos no município de Camocim de São Felix - PE e é de lá que vem os produtos “maiores” como o pepino.

Segundo o proprietário da Hortaliças Sempre Verde, a partir de 2012 houve um aumento considerável da demanda por produtos orgânicos. É nesse momento que a empresa começa a vender para outros estados do Nordeste e, ao mesmo tempo, inicia também a procura por agricultores familiares que quisessem se integrar à Empresa, fornecendo hortaliças para atender à demanda do mercado crescente. Assim, novos agricultores familiares foram se integrando. De acordo com o empresário, a Hortaliças Sempre Verde entra mesmo no mercado de produtos orgânicos a partir de 2007. *“Em 2003 foi quando começamos com o convencional, aí em 2007 foi quando entrou o orgânico.”*<sup>37</sup>

No próximo capítulo, trataremos do percurso da modernização da agricultura no Brasil, passando pela emergência da discussão das ruralidades até chegar às agriculturas alternativas, mais especificamente, aos agricultores agroecológicos de Alagoa Nova-PB, integrados à empresa Hortaliças Sempre Verde.

---

<sup>35</sup> As redes de supermercados na contemporaneidade comercializam seus produtos no varejo e no atacado.

<sup>36</sup> Entrevista concedida por Francinildo Pimentel em 02/05/2017.

<sup>37</sup> Entrevista concedida por Francinildo, em 02/05/2017.



## CAPÍTULO II

### MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA, RURALIDADES E O AGRICULTOR AGROECOLÓGICO

FIGURAS 14 E 15: PROPRIEDADES AGROECOLÓGICAS NO SÍTIO RIBEIRO



Fonte: Severino J. Sobrinho, em Abril de 2017

De um lado, o reconhecimento da agricultura familiar se refere a um movimento ou esforço cognitivo e às vezes político-retórico para requalificar e renomear a forma como os camponeses e pequenos produtores eram até então definidos. Mas, por outro lado, trata-se também de atribuir um novo sentido analítico e político, pois a agricultura familiar passa a ser entendida como uma categoria social diversa e heterogênea pelos estudiosos e cientistas e vista pelos gestores governamentais e os atores e organizações sociais pelo seu papel estratégico no processo de desenvolvimento social e econômico (DELGADO e BERGAMASO, 2017, p. 85)

## 2.1 DA MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA AO AGRICULTOR AGROECOLÓGICO

O processo de modernização da agricultura no Brasil implicou em profundas modificações tecnológicas e significativas relações sociais, mas sem alterar a estrutura fundiária. Para justificar a modernização agrícola no campo apregoava-se que uma estrutura herdada do período colonial se constituía, de acordo com Silva (1985), em um obstáculo ao processo de formação de um capitalismo industrial no país, fazendo-se necessária à sua modificação.

Os pacotes voltados para modernizar a agricultura no mundo e, no Brasil, denominados de Revolução Verde, se expressavam pela intensificação, especialização produtiva e pela difusão de tecnologias, que envolvem motomecanização, uso de variedades vegetais geneticamente melhoradas (para obtenção de alto rendimento), fertilizantes de alta solubilidade, pesticidas, herbicidas e irrigação. Tudo isso fortemente disseminado pelos países ditos desenvolvidos, justificando o discurso de que a agricultura dos países subdesenvolvidos era arcaica e precisava ser transformada.

Dessa forma, a partir de 1960, foram disseminados no Brasil “os pacotes tecnológicos” que introduziram novas práticas agropecuárias através do crédito subsidiado associado a recursos públicos, assistência técnica e juros baixos, tudo articulado para capitalizar os grandes proprietários com importantes investimentos em máquinas e insumos (SAUER e TURBINO, 2004). Dessa forma, a estratégia da Revolução Verde foi lutar contra a deficiência de alimentos, via aplicação massiva de inovações tecnológicas no campo com o objetivo de obter produtividade agrícola.

Tais impactos suscitaram um amplo debate, entre os anos de 1970 e 1980, sobre a relação existente entre o modelo agropecuário convencional e o manejo inteligente dos recursos naturais através da agroecologia. Esse debate levanta uma discussão crítica entre os estudiosos da área em relação à Revolução Verde. Os impactos socioambientais da modernização trouxeram à cena política os atores sociais mais prejudicados: pequenos proprietários, trabalhadores rurais assalariados, trabalhadores sem-terra e camponeses (DIAS, 2006, apud CARVALHO, 2008).

A modernização atenderá somente a agricultores com interesses e características muito particulares e que podem responder à concepção do trabalho agrícola por ela estipulada. Sendo assim, as trajetórias modernizantes retiram dos agricultores o controle do conhecimento associado ao seu próprio trabalho, criando um mecanismo que expropria o saber-fazer das comunidades

rurais e transferindo esse poder para os agentes exógenos dos mercados. A dependência tecnológica converte-se assim em dependência cultural, imobilizando as capacidades autônomas de inovação local. (PETERSEN, 2013.p. 80)

A modernização tecnológica da agricultura brasileira levada a efeito a partir de 1965 pelos governos militares “foi marcada basicamente por três grandes eixos (a mecanização, a quimificação e a engenharia biogenética). Ela se deu com a conivência do Estado e de empresários, sem um controle social adequado por parte da sociedade civil organizada”. Silva (2013, p. 48). Contudo, vê-se que a chamada modernização agrícola permanece sendo imposta como uma ideia hegemônica, em se tratando da construção de políticas para o desenvolvimento rural.

As implicações desse processo têm produzido resultados perversos, tais como, a contaminação e a degradação dos solos e mananciais por metais pesados e outros elementos químicos nocivos ao ambiente, a devastação de amplas áreas de vegetação nativa, além de problemas sociais graves como a expulsão de camponeses sem terra do campo, a incorporação de novas terras pelos latifúndios, a proliferação de conflitos de terra e a ampliação do agronegócio sobre o território da agricultura familiar.

Esse processo de modernização da agricultura, através da quimificação, estimulou o produtivismo sem se preocupar com a realidade do pequeno produtor. Dessa forma, há uma maior apropriação dos pacotes tecnológicos pela agricultura de larga escala, o agronegócio, que cotidianamente, influencia nas práticas produtivas da agricultura familiar. O latifúndio empresarial não consegue dinamizar o trabalho, tampouco estabelecer relações produtivas com capacidade de geração de conhecimento integradas à natureza em processos de experimentação.

Ademais, em outras realidades, permanecem estruturas arcaicas revelando regionalizações que diferem das supracitadas. Ao passo que a modernização se restringe aos grandes latifúndios, subsistem com grandes dificuldades os pequenos agricultores. Dessa forma, há a persistência da pobreza em determinadas localidades rurais, a exemplo do semiárido nordestino. Mas, atualmente, com os programas assistenciais sociais, bem como com o crédito direto ao pequeno produtor, essa realidade tem sido atenuada.

Em oposição ao modelo tecnológico e hegemônico da modernização da agricultura e que gera dependência de agricultores familiares ao modelo dominante, surge, na década de 1980 com movimentos ligados ao meio ambiente e à agricultura no Brasil as chamadas agriculturas alternativas. Para Schneider (2011), as agriculturas denominadas de “alternativas” ou “ecológicas” não se limitam ao questionamento dos aspectos técnicos e econômicos no meio

rural, mas também incorporam, em suas discussões e práticas, as dimensões sociais e políticas que interferem na sustentabilidade dos sistemas produtivos, opondo-se ao modelo agrário dominante. Dessa forma,

Nos anos 1980 e 1990, surgem movimentos ligados ao mesmo tempo ao meio ambiente e à agricultura no Brasil, assim como também é neste período que ONGs preocupadas com os efeitos danosos da produção agrícola moderna sobre a natureza são fundadas no sul do país. Iniciativas concretas para organizar o desenvolvimento de agriculturas alternativas questionavam fortemente o modelo que a “revolução verde” preconizava e que tinha sido amplamente implantado. (SCHNEIDER, 2011, p. 238)

Neste sentido, os agricultores familiares que emergem desta concepção ideológica de alternativas de uma agricultura contra-hegemônica, atribuem uma valorização a sua atividade com suas representações através de ONG's, e demais entidades que os apoiam, (re)significando uma valorização do trabalho através da agricultura orgânica. Para Schneider (2011, p.176), “eles reforçam a sua atividade como a de produtores envolvidos com a produção orgânica, promovendo destaque social para a sua condição, enquanto atores comprometidos com a sociedade, [...], contribuindo com a divulgação do consumo de alimentos saudáveis”. Assim,

Uma perspectiva orientada aos atores, parte do pressuposto de que diferentes agricultores (ou categorias de agricultores) definem e operacionalizam seus objetivos e práticas de gerenciamento agrícola com base em diferentes critérios, interesses, experiências e perspectivas. Isto é, os agricultores desenvolvem, ao longo do tempo, projetos e práticas específicas para a organização de sua atividade agrícola. Muitas vezes esses projetos (que acarretam modelos de ação) são, de certo modo, respostas a outros projetos formulados, por exemplo, por agências estatais ou de agronegócio. O resultado desta gama de práticas reflete-se na impressionante heterogeneidade agrícola existente, que pode ser analisada em aglomerados de estilos específicos de agricultura. (PLOEG, 2011, p. 30)

Assim, em oposição às práticas impostas pelo Estado, que favorecem os aparatos técnicos da industrialização da agricultura, atrelada ao agronegócio, práticas agrícolas da agricultura familiar coexistem aos modelos hegemônicos existentes no espaço agrário, incluindo as agriculturas alternativas.

O processo de agriculturas alternativas se dissemina em todo o Brasil, para Brandenburg (2002), esse momento constitui a base para o surgimento de uma Rede de Organizações Não-Governamentais de cunho desenvolvimentista na agricultura, em diversas regiões no Brasil, a ponto de se formar um movimento que se articula nacionalmente e busca construir uma via alternativa à modernização conservadora como resposta aos pacotes tecnológicos adotados pelo Estado para a modernização da agricultura.

Enquanto um movimento socialmente organizado, a agricultura alternativa tem sua origem na década de 70. Surge como um contra movimento, uma via alternativa à política de modernização agrícola. [...]. Os grupos alternativos serão formados por agricultores familiares em via de exclusão, ou excluídos diretamente pelos mecanismos de expropriação da política agrícola. Sem assistência dos serviços oficiais, esses agricultores serão agentes de ação de órgãos ligados à ala progressista da Igreja Católica ou Protestante. As chamadas Comissões Pastorais da Terra irão desenvolver um trabalho junto aos Agricultores. [...]. Essas organizações desenvolverão um serviço de assistência aos agricultores numa perspectiva política crítica à modernização da agricultura. Sob o ponto de vista técnico resgatam-se práticas tradicionais e já conhecidas dos agricultores, visando a compor um conjunto de estratégias que permitiriam a reprodução social dos agricultores no campo. A agricultura alternativa representa uma opção de sobrevivência para o agricultor familiar e significa a reconstrução de uma relação socioambiental cuja raiz tem origem na condição camponesa. (BRANDENBURG, 2002, p. 12)

Petersen (2007) afirma que a luta por autonomia diante dos atores hegemônicos que dominam o mercado, a política e a produção de valores é um princípio fundador dessas práticas sociais que se desviam da normalidade pregada pela modernização. Saber e inovação local, racionalidade ecológica, eficiência econômica, cooperação, solidariedade, confiança mútua, produção artesanal e cuidado figuram como elementos estruturantes dessas práticas emancipatórias, com respeito às práticas agrícolas e às culturas produtivas locais.

Destacamos entre as chamadas agriculturas alternativas, a agroecologia, a qual tem por objetivo uma maior aproximação com a natureza dos agroecossistemas, contribuindo para uma agricultura mais sustentável, visto que busca minimizar os agravos das práticas agrícolas ao ambiente e, ao mesmo tempo, auxilia na conquista da autonomia dos agricultores familiares, uma vez que elimina a dependência de insumos externos, os agrotóxicos, assim como revaloriza, reconhece e dá a devida relevância aos saberes culturais locais, resgatando, portanto, o sentido da relação sociedade-natureza. Sobre a agroecologia Guzmán (2005, p.36), afirma:

A agroecologia se baseia no descobrimento e na sistematização, análise e potencialização dos elementos de resistência locais frente ao processo de modernização, para, através deles, desenhar, de forma participativa, estratégias de desenvolvimento definidas a partir da própria identidade local.

A agroecologia reforça a agricultura familiar estimulando a diversificação produtiva das lavouras permanentes ou temporárias, mais também das outras atividades como a criação de caprinos, bovinos, ovinos etc., criando ainda a possibilidade de desenvolver atividades não agrícolas, como o comércio, através da inclusão nos mercados institucionais e os circuitos curtos de comercialização, além da agroindústria, do artesanato etc.

Entretanto, foi nos anos 1990 que esse debate se ampliou para além da crítica ao modelo agrícola convencional e passou a se configurar mais fortemente, contando com uma maior especialização e profissionalização dos agentes, bem como uma aproximação do Estado à temática. Hoje, movimentos sociais, igreja, sindicatos, associações de comunidades, ONGs, universidades e o próprio Estado apresentam uma maior articulação e têm buscado alternativas, não só vinculadas ao uso de técnicas produtivas ecológicas, mas também ao sentido social do processo. (CARVALHO, 2008, p. 46)

Os conhecimentos práticos dos agricultores familiares agroecológicos são fundamentais para o desenvolvimento da agroecologia. Dessa forma, “o conhecimento prático dos agricultores é visto como fundamental, por favorecer a ampliação da diversidade genética do ambiente, através da seleção e adaptação em campo de sementes de cultivos locais, contribuindo para o que alguns autores denominam de mosaicos coevolutivos”. (CARVALHO, 2008, p. 63). Essa seleção de sementes naturais tornou-se fundamental para o desenvolvimento da agroecologia no Agreste paraibano e para o conseqüente crescimento do mercado atrativo para a expansão orgânica.

Para o agricultor familiar conseguir produzir e comercializar é fundamental o apoio institucional e o suporte para adquirir o selo verde e, assim, garantir o acesso a mercados mais distantes, ampliando as possibilidades de comercializar produtos processados. Assim, observa-se que a agroecologia não se resume apenas a ser uma alternativa ao padrão técnico, mas pressupõe um contexto social de desenvolvimento. Nesse sentido, as várias redes de agroecologia instituídas no Agreste paraibano são importantes para a difusão do ideário e do desenvolvimento agroecológico.

As redes que atuam na região Agreste e apoiam a Agroecologia são a AS-PTA, a Ecoborborema, o Polo Sindical da Borborema, associações locais, além da CEB's que atuaram ideologicamente a partir da década de 1970 para o desenvolvimento de uma agricultura alternativa e que valorizasse as especificidades de cada agricultor na construção de processos locais autônomos. Nesta perspectiva, Petersen (2007, p. 105) ressalta que,

O programa de desenvolvimento local conduzido pela AS-PTA no agreste da Paraíba concentra sua ação no apoio a processos de transição agroecológica em comunidades rurais dos 16 municípios que delimitam a área de abrangência do Polo Sindical e das Organizações da Agricultura Familiar da Borborema (Polo). A estratégia do programa está orientada para apoiar o aprimoramento das capacidades técnicas, metodológicas, administrativas e políticas das organizações vinculadas ao Polo – que atualmente conta com 16 sindicatos de trabalhadores rurais (STRs), uma associação regional de agricultores ecológicos, 156 associações comunitárias e variados tipos de grupos informais –, para que elas atuem de forma articulada na elaboração, defesa e execução de projetos próprios de desenvolvimento local. Assim, ao

exercer a função de instância articuladora de organizações locais da agricultura familiar, o Polo promove a interatividade entre dinâmicas sociais emergentes que se estruturam e se capilarizam nas comunidades e municípios da região com o objetivo de promover a transição agroecológica dos agroecossistemas regionais.

Dessa forma, cada uma dessas redes contribui para fortalecer a agroecologia no Agreste da Paraíba, com respeito às subjetividades de cada agricultor, sua forma e cultura de produzir na terra. Assim, para Petersen (2007) o Polo Sindical da Borborema<sup>38</sup> vem se articulando com a Agricultura Familiar, com a agroecologia, com as famílias, grupos comunitários, portanto, com iniciativas ao desenvolvimento local.

A AS-PTA instalou-se no Agreste paraibano em 1993, com sede próxima da cidade de Esperança-PB. Possui parcerias com o Polo Sindical da Borborema. A Ecoborborema é uma associação regional que surge em 2002 sob o lema “Natal sem Veneno”, difundindo e fortalecendo a agroecologia na região. A Ecoborborema é responsável por abrir e manter as várias feiras agroecológicas em cidades do Agreste paraibano. Essas redes prestam assistência técnica e logística aos agricultores que as compõe, configurando aspectos das novas ruralidades.

## **2.2 AS NOVAS RURALIDADES E OS MERCADOS PARA A AGROECOLOGIA**

O rural tem peculiares, particularidades e especificidades que nos levam a analisar sua abrangência em uma complexidade que deve ser ressaltada pelos tempos históricos e suas transformações. Ponte (2004, p. 23) ressalta que o rural é como um espaço que apresenta particularidades históricas, sociais, econômicas e culturais que proporcionam sua integração ao resto do território. Mas estas relações não anulam suas especificidades, ao contrário, fazem com que ocorra esta integração e cooperação. Dessa forma, o rural vem passando por transformações externas e internas que configura novos territórios e articulações no espaço rural sob a égide da globalização. De acordo com Wanderley (2011), o “rural” não é uma essência a-histórica, que deva ser reconhecida indistintamente, em todos os lugares e tempos.

Um lugar de confluência de diferentes atores que se relacionam confrontando diversos discursos sobre a ruralidade, disputando as instancias locais de decisão e o uso do espaço rural. Esses atores [...] são caracterizados a partir de sua afinidade com o espaço rural, sendo eles: agricultores e trabalhadores

---

<sup>38</sup> O polo Sindical da Borborema reúne os sindicatos de trabalhadores Rurais de 16 municípios do Agreste Paraibano, a sua origem advém de três fatores: uma ação sindical orientada para o apoio da agricultura familiar e ligada a uma nova geração de dirigentes que aborda a produção agrícola e o meio ambiente; a necessidade de se opor à posição conservadora da federação de trabalhadores rurais do Estado da Paraíba. É membro da Contag, que não aderiu à Central Unificada de Trabalhadores e parceiro dos STR com ONGs regionais em apoio à agricultura familiar sustentável ou agroecológica (SABOURIN, 2009).

rurais (que povoam o rural e fazem dele um lugar de vida e de trabalho); O Estado (com influência a partir de suas políticas sociais- dentre as quais se destacam as da agricultura de seus representantes, agentes de instituições de serviços diversos); agentes de movimentos e organizações sociais, igrejas, associações comunitárias (representando grupos de forças sociais locais); além das empresas, agroindústrias e cooperativas (que atuam na dinâmica econômica do espaço). (RUIZ, 2016, p. 45)

Para Camargo (2010), o termo “rural” aparece pertencente ou relativo ao próprio campo agrícola, mas que muda historicamente com suas funções, representações, organizações econômicas e sociais do campo, coexistindo vários “rurais”. A população rural não é mais exclusivamente agrícola, atravessou mutações que interagem com o passado, que se reinventa constantemente e não mais se apresenta como sinônimo de isolamento. Não há urbanidade sem a permanência, valorização e nascimento do rural. Portanto, há uma complementariedade e um inter-relacionamento de confluência entre urbano e rural.

Para o IBGE (1996), o rural abrange a população e os domicílios recenseados em toda a área situada fora dos limites urbanos, inclusive os aglomerados rurais de extensão urbana, os povoados e os núcleos, havendo privilégio para os núcleos urbanos que centralizam as decisões políticas e administrativas. Assim,

Há pelos menos duas grandes dimensões da globalização contemporânea que atuam de forma cruzada sobre os destinos das áreas rurais. A dimensão econômica – que envolve as cadeias produtivas, o comércio e os fluxos financeiros – tende a agir essencialmente no sentido de torná-las cada vez mais periféricas, ou marginais. Ao lado das novas hierarquias regionais, há vastos territórios que se tornam cada vez mais excluídos das grandes dinâmicas que alimentam o crescimento da economia global. (VEIGA, 2006, p. 334)

Na sociedade atual, há permanências e transformações do espaço rural que, para Veiga, (2006) não tem nada a ver com o passado, tendo em vista uma sociedade tão dinâmica. Dessa forma, as novas ruralidades estão presentes no mundo contemporâneo com uma maior consciência da preservação do meio ambiente e uma valorização do rural ao urbano.

Para Carneiro (1998), as ruralidades são compostas por várias heterogeneidades nos universos culturais, sociais e econômicos. Mesmo com o advento das técnicas, o rural concentra suas formas e especificidades, apesar do crescimento do tecido urbano, o rural persiste mesmo com as alternativas de produção capitalista no campo e nas cidades, este se reinventa com a modernização da agricultura e a pluriatividade adaptada ao modelo vigente. No Brasil,



O espaço rural não se define mais exclusivamente pela atividade agrícola. [...] é significativa a redução de pessoas ocupadas na agricultura, dado que se associa ao aumento do número de pessoas residentes no campo exercendo atividades não-agrícolas e ao aparecimento de uma camada relevante de pequenos agricultores que combinam a agricultura com outras fontes de rendimento [...]. O segundo conjunto de fenômenos refere-se à procura crescente de formas de lazer e até mesmo de meios alternativos de vida no campo, por pessoas vindas da cidade. Esse movimento, que se inicia de forma tímida no Brasil na década de 70, expande-se e encontra a sua legitimidade na divulgação do pensamento ecológico nos anos 90. (CARNEIRO, 1998, p. 56).

A agricultura passa, muitas vezes, a ser uma atividade complementar para os moradores do campo, uma vez que essa passa por uma revalorização, redefinindo hábitos e técnicas. “No contexto da inserção plural do agricultor e do trabalhador rural no mercado de trabalho fica cada vez mais difícil pensar na noção de ruralidade para definir a natureza das relações sociais num espaço determinado” (CARNEIRO, 1998, p. 62). Essas mudanças não implicam em abandonar os laços que o identificam com o passado em suas memórias. O que distingue muitas vezes a categoria pluriativa do agricultor tradicional é a visão empreendedora do primeiro, já que a lógica empreendedora é que está em discussão na agricultura familiar.

Assim, o recorte do rural permanece nas sociedades modernas como emergência das novas ruralidades. Mesmo assim, há espaços rurais que acompanham e estão em consonância com a modernidade que tem seu eixo na cidade, mas, de acordo com Wanderley (2000), há espaços rurais inferiores e frágeis que perduram por séculos.

As novas e múltiplas faces do rural não podem ser vistas como obra acabada. Está em curso uma nova visão do rural, que propõe uma nova concepção das atividades produtivas, especialmente daquelas ligadas à agropecuária, e uma igualmente nova percepção do “rural” como patrimônio a ser usufruído e a ser preservado. (WANDERLEY, 2000, p. 134)

As novas ruralidades reforçam a prática da Agroecologia pelo respeito a cultura local, pela maneira como cada agricultor se insere no modelo agroecológico, preservando o saber e as subjetividades de cada um. Além de trazer consigo os preceitos de estar atuando em redes que articulam a produção para o bem coletivo de forma a desenvolver a localidade e incentivar os aspectos presentes em cada agricultor que vem carregado de saberes de seus antepassados. Assim, a agroecologia é uma expressão da nova ruralidade que busca na “nova” forma de produzir ambientalmente com práticas tradicionais revalorizadas que confrontam a agricultura hegemônica. Sobre essa questão, Carvalho (2008) enfatiza que os espaços locais apresentam laços de sociabilidade, que decorrem dos laços de família, de comunidade, do sentimento de

pertencimento, dos acontecimentos sociais, mas também das relações que se têm com espaços sociais mais amplos, reforçando a agroecologia e as novas ruralidades.

### **2.3 A ORIGEM DA AGROECOLOGIA EM ALAGOA NOVA-PB E A ADESÃO DOS AGRICULTORES AGROECOLÓGICOS**

As primeiras experiências com agroecologia em Alagoa Nova-PB surgem em 2002 com a instalação da feira agroecológica semanal. Esse empreendimento ocorria toda sexta-feira pela manhã ao lado da Câmara Municipal do município. Para a criação da feira destaca-se o papel das associações, das comunidades das áreas rurais e do Sindicato dos Agricultores Rurais do município. De acordo com Manuel A. Oliveira, os sindicatos exerceram forte influência na consolidação das Feiras Agroecológicas do Agreste:

*Já existia uma questão da agroecologia, da agricultura familiar que trabalhava sem veneno, sem agrotóxico, com uma parceria com a AS-PTA, que trabalhava no município de Remígio, Solânea e Lagoa Seca. Depois nós criamos o Polo Sindical da Borborema, implantando a agricultura familiar livre de agrotóxico que é a agricultura agroecológica em oito municípios. Em 2001, teve o Encontro Regional de Agroecologia, onde participou umas duzentas pessoas, entre trabalhador rural, experimentadores, trabalhadores e trabalhadoras rurais e sindicalistas, aí se ampliou o projeto de agricultura Agroecológica aqui na Borborema<sup>39</sup>.*

O movimento todo teve início nas cidades de Remígio, Solânea e Lagoa Seca. Os agricultores tiveram o apoio dos sindicatos que trabalham com vários eixos: Cultivo ecológico, sementes, criação animal, Saúde e alimentação e a comissão da água que trabalha com cisternas de placa. O presidente do Sindicato dos agricultores de Alagoa Nova-PB, o Senhor Manuel A. Oliveira, popularmente conhecido por Nequinho, ressalta que as sementes selecionadas são muito importantes e rentáveis para o agricultor e devem ser preservadas: “*Se nós não tivermos cuidado os agricultores ficam dependentes dessas sementes transgênicas, de laboratório, porque se você vê um quilo de milho transgênico é dezessete reais e um quilo de milho jabatão (crioulo) é dois reais<sup>40</sup>*”. Antes da instalação das feiras já existia experiências agroecológicas no município, conforme ressalta um dos agricultores e fundadores da feira. O depoimento a

---

<sup>39</sup> Entrevista concedida por Manuel A. Oliveira, presidente do sindicato dos agricultores de Alagoa Nova-PB, em 02/07/2017.

<sup>40</sup> Entrevista concedida por Manuel A. Oliveira, presidente do sindicato dos agricultores de Alagoa Nova-PB, em 02/07/2017.

seguir retrata o conhecimento passado de geração em geração e a experiência de uma família que não incorporou as inovações técnicas da modernização da agricultura.

*Rapaz é o seguinte, eu tenho esse privilégio que eu nunca utilizei um tipo de veneno, eu tenho esse privilégio porque eu via meu pai aí nessa casa de farinha, eu via meu pai pegar a manipueira e dava banho no gado ,você sabe que manipueira embebeda gado né, meu pai chegava com um balde num buraco de formiga e despejava um balde de manipueira na formiga pra matar a formiga, aí eu vi meu pai ,meu pai nunca usou agrotóxico, aí eu cresci nesse sistema né, aí eu vi ali nos vizinhos, eu não vou citar os nomes, as vezes faziam o empréstimo aí o empréstimo já vinha descontado o veneno o adubo e tudo, e eu via isso e aí eu nunca fiz empréstimo e aí surgiu essa oportunidade, aí eu nunca usei veneno, aí surgiu essa oportunidade a quinze anos atrás pra gente, um comércio pra gente vender os produtos nossos orgânico aí eu entrei de cabeça, sou um dos fundadores da feira de Campina Grande, fui fundador da feira de Campina Grande, da feira de Alagoa Nova e da de Esperança. Aí entrei de cabeça mesmo, tá dando certo, as coisas tá dando certo. Agora com trabalho e suor não tem moleza não. Quem pensar que a gente se produzir as coisas feia demais e derrubada demais ninguém compra também não, tem que ser mais ou menos né. Porque a mercadoria orgânica ela não é bonita, ela tem qualidade<sup>41</sup>.*

O agricultor agroecológico que concentra a maior produção orgânica do município já plantava sem o uso de agrotóxicos muito antes das feiras agroecológicas, mesmo tendo usado nos anos de 1978 a 1981 produtos químicos, ele parou de vez quando notou problemas de saúde na família.

*Em 81. Eu parei e eu disse de agora por diante, sim e outra coisa, eu tinha uma peste de uma mosca aqui, uma mosca branca, era uma nuvem, meu amigo era um sufoco danado, era uma resistência. Quanto mais botava o Tamaron, ditano, ela não morria não ela era meia singela né. Ai eu fui um homem que fui pras entrevistas, fui contra a BAYER, não sei como não fui inter preso, porque eu falei mesmo nos movimentos, na ASP-TA, ali nos Maristas né em reuniões que eu ia do Polo e da ASP-TA, e eu falava com força. Eu fui fazer umas entrevistas até lá nas câmaras dos deputados lá em João Pessoa e contra a Bayer, porque foi uma coisa que o governo colocou no mundo que é pra matar os seres vivos da terra e os seres vivo humano. E nisso fui um homem que mim destaquei defendendo a natureza e eu fui um homem perseguidor da natureza também por que? Porque tinha precisão de matar os pássaros pra se alimentar. Eu matava os preá, matava as rolinhas, os lambus, as codornas e digo a você, não era porque eu ser maldoso não, era porque eu não tinha a mistura pra colocar na minha mesa<sup>42</sup>.*

Em 1993, seu Inácio relata que mesmo não havendo as feiras agroecológicas instituídas, já vendia suas frutas e verduras na feira do município. “Em 93 foi que comecei a fazer a feira

<sup>41</sup> Entrevista concedida por agricultor do Sítio Ribeiro, em 02/08/2017

<sup>42</sup> Entrevista concedida por seu Inácio Luna de Oliveira, em: 17/04/2017

*agroecológica, comecei a vender em Alagoa Nova. Agora antes eu já levava pela madrugada um pimentão, um alface, um coentro e já entregava aquelas mulher da feira”.* Foi um dos fundadores das feiras agroecológicas de Campina Grande, Esperança e Alagoa Nova, com o apoio de ONG`s que dão suporte logístico, jurídico e técnico nas feiras.

*Já tinha uma clientelazinha, ai depois quando surgiu essas feiras da agroecologia, eu como produtor, acharam de mim resgatar, o Polo Sindical, a ASP-TA, ai fiquei envolvido na ASP-TA, trabalhei um bocado de anos, eu era um dos fundadores das Feira Agroecológica. De Campina Grande, Esperança, Alagoa Nova<sup>43</sup>.*

*Eu fui um dos fundadores em 2003 nós fizemos o natal sem veneno em Campina Grande, porque a primeira feira agroecológica foi em 2002 em 2001 em Lagoa Seca ,lá foi onde surgiu o movimento ai disseram que tava crescendo muito e tinha que aparecer mais agricultores que trabalhavam de forma correta pra fundar outra feira em Campina Grande aí eu fui convidado pelo irmão de Zé Pequeno que já fazia parte e aí ele disse é eu tenho um irmão que é o principal pra estar nessa feira, se chama Inacinho, ai eu fui participei fundamos a feira no museu do algodão na antiga estação velha em 2003 ,no dia 23 de Dezembro de 2003, lembro como hoje<sup>44</sup>.*

Outra feirante fundadora da feira agroecológica de Alagoa Nova, Dona Maricéia Cavalcante Costa, vende frutas, hortaliças e plantas medicinais nas feiras de Alagoa Nova-PB e Esperança-PB. Ela leva plantas medicinais como a arruda, o alecrim, o manjerição, erva cidreira, capim santo, mel de abelha e xaropes caseiros medicinais, prepara remédios caseiros a base do guandu, do mamão, do ovo de pato e outros produtos para serem comercializados.

*Preparo xaropes medicinais para tosse feito de cebola branca, limão, mel de urucú, mastruz, mangará de banana. Preparo também o café do guandu, onde misturo com açúcar, e torrado e misturado com café, serve para labirintite. O guandu serve para combater o colesterol e ajuda na circulação do sangue, tanto do homem, quanto de animais. Os xaropes são comprados por pessoas mais idosas<sup>45</sup>.*

Nos arredores de casa assim chamados no Agreste da Paraíba, existem plantas medicinais, animais de criação, como a galinha de capoeira, que serve como complemento de renda nas feiras agroecológicas que os agricultores participam, geralmente, com as mulheres à frente dessas atividades.

A área da propriedade mais perto de casa, denominada na região da Borborema “arredor de casa”, tem tido um papel cada vez mais importante na produção

<sup>43</sup> Entrevista concedida por seu Inácio Luna de Oliveira, em 17/04/2017

<sup>44</sup> Entrevista concedida por seu Inácio Luna de Oliveira, em 17/04/2017

<sup>45</sup> Entrevista concedida pela agricultora Maricéia Cavalcante Costa, em 16/04/2016

de alimentos para o consumo da família e para a melhoria da renda. O arredor de casa ou quintal é onde se criam os pequenos animais como galinhas, perus, porcos, coelhos e outros; é onde se estabelecem diferentes fruteiras como acerola, goiaba, manga, cajá, caju e outras, disponibilizando frutas para o consumo da família e para beneficiamento e venda, inclusive nas regiões mais secas. É no quintal que estão as verduras como coentro, couve, quiabo e outras que enriquecem a dieta das famílias com vitaminas e ainda é o local onde são cultivadas as plantas medicinais (BRASIL, 2011, p. 10)

Na feira agroecológica de Alagoa Nova-PB participam 10 feirantes vendendo frutas, plantas medicinais, hortaliças, animais como, a galinha de capoeira, etc. Existem outros agricultores que participam de feiras em outros municípios, como Esperança-PB e Campina Grande-PB e há os que vendem exclusivamente para a empresa Hortaliças Sempre Verde.

A agricultura familiar agroecológica traz à tona os princípios de sustentabilidade e desenvolvimento em que a busca por autonomia se torna fundamental diante dos meios de intermediação existentes, que cooptam parte da produção que seria pelos princípios da agroecologia, destinado à venda direta ao consumidor nos centros urbanos. A lógica agroecológica surge no Agreste paraibano mesmo antes da efetivação da agroecologia local.

Para esta quebra das representações dominantes as feiras agroecológicas têm sido um meio de divulgar esses produtos e dar um melhor retorno ao agricultor. Nesses espaços, tem sido possível diferenciar a produção e os produtores agroecológicos dos produtos convencionais, ainda que:

O interesse do grande varejo por esse tipo de produto tem revelado que, quando o apelo à produção ecológica e tradicional torna-se simplesmente uma estratégia de marketing, as qualidades diferenciadoras do produto podem ser apropriadas pelos atores com maior portfólio de recursos. O patrimônio cultural e natural é mercantilizado e artificializado. (NIERDELE, 2013, p. 39)

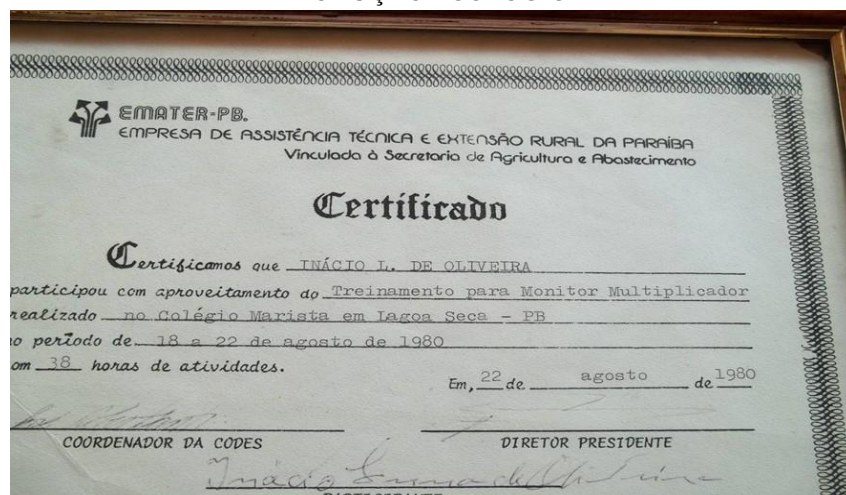
O município de Alagoa Nova-PB foi um dos pioneiros do estado a fundar os bancos de sementes, denominados e conhecidos como “Sementes da Paixão”. A seleção já vinha acontecendo anualmente a cada plantio. Mas, com a fundação dos bancos comunitários, a garantia de sementes anuais se tornou um dos fatores mais importante para a produção local, garantindo mais independência de insumos externos. Em 1974, um dos pioneiros da plantação de hortaliças destaca:

*Nas hortaliças foi em 1974, em 74 eu já comecei a plantar um, dois canteiros de pimentão, em 1974, agora eu me graduando mais em 1979 a 1980 que foi quando eu ingressei na EMATER e já comecei com a diversificação. Começou assim eu plantava bananeira, eu sempre fui assim no meu sítio eu diversificava, não só fazia uma plantação não, porque quando uma não tinha*

*preço a outra tinha. No caso a banana, a banana quando chega a época de estiagem acaba a banana, ai foi o jeito eu abrir umas cacimbas manual, fazer umas verdurinhas, ai eu fazia essa plantaçozinha de canteiro, ai eu fazia isso em graduação, quer dizer a água descia em gravidade. Quando fazia essa gravidade ai era dois três canteiros e a água chegava lá muito cansadinha e ele levava um espaço grande, mais eu tinha um menino mais velho que é Wilson e eu enchia um regadorzinho e ele saia alimentando mais os canteiros<sup>46</sup>.*

Seu Inácio como um dos pioneiros no município a produzir de forma ecológica participava de encontros proporcionado pela EMATER e por instituições locais como as associações com cursos e capacitações. Esse conhecimento empírico e adquirido via capacitações era repassado para os agricultores e, aos poucos, consolidava uma política agroecológica na região.

FIGURA 16: CERTIFICADO QUE HABILITAVA SEU INÁCIO MONITOR MULTIPLICADOR DE PRODUÇÃO ECOLÓGICA



Fonte: Arquivo de campo do autor.

A feira agroecológica de Alagoa Nova surge dessa prática autônoma desenvolvida pelos atores pioneiros das sementes da paixão e, posteriormente surge a feira agroecológica, que atualmente concentra cerca de 10 (dez) barracas de feirantes, os quais vendem sua produção aos sábados na mesma rua da feira convencional. O sindicato local dos agricultores e o Polo Sindical apoiam a manutenção da feira. Para Mariano Neto (2006), na agroecologia, está implícita a compreensão de que a agricultura ecológica é um sistema que busca produzir sem impactos ambientais e sociais negativos, com maior sustentabilidade e menos riscos sócioambientais. As figuras a seguir são da feira agroecológica.

<sup>46</sup> Entrevista concedida pelo agricultor Seu Inácio Luna, em 17/04/2017.

FIGURAS 17 E 18: FEIRA AGROECOLÓGICA DE ALAGOA NOVA-PB



Fonte: Severino J. Sobrinho - 24/02/2017.

A feirinha de Alagoa Nova-PB reúne agricultores oriundos dos sítios Boa Esperança, Cajueiro, Juá e Pau D`arco. A principal feirante e uma das fundadoras da feira, Maricéia Cavalcante Costa (“Dona Maricéia”), trabalha mais com o uso de plantas e preparados medicinais para fins curativos e de promoção à saúde. Ela prepara xaropes medicinais contendo: cebola branca, limão, mel de uruçú, mastruz, mangará de banana. Prepara também o café do guandu misturado com açúcar, torrado e misturado com café que serve para labirintite. Ressalta que o guandu serve para combater o colesterol e ajuda na circulação do sangue, tanto do homem, quanto de animais. Os xaropes são comprados por pessoas mais idosas.

Além de vender frutas e hortaliças produzidas em sua propriedade do Sítio Pau D arco, na feira, ela sempre está com o selo de produção agroecológico, fornecido pelo MAPA (Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento), sempre amostra na barraca. Dona Maricê diz que faz 53 anos que está morando em Alagoa Nova, veio morar no ano de 1965. Antes morava em Lagoa Seca-PB. Sua família é composta por dez filhos. A propriedade possui aproximadamente 16 hectares, onde produz:

Bananeira, feijão, rama de batata, roça, o guandu é o principal e a mandioca, alface, coentro maracujá, jiló, chuchu, cebolinha, pimentão, jerimum, batata doce, feijão macaça. Eu produzo para o sustento da família e para vender. Eu vendo nas feira em Alagoa Nova, Esperança, vendia em Campina Grande ao PAA (Programa de Aquisição de Alimentos), mas acontece que acabou aquele projeto. Porque a gente chegava na feira do Algodão, era limão, era farinha, era banana, jaca, manga e foi três anos que vendi e foi até 2014 que eu vendi ai depois acabou e eu perdi muita batata doce<sup>47</sup>.

Dona Maricê, viúva há quatro anos, diz que desde que veio morar em Alagoa Nova-PB, nunca usou produto químico na sua produção, sempre utiliza produtos naturais na agricultura.

<sup>47</sup> Entrevista concedida por Maricéia Cavalcante Costa (Dona Maricê), em 02/03/2017.

Hoje em dia ela está envolvida em movimentos sociais, sindicatos, associações, mas nem sempre foi assim, *“eu tinha era raiva do sindicato, porque Severino meu marido colocava um morador pra morar no sítio da gente aí depois ele saía e botava no Sindicato, aí a gente era obrigado a pagar pelos anos que ele tava morando lá<sup>48</sup>”*. Hoje a agricultora não pensa assim, está envolvida em movimentos sociais sendo articuladora das feiras agroecológicas na região, e participa da feira de Esperança-PB, conforme figuras abaixo:

FIGURAS 19 E 20: FEIRA AGROECOLÓGICA DE ESPERANÇA-PB



Fonte: Severino J. Sobrinho - 03/2017.

Seu Inácio Luna foi um dos fundadores das feiras agroecológicas na região, mas antes ele cultivava junto com seu pai, era monocultora, mas sempre trabalhando na agricultura. *Sempre, quando nasci os dentes já vivendo na agricultura, com seis anos eu já estava levando pra feira de agave para se cuidar e meu pai naquele tempo já na agricultura na seca era puxar agave, para sobrevivência, para levar e adquirir a feira<sup>45</sup>*. (Seu Inácio Luna, 17/04/2017). Após trabalhar na feira da cidade de Esperança, a família de seu Inácio Luna começa a vender hortaliças no ano de 1993.

<sup>48</sup> Entrevista concedida por Maricéia Cavalcante Costa (Dona Maricê): 02/03/2017



FIGURAS 21, 22 E 23: PROPRIEDADE NO SÍTIO RIBEIRO DE SEU INÁCIO E CAMINHÕES PIPA ABASTECENDO A PRODUÇÃO.



Fonte: Severino J. Sobrinho - 17/04/2017 e 19/02/2018

Seu Inácio e os agricultores do Sítio Ribeiro trabalham nos moldes da agroecologia há mais de uma década e se conscientizaram da importância de não usar agrotóxicos. Seu Inácio é considerado o maior produtor agroecológico do município, tem mais de 30 funcionários e toda a produção é destinada ao mercado atacadista, por meio da empresa Hortaliças Sempre Verde, cujo proprietário é seu genro. Antes sua produção era destinada às feiras. No período de estiagem, Seu Inácio comprou vários caminhões pipas para a produção de hortaliças, este fato não pressupõe que a Agroecologia preconiza a utilização interna de insumos para a produção.

A partir da produção agroecológica de Seu Inácio Luna é que se dá o processo de comercialização da produção orgânica para as redes atacadistas da Paraíba, a princípio, e em seguida para o Rio Grande do Norte e Pernambuco, por parte da Hortaliças Sempre Verde. Mesmo vendendo nas feiras agroecológicas da região, a maior parte da produção de Seu Inácio era destinada a empresa do genro. Nesta perspectiva, havia em curso uma contra ideologia ao que é estabelecido pela agroecologia e suas respectivas feiras que é a produção familiar com certificação participativa e venda direta ao consumidor final, pontos esses que não era seguido por alguns feirantes da Ecoborborema.

No entanto, os dirigentes da Ecoborborema relataram que após haver um desentendimento entre seu Inácio Luna e Diógenes (técnico da AS-PTA), ele sai das feiras e se dedica apenas à oferta e parceria com a Hortaliças Sempre Verde de seu genro Francinildo Pimentel. Saindo por conta própria sem comunicar à Diretoria na época, conforme relata o agricultor Orlando Soares Correia que, na época era presidente da Ecoborborema e, atualmente, faz parte da Diretoria como fiscal, vendendo produtos também a Sempre Verde.

*Assim seu Inácio já tinha vontade de sair na verdade há muito tempo depois que ele começou a crescer no negócio ele queria sair né ai houve um problema com Diógenes, ai houve uma questão com Diógenes por causa disso aí, agora não precisava não num sabe, pra ele sair não precisava dele ter feito aquilo não, ali foi uma fraqueza que até Nequinho falou, todo mundo reconheceu que aquilo foi uma fraqueza de seu Inácio grande porque se ele queria sair nada impedia dele chegar né e falar né com a diretoria, não precisava não, porque os fundador dessas feiras todinha de Campina foi eu dos mais antigos que tá só ta eu, lá em Campina seu Paulo Ferreira, Juvenal de Massaranduba, dona Maricé. Esses outros são tudo novato porque a gente fundou em 2002 e fundemos a Associação em 2005.<sup>49</sup>*

Nas fiscalizações feitas pela Ecorborema, a partir da criação, descobriram algumas irregularidades como o uso de compostos químicos como o carbureto usado na banana para o amadurecimento precoce, o que resultou em algumas expulsões e saídas de alguns membros da organização.

*A gente recebeu umas denúncias e os cabras estava certo, quando a gente foi fazer uma investigação pegamos no flagra um deles usando carbureto<sup>50</sup> na banana, fora outras práticas que foi descoberta. Ai na feira agroecológica do Catolé tem Paulinho, filho de seu Paulo foi um dos que foi expulso da feira, mas teimou, teimou e botou uma barraca lá encostado lá e vende lá é complicado viu, ai depois desse negócio saiu tanta da gente que não acreditou depois que esses cabas começaram a botar troço de novo! E os que foram expulsos ficam queimando os que estão dentro. Ai na época a gente barrou os projetos do PAA deles ainda iam começar os projetos ai a gente barrou, tirou os projetos deles tadinho. Eu e Irenaldo fomos ameaçado até de morte com esses muídos aí, fui ameaçado de morte, por alguém daqui, nascido e criado junto fazendo a coisa errada e porque foi punido e querer fazer isso, a gente não podia passar a mão na cabeça dele pra beneficiar ele e prejudicar uma grande maioria mais de setenta famílias, e por causa de um não podia ser prejudicado<sup>51</sup>.*

Dessa forma, algumas insatisfações foram sendo postas pelos agricultores que formam a Ecorborema pela conduta contrária aos princípios da Agroecologia, como a venda a atravessadores como a Hortaliças Sempre Verde, até que Seu Inácio Luna deixa de vender nas feiras e destina sua produção exclusivamente para a Hortaliças Sempre Verde, empresa que faz parte da família, pois sua filha é a vice-presidente da agroempresa. Tem-se uma influência agrícola por parte da empresa e da família de seu Inácio Luna e ideológica devido à atuação da família nas instituições das feiras agroecológicas na região. Mesmo sendo um dos fundadores

<sup>49</sup> Entrevista concedida por um agricultor agroecológico do Assentamento Carrasco, em 10/04/2018.

<sup>50</sup> Carbeto de cálcio, popularmente chamado de carbureto de cálcio e, muitas vezes, apenas como carbureto.

<sup>51</sup> Entrevista concedida por um agricultor agroecológico do Assentamento Carrasco, em 10/04/2018.

das feiras e sua importância para a consolidação delas é importante destacar a dupla participação nas feiras e na empresa do genro.

*Não eu sempre fui se graduando, quando foi em 2003 quando estava bem se avançado né aí a gente foi fazendo a demanda a mais, vamos supor eu sempre levava os produtos e vendia aos colegas mesmo na feira. Já a demanda já foi aumentando. A minha fonte de renda foi muito boa. Aí ia se graduando, se graduando aí chegou um espaço que as mercadorias daqui as feiras não estavam dando conta, aí surgiu já, nós tinha já a Hortaliças Sempre Verde que é da minha filha e do meu genro e ele nós conversando aqui e ele disse não seu Inácio se sobrar aqui a gente vamos colocando na empresa. E foi nisso que se estendemos muito aí eu fui criando gosto com a coisa, mas sempre não só vivi só da hortaliças não. Meu sítio tem banana, tem laranja, tem abacate, tem jabuticaba, é uma diversificação. Porque eu acho que o agricultor que é agricultor é aquele que planta de um tudo<sup>52</sup>.*

Seu Inácio Luna destaca o motivo de não estar mais participando das feiras, além de ter se desligado dos sindicatos e associações que representam a agricultura familiar e de base agroecológica. Hoje é o principal fornecedor atacadista de produtos orgânicos para a Hortaliças Sempre Verde.

*Já vinha vendendo um pouco a parte pra ele Severino, e depois aí passei de vez, porque eu mim achei cansado como eu disse agora em entrevista, mim achei cansado e daí achei de deixar a madrugada, que a minha madrugada eu fazia na quarta-feira pra Campina Grande e no Sábado pra Esperança e Alagoa Nova, deixava o filho vendendo em Alagoa Nova, o Zé Neto e ia mais Wilson vender em Esperança, aí ficava muito cansativo né, a gente produzir e madrugar e achemos muito bom a Hortaliça porque ela aqui é de pai pra filho é um, ela não sabe, ela vai, vai tirar o pão da boca de um pai, a minha filha não tira não, a gente, o problema é esse, ainda ontem eu conversando com ela, ela disse pai não se preocupe porque as coisas estão dando certo, mais também não pode sobrar mais nada, não tá sobrando não e se eu disser pra vocês que o que tá salvando a gente aqui é que nós empatamos, e abrimos dívida pra pagar daqui a uns anos, uns anos e vamos pedir força a Deus pra gente sair fora, porque a empresa se parasse ia matar muito passarinho, que eu chamo os passarinhos de fome viu. Porque se essa empresa fechasse, porque se Alagoa Nova hoje tem que agradecer a Deus e hoje a um homem que teve um espírito de empreendedor e empresarial, o Francinildo Pimentel, garoto novo, praticamente um homem novo, hoje está com os seus 37 anos, homem que ainda não está amadurecido mesmo, o homem só amadurece depois dos seus anos. E ele é um homem que tem um grande futuro, eu acredito muito nele porque ele tá um homem que tem um belo futuro, eu acredito porque ele é um homem que não olha só ele, é um homem queimado do sol, sacrificado, que muitos não tem a vida dele, ao nível que ele é, doando, se matando, mais Alagoa Nova tem que tirar o chapéu, porque aquele homem não é porque é meu genro, é porque o velho aqui está dizendo a verdade, quem é que não tem defeito quem não tiver defeito atire a primeira pedra, ele tem*

---

<sup>52</sup> Entrevista concedida pelo agricultor agroecológico Seu Inácio Luna, em 17/04/2017.

*seus defeitos, tem, mas como um homem de bom pensamento de ajudar o povo ele se modifica, ele se modifica. Também se amanhã ou depois ele tiver num patamarzinho bom ninguém se elogiar não, porque ele fez, ele ajudou muitos, e quem ajuda muito será abençoado, é o que eu tenho pra dizer, Severino e quero dizer a você que Em Alagoa Nova é muito pouco, tem homem rico em Alagoa Nova, mas tem dois, três salários pra pagar, e eles tem milhares, ele tem uns trezentos a quatrocentos funcionários em torno dele. E digo a você, se tivesse em Alagoa Nova homens, distinguido no nível dele, Alagoa Nova não passava por tantos problemas que têm<sup>53</sup>.*

As Sementes da Paixão foram a base da criação e fortalecimento da Agroecologia e criação das diversas feiras agroecológicas no Agreste. As visitas de intercâmbios a agricultores da região sul do Brasil e em outros países da América e até do continente africano foram primordiais a efetivação de práticas autônomas de agricultores da região. Os intercâmbios e a troca de experiências foram o despertar para a conservação e preservação das sementes nativas.

*Eu fui o fundador das feiras agroecológicas, fui o presidente, o primeiro presidente da Ecoborborema, que é uma associação dos agricultores e as agricultoras que faz a agroecologia. Portanto, nós fomos, eu fui um dos primeiros fundadores, o primeiro fundador da Ecoborborema.[...] Eu não estou fazendo parte mais das feiras eu me desliguei, porque hoje em dia a luta aumentou mais, eu faço muito reunião no meio do mundo porque eu sou um agricultor experimentador, eu bato essa Paraíba toda e bato até fora daqui, eu conheço muitos países por ai afora, eu conheço até o Paraguai, levando experiência e trazendo experiência para a minha comunidade e para o Pólo Sindical e a Ecoborborema. Quer dizer esses conhecimentos dessas feiras agroecológicas nós fomos no Rio Grande do Sul vê como é que eles faziam o comércio das sementes das feiras das sementes da casa das sementes e por meio disso ai a gente fundou as feiras e aonde tinha uma falta de experiência de Agroecologia a gente levou e assim por diante, é um intercambio por esse Brasil e até fora do Brasil<sup>54</sup>.*

A partir da criação da feira agroecológica da Estação Velha, em Campina Grande e em Lagoa Seca, surgiram outras em diversos municípios, conforme relata seu Zé Pequeno, o primeiro presidente da Ecoborborema: “Foi na Estação Velha e de Esperança e de Lagoa Seca. Eu comecei em Lagoa Seca, depois fundamos a feira do Museu do algodão, depois fundamos a do catolé e depois a de Esperança, a de Alagoa Nova, a de Remígio e daí por diante. Foi se estendendo por ai afora é muitas feiras agroecológicas já, em Massaranduba e assim por diante”<sup>55</sup>. Esse despertar vem contribuindo para o desenvolvimento e fortalecimento da

<sup>53</sup> Entrevista concedida pelo agricultor agroecológico Seu Inácio Luna, em 17/04/2017.

<sup>54</sup> Entrevista concedida pelo agricultor e idealizador das sementes da Paixão na Paraíba, seu José de Oliveira Luna (Zé Pequeno), em 05/09/2017.

<sup>55</sup> Entrevista concedida pelo agricultor e idealizador das sementes da Paixão na Paraíba, seu José de Oliveira Luna (Zé Pequeno), em 05/09/2017.

agricultura familiar em meio aos processos homogeneizadores de várias redes/empresas alimentícias que expropriam e se apropriam do patrimônio histórico e cultural do agricultor.

Como já o dissemos, de maneira geral, a produção agroecológica do município de Alagoa Nova tanto é comercializada nos mercados das feiras agroecológicas, quanto no comércio atacadista, através da empresa Hortaliças Sempre Verde. O principal elemento do contrato estabelecido entre a empresa e os agricultores agroecológicos é o financiamento de kits de irrigação para a manutenção dos cultivos. Até onde foi possível investigar, constatamos que o contrato estabelecido entre a empresa e os agricultores é, na maioria das vezes, firmado verbalmente, não há uma documentação formal. Segundo os próprios agricultores/integrados, empresa fornece também equipamentos de infraestrutura como os tratoritos<sup>56</sup>, caso o agricultor necessite, a Hortaliças Sempre Verde disponibiliza as sementes para a produção. O reembolso de todo o investimento é feito após a colheita, ou seja, no momento de entrega da produção, quando a Empresa vai descontando os investimentos feitos. Embora não tenha ficado claro, o percentual do desconto fica a critério do agricultor. Os contratos são firmados por tempo indeterminado, ou seja, não têm data para terminar. A seguir, têm-se relatos de agricultores/integrados que ressaltam a visão deles acerca da relação contratual com a empresa.

*Ele queria fazer mais eu não quis, não por causa das feiras, porque eu tenho que tirar uma parte das mercadorias pras feiras né. Porque eu faço com ele o seguinte sabe, faço como uma poupança, eu só vou lá de ano em ano sabe, eu ponho a mercadoria e ponho a data, aí apresento a ele ou ao gerente dele no final. No final do ano eu vou lá e recebo, aí já é o décimo terceiro do agricultor sabe<sup>57</sup>.*

*Eu trabalhava na fábrica, Alpargatas, aí tinha um menino lá e eu tava com vontade de sair aí ele falou, vende couve a Francinildo rapaz planta couve, tu vende a ele e ele compra. Eu tinha vontade de sair da Fábrica. Sai e mesmo assim fiquei com aquele receio né, aí comecei a plantar coentro aqui, comprei uma bombinha sapo, ganhei uma bombinha daquele programa PAIS (Projeto Produção Agroecológica Integrada e Sustentável), aí comecei a plantar aqui, comprei umas mangueiras, num sabia usar a mangueira, perdi muita mangueira aí tinha um menino veio aqui e disse, oxe, né assim não rapaz. Aí foi e me ensinou aí ele disse vende a Francinildo, nessa época eu vendia nas escolas pra o PNAE, entrava com banana, couve e coentro. Aí sai do Programa e fui lá em Francinildo falei pra ele e ele disse: Plante que eu compro, você precisa de que? Eu falei. Aí eu fui lá em Eneias no CEASA (Central Estadual de Abastecimento), comprei os troços, uma bomba maior. Aí a pessoa vai botando lá e pagando, vai botando mercadorias e descontando. Aí já fazer dois anos agora que eu vendo prá ele. Falei com ele e ele mandou uma máquina prá fazer um poço aqui também. Aí no começo ele*

<sup>56</sup> Mini trator manual, movido a óleo diesel que serve para arar/preparar a terra para o plantio.

<sup>59</sup> Entrevista concedida por um agricultor agroecológico do Sítio Ribeiro, em 09/04/2017.

*falou pra mim: Plante couve, aí foi melhor pra mim do que o coentro, hoje eu só tô com o couve*<sup>58</sup>.

Alguns informantes afirmaram que uma das condições exigidas no contrato estabelecido entre a empresa e os agricultores/integrados era exclusividade na comercialização dos produtos. Contudo, foi assinalado por outros agricultores integrados, ao serem entrevistados, que estes também comercializam nas feiras livres.

Uma situação que exemplifica essa última constatação foi percebida no Assentamento Carrasco, que fica na divisa entre Alagoa Nova-PB e Esperança-PB, lá são oito agricultores integrados que vendem à Hortaliças Sempre Verde. Segundo esses, não há exigência de exclusividade, assim alguns comercializam nas feiras, vendem para os programas institucionais - PAA<sup>59</sup> (Programa de Aquisição de Alimentos), para o PNAE<sup>60</sup> (Programa Nacional de Alimentação Escolar) - e para a Empresa, outros destinam sua mercadoria só para a empresa.

*Eu tava com dificuldade em casa aí decidi procurar nosso amigo Francinildo, que já foi meu pãozeiro, já comprei a ele e hoje ele compra a mim. Aí disse que queria vender pra ele e ele disse vá pra casa e converse com todos os meninos, lá com os assentados tudo, que eu quero que vocês tudo produza pra mim. Eu disse, meu filho muitas vezes a gente não tem condições de produzir porque a irrigação é muito alta, o valor é muito alto e a gente não tem essa condição. Ele disse vá pra casa e depois vá pra Campina e o que precisar vocês traz só a nota pra mim. Comprei quase quatro mil reais de troço, aí depois os outros daqui do Assentamento Carrasco foram querendo também (...)*<sup>61</sup>.

Apesar de considerarem aparentemente vantajosa e positiva a comercialização com a Empresa, os agricultores integrados do Assentamento Carrasco alegam ter o certificado da produção agroecológica e, por isso mesmo, vendem nas feiras, mas a produção vendida para a Hortaliças Sempre Verde é paga no valor equivalente ao das hortaliças convencionais, conforme

<sup>58</sup> Entrevista concedida por um agricultor do sítio Gameleira, em 19/02/2018.

<sup>59</sup> O PAA foi instituído pelo artigo 19 da Lei nº 10.696, de 2 de julho de 2003, e regulamentado pelo Decreto nº 7.775, de 4 de julho de 2012. No referido decreto, foram previstas finalidades como o incentivo à agricultura familiar e ao consumo de alimentos produzidos pela agricultura familiar, a promoção do acesso à alimentação às pessoas em situação de insegurança alimentar e nutricional, o abastecimento alimentar por meio de compras governamentais, a constituição de estoques públicos, bem como o fortalecimento do cooperativismo e associativismo.

Disponível em: ([http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/17\\_07\\_18\\_14\\_41\\_42\\_compendio.pdf](http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/17_07_18_14_41_42_compendio.pdf)). (Acesso em 21 fev. 2018).

<sup>60</sup> O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) oferece alimentação escolar e ações de educação alimentar e nutricional a estudantes de todas as etapas da educação básica pública. O governo federal repassa a estados, municípios e escolas federais, valores financeiros de caráter suplementar efetuados em 10 parcelas mensais (de fevereiro a novembro) para a cobertura de 200 dias letivos, conforme o número de matriculados em cada rede de ensino. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/pnae>. Acesso em: 21 fev. 2018)

<sup>61</sup> Entrevista com o presidente da Associação do Assentamento Carrasco, em 19/02/2018.

relata um assentado. “A gente entrega como agroecológico, mas na verdade tem uma deficiência que a gente recebe como convencional, ainda não teve uma negociação sobre esses valores, né? Na verdade, a gente tá produzindo de uma forma e recebendo de outra<sup>62</sup>”.

O Assentamento Carrasco é uma área privilegiada, a produção é bem satisfatória, possui solos desenvolvidos e possui acessos à água através da bacia hidrográfica do Camará, o riacho Riachão viabiliza a captação de água em cisternas para o autoconsumo. A reserva ecológica possui 12,9 (doze, nove) hectares e corresponde 20% das terras do assentamento, sendo de fundamental importância para a preservação da vegetação nativa e o cultivo da apicultura e uma área para produção de 48 hectares.

A produção do Assentamento Carrasco tem a certificação participativa para vender diretamente nas feiras agroecológicas. Dessa forma, há uma lógica em curso que foge do ideário agroecológico da agricultura familiar com os assentados destinando sua produção ao atravessador, nesse caso, à Empresa Hortaliças Sempre Verde. Apesar de muitos estarem incluídos em programas e políticas como o PAA e PNAE, percebeu-se na fala dos entrevistados uma satisfação nesse tipo de vínculo com a empresa, pois tem a garantia de que conseguirão comercializar seus produtos sem a burocracia dos programas institucionais e os intempéries climáticas.

*É tá melhor por causa que com ele é direto, de seca a inverno, como se diz caro ou barato ele compra né, já tem entrega certa, ou caro ou barato, feira não, feira tá caro hoje amanhã tá barato, tá de graça, tem perca né, e ele não né a perca é muito pouco e ele pega de seca a inverno, direto já eu já tenho o contrato certo ai eu, como se diz um fornecedor desse. É... se aparecesse outro desse no município de Alagoa Nova, por exemplo, Francinildo hoje em parte de verduras ele pega quase todas, ai se aparecesse outro, outro fornecedor desse prá pegar, outro empresário desse como se diz, porque a palavra certa é empresário, um empresário desse pra pegar o que? pra pegar batata doce, laranja, banana, essas outras frutas, seria o que? Alagoa Nova tava praticamente né, porque hoje mesmo, Francinildo hoje ele, ao todo que trabalha pra ele quem fornece pra ele, eu não tenho ideia de quantos trabalhador só ele mesmo que mais ou menos sabe quantos trabalhador, mais é muito. Um empresário que nem ele hoje é como se diz se tivesse outro da linha dele pra comprar macaxeira, batata, milho, essas outras frutas mais grossas como se diz né, sem ser verdura, aí Alagoa Nova, como e diz, tava sossegado né Alagoa Nova do campo<sup>63</sup>.*

Para a empresa Hortaliças Sempre Verde o assentamento tem importância fundamental, é uma espécie de “nicho orgânico” para assegurar o abastecimento do mercado que a Empresa

<sup>62</sup> Entrevista concedida por um agricultor agroecológico do Assentamento Carrasco, em 21/02/2018.

<sup>63</sup> Entrevista concedida por um agricultor do sítio Honorato, em 22/09/2017.

abarca. Talvez por isso a Empresa flexibilize o contrato, permitindo que os agricultores integrados comercializem de outras maneiras sua produção.

*A minha laranja mesmo eu boto pro PAA né, em Campina Grande, e pro PNAE também. Esse ano a gente botou um pouco aqui pro município de Esperança. Participei do PAA pelo Estado, mas esse ano é pro município, só que a gente encontrou uma desvantagem que foi uma cooperativa. Um problema grave que tá se formando e gerando uma bola de neve que é as cooperativas tomando de conta, tomando de conta e tirando os agricultores da região, tá vindo cooperativa de Sapé e tomando de conta. A gente tem a DAP, mas quando vem a cooperativa ela joga os preços lá em baixo e derruba todo mundo<sup>64</sup>.*

Este relato, de um dos agricultores/integrados, assentado evidencia a não exclusividade da venda para a Hortaliças Sempre Verde, através da menção feita às dificuldades que se colocam em função da concorrência das Cooperativas pela participação nos programas institucionais. A fotografia que segue ilustra uma família de agricultores/integrados fornecedores de hortaliças e tubérculos à Empresa.

FIGURA 24: FAMÍLIA DO SÍTIO HONORATO COLHENDO COENTRO PARA A HORTALIÇAS SEMPRE VERDE



Fonte: Severino J. Sobrinho - 17/09/2017.

Em média, as famílias dos agricultores integrados se assemelham a esta da figura acima, composta por quatro a seis pessoas (pai, mãe e filhos). Com essa disponibilidade de mão de obra, a família colhe em média de 1.000 a 2.000 molhos de coentros em 01 dia de trabalho, a depender da solicitação da Empresa. Essa família da foto reside no Sítio Honorato e produz

<sup>64</sup> Entrevista com um agricultor agroecológico do Assentamento Carrasco, 21/02/2018.



hortaliças e tubérculos, eventualmente ainda paga diárias a dois trabalhadores, quando a demanda da Empresa aumenta muito, conforme relato abaixo. A diária paga na região é de R\$40,00 (quarenta reais).

*Eu tenho que plantar para ele, eu não sou obrigado a plantar para ele, mas também tem que produzir né, porque se eu não plantar eu não tenho, eu não vou arrumar como pagar meu trabalhador. Por semana pago 05 dias, aí de vez em quando, aí pega, como se diz, arrocha mais uma coisinha, aí eu já pego outro por fora, outro trabalhador por dois, três dias<sup>65</sup>.*

*Agora eu tenho trabalho aqui prá 05 homem, mais onde é que eu vou arrumar dinheiro pra pagar a 05 homem? Porque eu tenho ali olha aquele trabalhador, 40 reais a diária com café, almoço e café, se quiser jantar mais eu janta. E prá botar, eu botei na ponta do lápis: minha diária é sessenta reais. Olha aqui espinafre novo, olha aqui vai ser afogado, estrumado e o espinafre sai, olha o espinafre<sup>66</sup>.*

Observa-se que a necessidade ou não de mão de obra extra depende da demanda da Hortaliças Sempre Verde. Dessa forma, há casos em que a própria empresa colabora na colheita, mas todo o restante dos tratamentos culturais, plantio, capinagem etc., fica por conta da família. Os lotes produtivos dos agricultores integrados variam de 4,5 hectares a 53 hectares.

*Porque hoje nós tem nesse município de Alagoa Nova um fornecedor muito, muito bom que é muito competente né, que é Francinildo né, aí eu plantava batata doce, milho, aí teve um dia que eu tava sofrendo muito com planta, com a batata, com o milho e tal aí e ele tava a procura de fornecedores pra fornecer pra ele. Aí o que acontece, eu fui lá falei com ele e perguntou o que eu precisava, aí eu fui disse, que eu precisava, só de estrume mesmo e uma parte de irrigação, ele imediatamente passou tudo isso pra mim na mesma semana, aí eu já comecei a plantar pra ele. É tipo um contrato que eu tenho com ele, por exemplo ele dá a semente, ele manda trabalhador pra mim ajudar a tirar a verdura né. Quando é pouco eu tiro, que nem um dia como hoje, você chegou aqui eu tava tirando, tirei mil moi, dois eu tiro com um trabalhador que tem comigo, mas quando é mais ele manda a equipe dele mim ajudar. Aí eu planto pra ele, eu planto, coentro, cebolinha, alface, couve, espinafre e jiló. Ele pediu pra plantar, uma parte de chuchu, fazer uma latada de chuchu, inclusive eu já tô com o material já pronto pra começar já<sup>67</sup>.*

Praticamente todos os agricultores integrados necessitaram de algum apoio, o único que não precisou comprar equipamentos de irrigação, através da Hortaliças Sempre Verde, foi o agricultor Ernandes. Ele já tinha o equipamento e também foi o único a fazer o composto orgânico para a adubação. *Aqui é o seguinte olha todo tipo de folha de bananeira, de capim, o*

<sup>65</sup> Entrevista com agricultor agroecológico do Sítio Honorato, em 22/09/2017.

<sup>66</sup> Entrevista com um agricultor agroecológico integrado do sítio Ribeiro, em 09/04/2017.

<sup>67</sup> Entrevista concedida por um agricultor do sítio Honorato, em 22/09/2017.

*trabalhador puxa pra cá e eu, eu só venho lá de baixo com um tronco de bananeira e jogo aqui dentro.*<sup>68</sup> Desta forma o agricultor relata em detalhes como prepara o adubo.

FIGURA 25: AGRICULTOR MOSTRANDO O ADUBO PREPARADO COM FEZES E URINA DO GADO.



Fonte: Severino J. Sobrinho - 09/04/2017.

Essa maneira de produzir a compostagem revela a resistência dos agricultores agroecológicos ao modelo homogeneizador e capitalista de produção. Nesse sentido, de fato a “A Agroecologia sugere alternativas sustentáveis em substituição às práticas predadoras da agricultura capitalista e à violência com que a terra foi forçada a dar seus frutos” (LEFF, 2002, p. 37). No relato, o agricultor/integrado descreve a técnica.

*Aqui é o mijo da vaca meu fi, e a manipueira é um vizinho meu é um trabalhador meu, ele tem uma casa de farinha, toda farinha que ele faz ele junta a cinza e a manipueira prá mim. Cinza aí aqui eu faço a mistura né. Com o cocô da vaca que tá em casa, o cocô da vaca fresco eu faço, é serve como adubo, principalmente pra pimentão essas coisas. Olha aí eu tô com o cocô da vaca fresco aí vou jogar aqui hoje olha. Vou jogar hoje de tardezinha, porque esse aqui eu vou tirar sexta, porque quando eu jogo o estrume ele fica sujo entendeu aí eu jogo o expressor, quando jogar agua em cima ele fica limpo. Porque o cocô da vaca serve como o adubo, a folha cresce e vou jogar nela por causa da largata. eu vou tirando o que dois caminhões de estrume<sup>69</sup>.*

Esse agricultor/integrado ressalta ainda um fato curioso: eu “*ajunto o mijo da vaca de hoje olha, ai joga aqui dentro já ai é adubo de primeiro mundo, ai eu boto mais três balde e boto pra colher mais e boto detergente e saiu jogando por cima não saiu pulverizando não, porque entope o pulverizador entendeu, eu saio jogando com um caneco*”. Muito confiante na produção orgânica do seu adubo continua o agricultor: “*Eu planto também aqui no começo da cerca ai perguntam assim, ô que adubo é esse? eu digo: é adubo orgânico, ai eu digo leve e*

<sup>68</sup> Entrevista com um agricultor agroecológico do sítio Ribeiro, em 09/04/2017.

<sup>69</sup> Entrevista com um agricultor agroecológico do sítio Ribeiro, em 09/04/2017.

*faça a análise, quem paga a análise sou eu!*<sup>70</sup>. Os demais agricultores integrados à Empresa produzem com o adubo fornecido pela empresa que é adquirido em Boqueirão-PB, sendo o valor desse adubo descontado na produção que é entregue, semelhante ao que acontece com os kits de irrigação e com as sementes.

Atualmente, são 26 (vinte e seis) agricultores do município de Alagoa Nova integrados à Hortaliças Sempre Verde, quatro desses agricultores começaram a vender sua produção na época do surgimento da empresa, em 2003. Dos 26 (vinte e seis) agricultores de Alagoa Nova, 14 (quatorze) são agricultores agroecológicos que vendem orgânicos para à Hortaliças Sempre Verde, além de comercializar também nas feiras da região. Não conseguimos, na ocasião da coleta de dados dessa pesquisa, obter a lista da quantidade de produtos comercializados com os respectivos valores. Só a título de exemplo, o molho de coentro, ou de alface, é vendido pelos agricultores agroecológicos para a empresa pelo custo de R\$0,30 centavos, esses geralmente chegam ao consumidor final nas redes atacadistas por quase três vezes mais que o valor pago ao agricultor integrado.

FIGURAS 26,27 E 28: PREÇO DA COUVE E DO COENTRO VENDIDO NA LOJA EXTRA HIPER EM CAMPINA GRANDE-PB



Desse montante, cerca de 14 (quatorze) agricultores vendem a produção agroecológica para a empresa, mas recebem por produtos convencionais, configurando assim, uma perda no

<sup>70</sup> Entrevista com um agricultor agroecológico do sítio Ribeiro, em 09/04/2017.

valor da produção. Vale registrar que o único agricultor certificado para vender às redes atacadistas é seu Inácio, sogro de Francinildo Pimentel que, em parceria com o genro e dono da empresa Hortaliças Sempre Verde, contrata empresas certificadoras para certificar os orgânicos. *É, porque se você não fizer, se a gente aqui não fosse muito sabido. Aí eu quero dizer a você o que nós tamos passando aqui, eu aqui como fornecedor e todo esse acesso a Hortaliças começou por aqui né*<sup>71</sup>. Este relato enfatiza que a entrada dos orgânicos nas redes atacadistas começou pelo sítio de Seu Inácio Luna, ou seja, pelo Sítio Ribeiro.

Gradativamente, percebe-se que a demanda pelo consumo de produtos orgânicos vem aumentando e cada vez mais agricultores familiares vem buscando a produção de orgânicos como um nicho de mercado promissor. Além dos agricultores integrados, a Empresa tem buscado novos parceiros em outros estados. Um agricultor que se destaca no município de Alagoa Nova reside no sítio Utopia, produz orgânico e, além de vender para a Hortaliças Sempre Verde, também vende para redes de restaurantes de João Pessoa-PB.

A empresa tem o controle e o monopólio do território, controlando a circulação da produção, embora não tenha o controle sobre a terra. Assim, o território passa agora a ser visto como confluência de investimentos econômicos, sendo experimentado para além do habitat do homem, como receptáculo de suas atividades econômicas. O senhor Francinildo ressalta que tem terras da empresa espalhadas por municípios do entorno, como as cidades de Areia, São Sebastião de Lagoa de Roça e em Alagoa Nova mas, para abarcar toda o mercado das redes de supermercados, possui parceiros produtores para lhe atender. *“Hoje a empresa atua em quatro municípios, atua em Lagoa Seca, Lagoa de Roça, Alagoa Nova e Areia. Hoje produzindo tem duzentos hectares, produzindo. A maior parte dela é no município de Alagoa Nova*<sup>72</sup>”. Assim, compreendendo o território como relações de poder e tendo em vista as relações no âmbito do espaço rural continuamente, percebe-se a reestruturação das atividades agrícolas voltada para o território da agroecologia de base familiar pela empresa Hortaliças Sempre Verde e suas espacialidades nos centros urbanos.

*Francinildo comprou outro pedaço de terra encostado a seu Inácio, comprou 20 hectares. O canto ali era de herdeiros ai moravam em Campina sabe aí comprou uma parte e tava pra comprar o resto. Mais além das cidades daqui Alagoa Nova, Lagoa de Roça, Areia, ele tem propriedade no Rio Grande do Norte e Pernambuco também, aumentado a terra para plantar mais*<sup>73</sup>.

---

<sup>71</sup> Entrevista concedida por Seu Inácio, em 17/04/2017.

<sup>72</sup> Entrevista concedida por Francinildo Pimentel, em 11/08/2017.

<sup>73</sup> Entrevista com um funcionário da empresa que trabalha na parte orgânica, em 08/06/2018.

A atuação da Hortaliças Sempre Verde no território paraibano e em outros estados do Nordeste com o comércio varejista de hortaliças nos supermercados vem se expandindo e moldando o território, aumentando, assim, a concentração de terras para produção. Desta forma, ela surge como um novo ator que se diferencia de outras empresas do comércio orgânico, tendo a agricultura familiar agroecológica como mera fornecedora de produtos orgânicos por meio de parceria, mas não tem todo o controle do território, esses são dos agricultores familiares e outros fornecedores. Assim, ocorre o território da agricultura familiar, que passa a ser cada vez mais governada por regras técnicas e econômicas exógenas.

Em que pese a (des)territorialização, Haesbaert (2010) ressalta que a mesma, na sua função econômica, está atrelada a modernização arrasadora de espaços hierárquicos dominantes cada vez mais homogeneizadores em que, com a unidade capitalista, aflora crescentes aglomerados de exclusão. Assim, na globalização tecnológica atual, há a (des)territorialização de classes em função de sua inserção no mercado de trabalho e com uma elite que partilha das redes de globalização informacional, apropriando-se do capital para moldar a economia mundial.

A territorialização é definida por fatores naturais e humanos como processos voluntários ou forçados, violentos, de perda de território, de quebra de controle das territorialidades pessoais ou coletivas e de fratura no acesso a territórios. No território agrário a persistência do modelo agrário conservador gera a dependência de uma minoria de produtores agrícolas ao venderem suas forças produtivas e suas produções por valores irrisórios aos do mercado formal. A territorialização da empresa se faz ao estender a sua atuação no município e em seu entorno, enquanto a territorialização dos agricultores acontece nas feiras agroecológicas no Agreste Paraibano.

### CAPÍTULO III

## DINÂMICAS, CERTIFICAÇÕES E PERSPECTIVAS DA AGROECOLOGIA

FIGURAS 29 E 30: FEIRA ORGÂNICA NA SEMANA NACIONAL DA AGROECOLOGIA



Fonte: Severino J. Sobrinho - 06/06/2018.

#### Agricultura Familiar (Chico Antonio)

Alguém já disse que a enxada só presta/ Para “puxar cobra pros pés” do produtor  
Mas é com ela e a semente que germina/ Que faz a planta dar a fruta, pão e flor  
Pois acredite também que o que resta

Fauna, flora, água, solo e o que for

São tratados com carinho e destreza/ E o alimento da mesa tem a mão do agricultor

Para cuidar não é preciso usar veneno/ Pois o agrotóxico adoce o cidadão  
O camponês aprendeu desde pequeno/ Que o excedente da sua alimentação  
Vai para a economia solidária/ Sanar a fome de toda a nossa nação

E o agronegócio produz com suas máquinas  
Mercadorias para a exportação

O lavrador diversifica sua roça/ Cultivando a agroecologia  
Produz verdura, feijão, arroz e farinha/ Peixe, carne e galinha  
Que consome todo o dia

Para o café, o almoço e o jantar/ E para a nossa segurança alimentar  
Vamos viver, vamos beber, vamos comer/ Produtos da agricultura, agricultura familiar.<sup>74</sup>

<sup>74</sup> <https://www.lettras.mus.br/chico-antonio/agricultura-familiar/>. (acesso: 14 jun. 2018)

### 3.1 DINÂMICAS E VINCULAÇÕES NA RELAÇÃO EMPRESA E AGRICULTORES AGROECOLÓGICOS

Este capítulo abordará a visão dos agricultores agroecológicos do município de Alagoa Nova-PB e sua integração e dependência com a empresa Hortaliças Sempre Verde. Veremos agricultores que acham vantagem ou dificuldades na venda direta exclusiva à empresa e outros que mantêm a atuação nas feiras agroecológicas e pela intermediação com a empresa e como os nexos da modernização mercadológica estão inseridos na agricultura familiar, colocando-os, muitas vezes, à margem do processo mercadológico.

Abordaremos ainda a atuação da AS-PTA, a Ecoborborema e o Polo Sindical da Borborema e sua neutralidade ao não investirem ou incentivar a produção agroecológica com os supermercados ao passo que a Sempre Verde vem conseguindo realizar essa transação com êxito. Abordaremos ainda como se dão os processos de certificação auditada, pela empresa, e participativa, pelos agricultores familiares agroecológicos, assim como, os nichos de mercados agroecológicos nos supermercados e restaurantes e de como o agricultor se enxerga diante de todo esse contexto.

Consideram-se integrados, nos termos dessa relação com a Empresa Hortaliças Sempre Verde 14 (quatorze) agricultores agroecológicos, sendo que, destes, 11 (onze) agricultores familiares pertencem ao Assentamento Carrasco, localizado no entorno da sede da empresa entre os municípios de Alagoa Nova-PB e Esperança-PB. Os outros 03 (três) agricultores são do Sítio Ribeiro e são parentes do empresário, proprietário da empresa e de seu Inácio Luna. Alguns desses agricultores integrados participam das feiras agroecológicas, outros destinam a produção exclusivamente à Hortaliças Sempre Verde.

A origem deste assentamento não está relacionada a nenhum tipo de conflito social, mas sim ao interesse de 10 famílias de agricultores assalariados e que trabalhavam em sítios próximos a Fazenda Carrasco. Estes tinham por objetivo possuir a sua própria terra, fato que se tornou possível devido a um Programa do Governo Federal, o Crédito Fundiário. As famílias pretendiam conquistar parte da propriedade, Fazenda Carrasco, através do Programa Nacional de Crédito Fundiário, que possibilita aos trabalhadores rurais sem-terra, o acesso à terra por meio de financiamentos de imóveis rurais. É uma forma de auxílio ao processo de Reforma Agrária.

Para que houvesse a efetivação da compra da terra processo, fez-se necessário o apoio das Associações Comunitárias, dos Sindicatos dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR's), e de algumas Organizações Não Governamentais como a AS-PTA (Assessoria e

Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa) e o Polo Sindical da Borborema. Daí os camponeses, alguns já membros da (APROFACO) a Associação Local dos Produtores Orgânicos da Fazenda Carrasco, lutarem para conseguir a terra.

FIGURA 31: MAPA DO ASSENTAMENTO CARRASCO



Fonte: Severino J. Sobrinho Trabalho de campo- 2011

A Fazenda Carrasco possuía uma área de 460 hectares e estava em situação de total abandono, até as cercas já tinham sido destruídas pelo avanço da mata que colonizava toda propriedade. Foram comprados 62 hectares de terra através do auxílio do INTERPA – PB (Instituto de Terras e Planejamento Agrícola da Paraíba), em que as 10 famílias beneficiadas, foram assentadas com lotes de cinco hectares. A mata ciliar que havia na propriedade foi preservada e hoje ocupa dentro do assentamento uma área de 12 hectares com trilha ecológica.

O Ribeiro está localizado na zona rural do município de Alagoa Nova e é formado por um conjunto de pequenas propriedades. De acordo com os relatos dos camponeses registrados nos trabalhos de campo, o Sítio Ribeiro recebe esse nome devido à existência de rios e nascentes nas propriedades desses camponeses. A área está localizada em uma região geograficamente acidentada, mas que não oferece prejuízos ao plantio e produção dos alimentos produzidos pelos agricultores familiares agroecológicos. O Sítio Ribeiro beneficia-se das características da região do Agreste da Paraíba, que possui nesse trecho precipitações regulares que garantem umidade durante todo ano para uma agricultura diversificada possibilitando o vínculo com a Sempre Verde e com as feiras agroecológicas.

Existe ainda outras formas indiretas de manutenção de vínculos entre a empresa e a agricultura familiar, sobretudo de base agroecológica. A parceria com a agricultura familiar é a



coluna de sustentação da empresa. Os agricultores destinam a produção agroecológica para a empresa, recebendo pelos produtos (hortaliças) o mesmo valor pago pelos produtos convencionais, o que denota o não reconhecimento da empresa pelos princípios e investimentos na agroecologia.

A empresa Hortaliças Sempre Verde torna-se a empresa pioneira na produção de orgânicos no agreste paraibano e também na compra de orgânicos da Agricultura Familiar Agroecológica, desse modo, monopoliza o território através da circulação desse tipo de mercadoria, fazendo com que este chegue a grandes redes de supermercados e restaurantes. No entanto, o consumidor final adquire o produto de modo indireto, através de um atravessador que é a própria Hortaliças Sempre Verde, portanto, não conhecendo o percurso do produto até chegar as suas mãos.

Os trâmites envolvidos na comercialização desse tipo de produto no Brasil, dificultam e, por vezes, até impedem que o agricultor familiar comercialize diretamente com as redes de supermercados. Outra questão que se coloca é que, individualmente, esses agricultores não produzem o suficiente para atender à demanda de um mercado exigente e normatizado.

São muitas as dificuldades enfrentadas pelos agricultores familiares agroecológicos, a maioria não possui recursos financeiros para estruturar a área onde produz, quando conseguem investir o fazem à custa de empréstimos ou dívidas junto aos bancos. Assim, os agricultores agroecológicos enfrentam em seu cotidiano o avanço do agronegócio no campo, das empresas que comercializam agrotóxicos, das empresas cerealistas e, nesse caso, das empresas que comercializam produtos agroecológicos.

Os nexos da modernização agrícola não se distribuem de forma homogênea em países, regiões e estados. Assim, nesses recortes territoriais, há frações em que há a modernização está presente, outras em que é rarefeita, e aquelas que são bastante densas. Essa dialética inscrita nos territórios agropecuários é governada pelo desenvolvimento desigual e combinado. Santos (1996) mostra que neles há espaços luminosos, intermediários e opacos. Assim, o território pode ser considerado como delimitado, construído e desconstruído por relações de poder que envolvem uma gama muito grande de atores que territorializam suas ações com o passar do tempo. No entanto, a delimitação pode não ocorrer de maneira precisa, pode ser irregular e mudar historicamente, bem como acontecer uma diversificação das relações sociais num jogo de poder cada vez mais complexo.

A categoria geográfica do território ganha riqueza ao ampliar os horizontes com discussões que vão além da sua abordagem apenas como espaço político-administrativo. Na abordagem de Raffestin (1980), o território passa a existir com a apropriação do espaço pelo

homem. Para ele, o espaço é anterior ao território, contudo o território passa a ser apropriado pelo homem, seja de forma concreta ou abstrata, quando da apropriação e/ou do trabalho o homem passa a planejar, sobrepor, intervir sobre este espaço, revelando relações de poder e, ademais, este espaço, na compreensão de Raffestin (1980), passa a ser concebido como território.

A (des)territorialização e espacialidade da empresa rural Hortaliças Sempre Verde figura como estratégia capitalista de reestruturação do espaço agrário que, de acordo com (Castro, 2010, p.289) “Não são apenas processos econômicos, tecnológicos, são decisões políticas e estratégias organizacionais”. Essas estratégias vão de encontro aos objetivos dos movimentos sociais que atuam no campo que defendem o acesso à terra, bem como a autonomia dos agricultores familiares para produzir, comercializar e gerir a área produtiva. Mesmo assim, na tentativa de resistir aos processos de expropriação do campo, bem como garantir a sobrevivência de suas famílias, os agricultores buscam e veem na agroecologia a possibilidade de uma vida digna.

Embora exigente e disciplinada, a estratégia agroecológica não retira do agricultor familiar o controle de seu lote, de sua propriedade, mas é um tipo de apropriação que busca agir sobre a forma de produzir, sobre o que produz etc. Por outro lado, na experiência com a agricultura convencional, em larga escala, percebemos o monopólio em diversos setores, entre eles o da alimentação, em que as indústrias exercem e estabelecem preços para o que é consumido. As redes agroindustriais estabelecem táticas para gerar cada vez mais dependência do agricultor familiar.

Por isso, afirmamos que a sujeição da renda da terra através da apropriação da produção da agricultura familiar agroecológica pela empresa rural Hortaliças Sempre Verde constitui um monopólio do território, através da comercialização (compra e venda) de hortifrutigranjeiros comprados dos agricultores agroecológicos. Uma monopolização do capital sem que a empresa seja titular da terra, mas ao dominar as condições que levam aos agricultores familiares agroecológicos a se integrarem à empresa, através de contratos verbais que envolvem o fornecimento de insumos agrícolas e equipamentos de irrigação.

A monopolização do território (monopólio na circulação) expressa justamente esse processo de organização e uso do território, por parte do capital industrial. Dessa forma, determinada parcela desse território está sendo ocupada/explorada para a produção de um determinado produto agropecuário, por meio de vários produtores - pequenos e médios, na sua maioria - que de certo modo, perderam sua autonomia econômica e se tornam, quase sempre, dependentes das indústrias processadoras sendo elas que viabilizam a

produção e não os produtores diretos, via de regra. (THOMAZ JR., 1998, p. 102-103)

Assim, o agricultor familiar continua sendo dono da terra, embora integrado à indústria/empresa. No caso estudado, a empresa de hortifrutigranjeiros sujeita a renda da terra por meio da monopolização do território, com uma sujeição não formal. Para Paulino (2010), “essa sujeição da renda se oculta na circulação da mercadoria, no crédito bancário, na transferência de riqueza para as empresas urbanas através de alimentos a baixo custo. (p. 48)”. No relato a seguir, tem-se um exemplo do processo de sujeição na experiência da Hortaliças Sempre Verde.

*Eu plantava batata doce, milho, ai teve um dia que eu tava sofrendo muito com planta, com a batata, com o milho e tal ai ele tava a procura de fornecedores pra fornecer pra ele, ai o que acontece, eu fui lá falei com ele e ai perguntou o que eu precisava, ai eu fui disse o que precisava, só de estrume mesmo e uma parte de irrigação e ele imediatamente passou tudo isso pra mim na mesma semana ai eu já comecei já a plantar pra ele<sup>75</sup>.*

A sujeição para a qual chamamos a atenção nesse relato é a da exclusividade na relação entre produtor e empresa e, mesmo não ficando explícito, os agricultores relataram que a empresa determina o que deve ser cultivado. Em outro relato, observamos que, quando a empresa parou de comprar desse agricultor agroecológico a terra ficou um tempo ociosa e a família teve que plantar outra cultura, a rama de batata inglesa, diferente do que era solicitado pela empresa. Após esse fato, a família começou a vender para alguns feirantes das cidades de Alagoa Nova e em Alagoa Grande.

*Só rama de batata, começamos a plantar do ano passado pra cá, quando Francinildo parou de pegar, porque ali (aponta para a rama de batata) era cheio de verduras, aí ele parou de pegar, a terra desocupada e aí a gente plantemos rama. A produção e o lucro depois que ele parou de pagar diminuiu um bocado, diminuiu muito, muito, mais da metade, a gente botava mil pés por semana, dois mil, o que tivesse, ele precisando o que tivesse ia pra lá<sup>76</sup>.*

Na descrição, fica evidente as perdas dos agricultores quando a empresa deixa de adquirir os produtos. No momento que a terra fica ociosa, o agricultor agroecológico tem a possibilidade de modificar a estratégia produtiva. Como o agricultor é dono da terra, ele tem liberdade, mesmo que limitada, para um novo investimento. Paulino (2010), enfatiza que a terra

---

<sup>75</sup> Entrevista concedida por um agricultor sitio Honorato, em 22/09/2017.

<sup>76</sup> Entrevista concedida por um agricultor do sítio Ourique, em 16/09/2017.

se insere numa concepção de liberdade que se contrapõe à ilusória liberdade burguesa, porque dá ao indivíduo a possibilidade de realizar-se como portador de sonhos e aspirações no seu pedaço de chão, com certa autonomia no processo de trabalho. Assim, o agricultor familiar se insere na lógica do empresarial a partir da racionalidade dos mercados. A terra continua sendo motivo de disputas.

Nem a terra tem valor, no sentido de que não é materialização do trabalho humano, nem pode ter a sua apropriação legitimada por um processo igual ao da produção capitalista. A terra é, pois, um instrumento de trabalho qualitativamente diferente de outros meios de produção. Quando alguém trabalha na terra, não é para produzir a terra, mas para produzir o fruto da terra. O fruto da terra pode ser produto do trabalho, mas a própria terra não o é. (MARTINS, 1981, p. 159-160).

Dessa forma, a terra cumpre sua função social que é produzir e a agricultura familiar contempla essa realidade. Mesmo com o monopólio dos complexos agroindustriais e do latifúndio, na estratégia agroecológica, o agricultor tem o lote em seu domínio e tem certo controle sobre ele, podendo inclusive participar dos circuitos curtos, como é o caso das feiras locais.

A integração através de kits de irrigação e do esterco para adubo torna a vinculação entre os agricultores e a empresa mais próximos. O agricultor do Assentamento Carrasco ao ser questionado sobre a manutenção do vínculo responde: *Tá dando certo e devo manter porque é uma fonte de escoamento segura né de mercadorias, pode plantar, tendo água pra produzir aí à vontade que ele compra, não fica excedente, que nem na feira tem. Com a empresa pode produzir acima do limite da feira né, já tem entrega certa*<sup>77</sup>. Dessa forma, o vínculo e a compra mantidos com a empresa torna o agricultor um parceiro com renda mensal fixa. Na figura a seguir, tem-se uma evidência do vínculo criado entre o agricultor agroecológico e a empresa, em virtude do fornecimento de insumos aos agricultores familiares agroecológicos.

---

<sup>77</sup> Entrevista cedida por um agricultor do Assentamento Carrasco, em 10/04/2018.

FIGURA 32: NOTA COM A CONFERÊNCIA DE COMPRA DO AGRICULTOR AO ADQUIRIR KITS DE IRRIGAÇÃO

**AGROCENTER**  
Org.: Enéas e Renale  
Rua Dr. Vasconcelos, s/n - Loja 02 - Bloco F - Alto Branco - C. Grande - PB  
Fones: 99124.4761 / 99183.0943 - CNPJ: 13.661.902/0001-10  
"Até aqui nos ajudou o Senhor"

NOTA DE CONFERÊNCIA Data: 18.06.16

Nome: Francinilda  
End.:  
Bairro: Automa Cidade: Est.:  
Fones:

Quant.	Descrição	Unitário	Total
20	Tubo PN 8050	25,00	500,00
02	fita	850,00	1700,00
120	Registo 16	3,00	360,00
200	chula	0,50	100,00
01	Colo piment	10,00	10,00
01	Cap 50 M	10,00	10,00
05	Ponta M2	8,00	40,00
10	quarnicó 2	1,20	12,00
			7
Assinatura		Total R\$	2.732,00

Fonte: Severino J. Sobrinho - 10/04/2018

A compra é feita pelo agricultor em estabelecimento comercial indicado pelo dono da empresa Hortaliças Sempre Verde. Há casos em que os agricultores recebem cópias das notas, em outros casos entregam a “nota fiscal” para a empresa ter o controle. A dívida com o estabelecimento comercial é da empresa, cabendo ao agricultor/produzidor saldá-la com a empresa de Francinildo Pimentel. Quanto ao pagamento, este é parcelado, sendo descontado em mercadorias, ou em dinheiro, em parcelas. Esse acordo é feito entre os agricultores integrados e o empresário:

*Comigo mesmo ele não estipulou nem um prazo pra pagar não, eu não sei os outros agricultores, comigo mesmo não, a gente vai produzindo e depois vai descontando isso aí. Como é pouco né, o recurso que foi limitado para o material não é muito né, aí dá pra gente pagando<sup>78</sup>.*

*O pagamento lá em Francinildo é flexível, porque há agricultores que vão receber seu pagamento de semana em semana, de mês em mês, de quinze em quinze dias ou até no final do ano, mas lá o pagamento é certo ele sempre paga. Uma coisa é que a gente não tem despesa, vende a trinta centavos e você aqui tá trabalhando pra você mesmo, é melhor do que tá trabalhando pros outros.<sup>79</sup>*

<sup>78</sup> Entrevista cedida por um agricultor do Assentamento Carrasco, em 10/04/2018.

<sup>79</sup> Entrevista com o presidente da Associação do Assentamento Carrasco, em 19/02/2018.

O Agricultor agroecológico, Orlando Soares Correia, faz parte da Ecoborborema e vende na feira agroecológica da cidade de Esperança-PB. Ele ressalta que as feiras e o PAA não absorvem todo o excedente e, dessa forma, teve que vender a Francinildo e para outros atravessadores. *Antes a gente tava com aquele PAA, mas, infelizmente, esse governo né cortou, mais aí uma mixaria que não dá pra escoar quase nada do excedente prá feiras*<sup>80</sup>.

É perceptível nos relatos obtidos nas entrevistas dos agricultores familiares agroecológicos que a integração é avaliada positivamente por se tratar de uma demanda semanal, que é certa, etc. Toda semana os agricultores agroecológicos entregam o volume de produtos que a empresa solicita. Há semanas em que a demanda é maior, em outras é menor, a demanda diminui.

Essa integração aos olhos dos agricultores é bem vista, principalmente neste momento em que uma das portas do mercado institucional se fechou, também porque as feiras não absorviam toda a produção. Assim, a Sempre Verde atua de forma a intermediar a produção assegurando certa renda aos agricultores locais. Em um dos relatos dos agricultores familiares ressalta-se a importância que a empresa tem como garantidora do escoamento da produção.

*Com Francinildo tá bom demais. Toda semana eu entrego dois mil pés de alface, tem vez que é três. Quando ele pede ligeiro demais é mil, mil e quinhentos, dois mil, três mil, se tiver leva. Nesses dias tava ruim lá, lá não tinha couve, lá em seu Inacinho, deu uma lagarta lá, aí eu levei daqui pra empresa. Aí depende da demanda*<sup>81</sup>.

A integração torna-se vantajosa pois a produção tem um destino certo, mesmo os agricultores não tendo a consciência imediata do quanto estão vinculados à Hortaliças Sempre Verde. O fato é que, com a certificação auditada, a empresa consegue atingir mercados e auferir lucros, às vezes maiores do que se consegue com a certificação participativa dos agricultores agroecológicos.

### **3.2 CERTIFICAÇÃO AUDITADA E PARTICIPATIVA**

No Brasil, o produto orgânico é um alimento seguro, cultivado sem agrotóxicos, fertilizantes químicos e, conseqüentemente, certificado por uma entidade credenciada pelo Ministério da Agricultura, conforme a Lei 10831 de 2003. É um alimento que provém de

<sup>80</sup> Entrevista cedida por um agricultor agroecológico do Assentamento Carrasco, em 10/04/2018.

<sup>81</sup> Entrevista concedida por um agricultor do Sítio Gameleira, em 10/04/2018.

sistemas agrícolas baseados em processos naturais, que não agredem a natureza, respeitando a integridade sociocultural das comunidades onde está sendo produzido. As técnicas usadas para se obter o produto orgânico incluem emprego de compostagem, da adubação verde, o manejo orgânico do solo e da diversidade de culturas, que garantem a mais alta qualidade biológica dos alimentos. A Agricultura Orgânica é o modo verdadeiramente de produzir alimentos saudáveis e assegurar a integridade do meio ambiente e a saúde do consumidor.

Isso posto, é necessário assegurar essa qualidade a um produto orgânico. A certificação de um produto orgânico garante e eleva sua qualidade e o valor nutricional frente ao mercado. Além da abertura para o mercado, o processo de certificação agrega valor simbólico aspectos como saúde, segurança nutricional etc, são hoje formais que participam do processo de produção, venda e consumo agroecológico. O processo de certificação oficial difere da certificação participativa. De acordo com Altieri (2004, p. 22),

Os sistemas agrícolas tradicionais surgiram no decorrer de séculos de evolução biológica e cultural. Eles representam as experiências acumuladas de agricultores interagindo com o meio ambiente sem acesso a insumos externos, capital ou conhecimento científico. Utilizando a autoconfiança criativa, o conhecimento empírico e os recursos locais disponíveis, os agricultores tradicionais frequentemente desenvolveram sistemas agrícolas com produtividades sustentáveis.

Para a certificação orgânica exige-se que empresas certificadoras sejam credenciadas no Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA), agregando desta forma, valor e renda aos produtos.

Para a execução desses processos de certificação existem empresas credenciadas que atuam como organismos certificadores, com o intuito de classificar e padronizar os procedimentos utilizados pelos agricultores orgânicos, com base em um conjunto de normativas e regulamentos nacionais, com a finalidade de garantir a qualidade dos sistemas de produção e proteger o consumidor de possíveis fraudes. (PINHEIRO, 2012, p. 20)

As certificações são mais acessíveis para as grandes e médias empresas. A certificação é um processo custoso para a agricultura de pequena escala. A mudança dessa situação depende da vontade política do estado brasileiro, que tem o controle legal da atuação dos órgãos de certificação, desburocratizando as ações e difundindo os processos e tecnologias para que a agricultura familiar tenha acesso e possa inserir-se em novos mercados, do contrário, as empresas maiores continuaram monopolizando o comércio de orgânicos no país.

Pela legislação brasileira, considera-se produto orgânico, seja ele in natura ou processado, aquele que é obtido em um sistema orgânico de produção agropecuária ou oriundo de processo extrativista sustentável e não prejudicial ao ecossistema local. Para serem comercializados, os produtos orgânicos deverão ser certificados por organismos credenciados no Ministério da Agricultura, sendo dispensados da certificação somente aqueles produzidos por agricultores familiares que fazem parte de organizações de controle social cadastradas no MAPA, que comercializam exclusivamente em venda direta aos consumidores. (BRASIL, 2018)

Destacamos, assim, na presente pesquisa, agricultores agroecológicos que vendem sua produção direta (nas feiras livres) e outros demais agricultores habilitados através de mais de um tipo de certificado de participação orgânica emitidos pelo MAPA ou por empresas certificadoras. E há ainda agricultores que possuem selo para vender em redes de supermercados, com um maior controle do território. Assim, Lima (2017) enfatiza que:

No caso das empresas de exploração do tipo capitalista, existe tanto a produção própria, como a compra a outros produtores (capitalistas ou camponeses), que por sua vez formam uma rede de fornecedores certificados e credenciados. Dessa forma observamos que podem ocorrer processos de monopolização do território e territorialização do monopólio no setor de orgânicos. (p.133)

A crescente procura pelos produtos orgânicos demanda outros produtores para a configuração do mercado orgânico. As propriedades de maior extensão territorial possuem um maior poder econômico e de investimentos. Na Paraíba, nos últimos anos, a certificação cresceu bastante tanto as participativas, por controle social, quanto pelas certificações auditadas, tendo um crescimento expressivo, e parte deste crescimento advém das agroempresas de médio e grande porte, assim como de propriedades agrícolas orgânicas mais desenvolvidas. Nesta perspectiva, Lima (2017) destaca que,

A certificação por auditoria demonstrou uma produção orgânica mais ligada aos mercados externos feita tanto por empresas, como por unidades familiares. A produção camponesa agroecológica ou orgânica podia estar mais inserida na produção capitalista atuando como fornecedora para empresas maiores, ou diretamente, através de suas próprias cooperativas ou associações. As certificações OCS (Organismo de Controle Social) e OPAC (Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade), por sua vez demonstram uma produção de base camponesa mais voltada para os mercados locais. Os integrantes dessas organizações podem continuar a fortalecer um projeto próprio ou ser captados pelas empresas capitalistas atuantes nesse mercado, principalmente através dos processos de monopolização dos territórios. (p. 140)



As inspeções são feitas rotineiramente por organizações reconhecidas pelo Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA), a exemplo da Ecoborborema, que faz a pesquisa para a certificação participativa. *O Sistema Participativo de Garantia é representado juridicamente por meio de um (OPAC). “Esse organismo é uma pessoa jurídica formalmente constituída (sob a forma de associação, usualmente) que assume a responsabilidade formal pelo conjunto de atividades desenvolvidas”.* (NIERDELE, 2013, p. 375). A fiscalização é feita uma vez por ano, verificando se a propriedade agroecológica está dentro dos critérios indicados para a produção orgânica cumprindo alguns requisitos: diversificação de culturas, adubação com material orgânico, responsabilidade e compromisso com a agroecologia, registros em Atas e documentos para garantir a transparência do processo de certificação, biodiversidade e respeito a cultura agrícola de cada lugar. Caso seja encontrada alguma discordância, descumprimento das normas, o agricultor poderá perder o selo participativo. Todo esse controle está regulamentado pela lei 10831/2003, do Ministério da Agricultura.

*Existe um cadastro nacional que está dentro lá da página do Ministério da Agricultura e 400 famílias da Paraíba estão lá cadastradas, então os consumidores que quiserem conferir então é só entrar no site do Ministério da Agricultura. Tem algumas famílias que estão aqui na feira que estão com sesses cadastros, esses certificados pendurados aqui nas barracas e pode acessar o número de identificação que cada família tem. Então é mais uma forma segura para os consumidores. E há os consumidores que já existem uma relação de confiança com os agricultores, tem muitos deles que até visitam as propriedades dessas famílias, então a Comissão de Produção Orgânica visita essas famílias, articulando essas organizações comunitárias, monitorando esta produção indo até a família até a comunidade pra saber se a produção que está sendo comercializada é a mesma produção que está sendo produzida por aquela família. Dentro dessa Comissão de Produção orgânica, existe entidades do Governo municipal, governo estadual, governo federal, existe também as Organizações Não Governamentais, que são as organizações comunitárias, são as ONG que trabalham com a assessorias, então todas elas também fazem parte deste movimento e cada um com a missão de fortalecer um acesso democrático para todos.<sup>82</sup>*

Para o fortalecimento de medidas, como a certificação participativa é necessário que os consumidores valorizem e adquiram os alimentos orgânicos, mas também procurem conhecer o sistema produtivo da agroecologia. Segundo a Articulação Paraibana de Agroecologia, na pessoa de Glória Batista

---

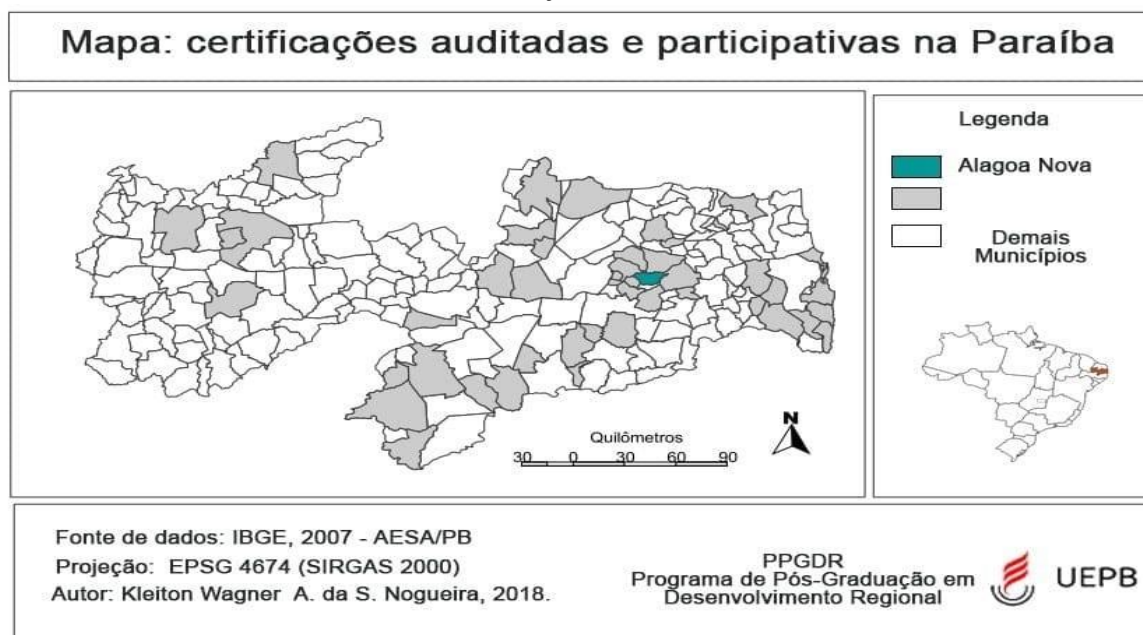
<sup>82</sup> Fala de Verônica Barboza, da Comissão de Produção orgânica da Paraíba, durante a feira agroecológica que lançou o cuscuz da Paixão, no dia 06 de junho de 2018.

*Os agricultores e agricultoras são os verdadeiros produtores de alimentos, que resistem hoje pela situação em que o mercado se coloca como mercado competitivo, que não são alimentos e sim mercadorias. Aqui em cada barraca dessas a gente pode dizer que tem alimentos. Se a gente respirar aqui a gente vai sentir o cheiro de alimentos, nós aqui não vamos ser contaminados por venenos a pesar do Brasil ser o maior consumidor de venenos de agrotóxicos. Consumir veneno é plantar doença.*<sup>83</sup>

Nas feiras agroecológicas, vende-se a produção e histórias de vidas através das produções e da cultura de cada produtor vendendo produção de qualidade e não simples mercadoria. Assim, o Agreste, como território da Agroecologia, adquiriu um pioneirismo nessa forma de produção na Paraíba através das feiras agroecológicas. No entanto, a venda direta ao consumidor não está sendo feita em sua essência, uma vez que boa parte dos agricultores agroecológicos vendem parte de sua produção aos intermediários.

A apropriação desses produtos pelo mercado local ainda é insuficiente, ou seja, há mais oferta que procura. Uma vez que os produtos estão sendo escoados para outros centros urbanos, fora do Território da Borborema e para outros estados. No entanto, a certificação participativa só assegura a comercialização local. Mas, sem um projeto próprio, a exemplo de cooperativas, associações etc, capazes de investir no acesso aos mercados externos o mercado de orgânicos, ainda é uma alternativa arriscada para os agricultores familiares. A figura a seguir identifica os municípios paraibanos em que há certificações auditadas e participativas.

FIGURA 33- CERTIFICAÇÕES ORGÂNICAS NA PARAÍBA



Fonte: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Autor- Severino J. Sobrinho, 2018

<sup>83</sup> Fala de Glória Batista, da Articulação Paraibana de Agroecologia, durante a feira agroecológica em Campina Grande, no dia 06 de junho de 2018.

As localidades que possuem certificação e que aparecem na figura correspondem tanto a empresas quanto a associações de agricultores familiares agroecológicos, certificados de acordo com o Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos (CNPO). Nos últimos anos, houve um aumento de orgânicos no Brasil e a Paraíba acompanhou esse crescimento, de acordo com o Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos, o estado da Paraíba possui número bastante significativos de municípios que realizam as feiras, assim como de agricultores que participam dos mercados institucionais. No município de Alagoa Nova, segundo o Cadastro Nacional, há 14 (quatorze) agricultores que possuem certificação para vender nas feiras e, em mercados institucionais. Entre os cadastrados, destaca-se Seu Inácio Luna, que possui as duas certificações, a participativa e a auditada, mesmo não vendendo mais nas feiras. O tipo de certificação participativa tem aumentado e vem conseguindo revelar o potencial agroecológico do Brasil.

As Organizações de Controle Social - OCS - têm a autorização para atestar a produção dos agricultores e assim venderem diretamente nas feiras. Na pesquisa tenha constatou-se que boa parte desses agricultores além de vender nas feiras também vende a empresas intermediadoras, a exemplo da Sempre Verde, que implica afirmar que a presença de empresas, exercendo a função de atravessadora na comercialização de produtos agroecológicos e isso não é exclusividade do município de Alagoa Nova-PB.

*É por isso que a gente não pode soltar tudo né e ficar só com um só né. Por isso que a gente tem as feiras agroecológicas né tem as feiras, o PNAE né, é pra ir se mantendo. Às vezes a gente vende até pra atravessador né quando chegou um tempo aqui que nem o PAA absorvia, não dava conta da produção da gente aqui né aí tivemos que vender ao atravessador também<sup>84</sup>.*

Constata-se que, para os agricultores agroecológicos, as feiras não são a única fonte de comercialização da produção, embora a agroecologia seja pautada na justiça social e no desenvolvimento endógeno, temos, portanto, uma situação exemplar de que ainda não é possível para os agricultores decidir autonomamente como e com quem desejam comercializar seus produtos.

Além dos mecanismos endógenos, a troca de experiências e os intercâmbios entre agricultores constituem uma valorização do conhecimento adquirido na vida. Isto favorece e fortalece a circulação de informações, a construção e a consolidação da consciência política dos

---

<sup>84</sup> Entrevista concedida pelo agricultor Orlando Soares, em 10/04/2018.

envolvidos. Via de regra, esses intercâmbios só ocorrem devido à capacidade organizativa dos agentes envolvidos na construção de uma transição agroecológica. O intercâmbio permite ao agricultor enxergar em um semelhante a ele a possibilidade de mudanças concretas na sua realidade, constituindo uma das vertentes da agroecologia e a continuidade das certificações participativas. A figura a seguir mostra uma agricultora com seu certificado de produção agroecológica participativa:

FIGURA 34: CERTIFICAÇÃO PARTICIPATIVA DOS AGRICULTORES VENDEREM (FEIRANTE DONA MARICÊ DA FEIRA AGROECOLÓGICA DE ALAGOA NOVA-PB)



Fonte: Severino J. Sobrinho - 14/07/2018.

Na fala de um agricultor familiar agroecológico, sócio da Ecoborborema, o senhor Gilberto, diz que *“Para entrar na feira tem que se manter na feira, pois tem gente que entra e logo sai”*<sup>85</sup>. Percebemos, a partir disso, que alguns agricultores não creditam todas as suas produções nas referidas feiras e, muitas vezes, saem desestruturando e desarticulando as mesmas e, conseqüentemente, as instituições a elas atreladas, nesse caso, as associações formadas por eles. Os que fazem isso são os que foram expulsos das feiras devido às irregularidades cometidas flagradas durante as inspeções para a emissão de certificações participativas, provavelmente tendo sido encontradas práticas que divergiam da lógica agroecológica.

Desvendar o que acontece na sua realidade, dialogando com um semelhante que tem uma realidade parecida, vendo quais são as possibilidades e os entraves de ver seus interesses viabilizados é um rico processo de aprendizagem. Ninguém muda uma realidade que desconhece. A problematização de uma realidade a partir de uma situação dada, em muito contribui para que seus atores possam sair do processo de desumanização em que vivem, buscando novas possibilidades. (OLIVEIRA, 2007, p.103)

<sup>85</sup> Entrevista concedida por um agricultor agroecológico em 2016.

Os agricultores das feiras agroecológicas devem cumprir acordos em que os produtos devem ter os mesmos preços em todas as barracas, não devem ter valores diferentes de um mesmo produto. Mas há os agricultores que foram expulsos justamente por práticas divergentes aos acordados e há feiras, como a que ocorre na Estação Velha, em Campina Grande, em que eles, os agricultores expulsos, estabelecem seus preços, o que prejudica os agricultores da feira agroecológica.

*Eu já fui até ameaçado aqui, porque nós descobrimos as irregularidades e a gente tinha que dá exemplos para todos. Tinha um vizinho aqui que estava usando carbureto e quando nós viemos com os técnicos encontramos várias irregularidades. E lá em Lagoa Seca o filho de seu Paulo foi um dos que foi expulso. Mas ele teimou e colocou uma barraca lá perto no lado de fora da estação Velha e são desleais, porque vende nos preços que querem e ainda dizem que os produtos deles são os mesmos que são vendidos dentro. Aí saiu muita gente de lá da feira da estação por causa disso, os que tão fora fica queimando os que estão dentro.<sup>86</sup>*

Em relato, Paulo de Luna Freire (Paulinho), do sítio Utopia, em Alagoa Nova-PB, recela que na Paraíba ele foi um dos primeiros a implantar a concepção orgânica e teve que enfrentar obstáculos, várias vezes, através de tentativas e erros para que hoje tivesse êxito em sua produção rural. Saiu de uma vida noturna de São Paulo/SP para morar no interior da Paraíba em um sítio que só tinha bananeira e mato. Conseguindo apoio de um “louco” da EMATER/PB para, aos poucos, ir se firmando na lógica ecológica. Dessa forma, trouxe para o sítio o conhecimento empírico adquirido com seus pais, quando moravam no local, e o conhecimento teórico adquirido no Espírito Santo/ES e na UEPB, em Lagoa Seca-PB, no curso de Agroecologia.

*Antes de vir pro sítio fui para uns encontros de agriculturas alternativas no Espírito Santo, na Serra de Caparaó, fiquei dois meses lá, já com a ideia de vir para o sítio. E de lá vim pro sítio e o sítio nem energia tinha, mas sempre com a consciência de que deveria plantar sem o uso de adubo químico. A partir daí comecei a quebrar a cara porque ninguém fazia nada de orgânico no estado. Era zero, o único cara que encontrei foi Odenilson, um cara lá da EMATER em João Pessoa, aí a informação que me deram foi: Tem um maluco ali que gosta de plantar um matinho no quintal. Aí eu disse: É esse maluco que me interessa. Aí fui atrás de Odenilson e consegui uma apostilha dele que ele tinha feito um curso em 1981 e em 1982, um curso que ele tinha feito de Biodinâmica em São Paulo, mas totalmente sem ser aproveitado, não era aproveitado nada. Porque era um matuto que juntava uns matinhos, uns pés de planta, e ficava olhando uns besourinhos. Estas era a concepção que a EMATER tinha de Odenilson. Aí comecei a fazer as coisas e comecei a quebrar a cara. Nessa história agente fez uma parceria em 1998 com o*

---

<sup>86</sup> Entrevista concedida por um agricultor agroecológico do Assentamento Carrasco em: 10/04/2018

*Redentorista, houve um encontro da Nova Consciência, que naquela época a Nova Consciência abrangia várias coisas inclusive a ecologia. Hoje tá praticamente uma coisa só, basicamente religiosa. Aí consegui fazer um curso na Assis Chateaubriand, onde hoje é o curso de Agroecologia na UEPB em 1990. E nessa parceria que fizemos com ele fizemos a parte teórica lá e a prática aqui. E conseguimos com esse movimento montar a feirinha do Parque do Povo, depois esticamos pra Universidade, eu em particular em Guarabira.<sup>87</sup>*

Assim, os movimentos sociais da Agroecologia vão ganhando notoriedade e a constituição das feiras e a certificação participativa vão se consolidando no Agreste da Paraíba. Paulinho faz vinte e cinco anos que trabalha com agricultura orgânica, segundo ele: “*Sempre com o mesmo intuito de trabalhar, aproveitar o máximo possível o que se faz no sítio, não só o plantio, mais o beneficiamento de alguns produtos, doce, fazer goma de araruta, fazer o pó da cúrcuma, o coloral*”<sup>88</sup>. Assim, o aproveitamento endógeno é fundamental para que a prática agroecológica seja socialmente desenvolvida.

Paulinho acredita numa agricultura diversificada com a produção de várias culturas para que o mercado não derrube o pequeno agricultor. Assim, com uma área de 26 hectares, o agricultor tem mais de 50 variedades produtivas, que o mantém no mercado mesmo quando os preços dos produtos declinam.

*A ideia é aproveitar o máximo possível, ou seja, ao invés de usar a monocultura, ela é prejudicial em vários sentidos, como degradar o meio ambiente, mas também pelo fato de você ficar dependente de uma única cultura, ou seja, prá o preço do mercado mim derrubar tem que cair o preço de 50 produtos, ou seja, nunca acontece isso. Assim você tem o equilíbrio. Aí você diz então isso daqui dá dinheiro? Pode ser! Um certo produto dá dinheiro por um certo tempo, mas você tem uma monocultura que não é legal para o meio ambiente e você vai ter uma cultura, que se por acaso por uma medida escrota do governo, isso ali cai o preço você cai junto. E você com 50 produtos pode cair 5,10,15,25, mas tem outra metade prá poder te sustentar ainda. Ou seja, tem que diversificar a plantação em todos os sentidos no que possa fazer, inclusive trabalhando com mudas de planta<sup>89</sup>.*

Dessa forma, para que o agricultor cujo território de plantio seja pequeno a saída, segundo Paulo de Luna, é a forma de produção variada com a introdução de várias culturas. Assim, esses agricultores teriam produção durante todo o ano e ainda com reaproveitamento do potencial local do sítio, com respeito à natureza e preservando e replantando/reflorestando para

---

<sup>87</sup> Entrevista concedida por Paulo de Luna Freire, em 18/04/2018

<sup>88</sup> Entrevista concedida por Paulo de Luna Freire, em 18/04/2018

<sup>89</sup> Entrevista concedida por Paulo de Luna Freire, em 18/04/2018.

melhorar o potencial endógeno. Esta forma difere da produção em larga escala orgânica, pois esta visa primeiro o lucro e os nichos de mercado, em geral, com tipos limitados de culturas.

Na disputa por mercados orgânicos, a Hortaliças Sempre Verde tem um concorrente próximo, a empresa Reino Verde, que está localizada em Lagoa Seca. Até o ano 2012, existia uma concorrente maior que era a Fazenda Tamanduá, mas essa deixou de atuar no mercado de hortaliças. Para o empresário Francinildo Pimentel, seu maior concorrente de hortifrutigranjeiros está em Pernambuco.

*A Reino Verde é concorrente, mas eu tenho mais concorrente em Pernambuco, mas eu não discuto preço não, porque se a pessoa for brigar um contra o outro a gente termina quebrando né. Eu faço o meu preço, meu preço é esse eu vou dá para o mercado a qualidade agora questão brigar com concorrente eu não dou preço não, porque uma hora quebra quem for pra esse meio quebra no ramo de agricultura não é fácil, porque a despesa é alta é uma coisa que tem que chegar no final do mês e a conta tem que ser paga<sup>90</sup>.*

Esta forma de dominar o mercado, segundo Corrêa (2010, p. 35), “são meios efetivos através dos quais objetiva-se a gestão do território, isto é, a administração e o controle da organização espacial em sua existência e reprodução”. Ocorre uma seletividade a exemplo dos territórios agroecológicos do agreste paraibano com a compra da produção orgânica para mercados de outros estados por empresas atravessadoras. Mesmo dominando o lugar de intermediário ocupado por empresas, no agreste, essa produção é fragmentada, tanto pela empresa a qual tem áreas produtivas em municípios do entorno, como a produção adquirida via agricultores agroecológicos.

No processo de organização de seu espaço o Homem age seletivamente. Decide sobre um determinado lugar segundo este apresente atributos julgados de interesse de acordo com os diversos projetos estabelecidos. A fertilidade do solo, um sítio defensivo, a proximidade da matéria prima, o acesso ao mercado consumidor ou a presença de um porto, de uma força de trabalho não qualificada e sindicalmente pouco ativa, são alguns dos atributos que podem levar as localizações seletivas. (CORRÊA, 2010, p. 36)

Apesar de não haver obrigatoriedade quanto à exclusividade na destinação da produção a maioria dos entrevistados relataram destinar a maior parte da produção à empresa. “*Você planta prá ele o excedente né, você tira alguma coisa prá um canto e prá outro e vai distribuindo mais o foco principal é ele, é Francinildo, ele paga certo e pode levar. Quando ele veio aqui eu perguntei: Eu planto quanto? Aí ele disse plante aí prá tirar um ou dois caminhões por dia. Eu*

---

<sup>90</sup> Entrevista concedida por Francinildo Pimentel, em 11/08/2017.

*disse homi pela caridade é muita coisa!*”<sup>91</sup>. Desta forma, há o controle da produção através dos parceiros, os agricultores integrados, e isso faz da Sempre Verde uma liderança no mercado de hortaliças.

Nos relatos dos agricultores não ficou evidenciado, em termos de valores, os ganhos, os custos e as perdas na relação com a Empresa Hortaliças Sempre Verde. Mas, o fato é que as Organizações que apoiam os agricultores familiares agroecológicos como o Polo Sindical, a Ecoborborema e a ASP-TA, não pautam suas ações pelo viés do mercado, inclusive podendo também comprar e vender para supermercados.

As redes de agroecologia constituídas no Agreste Paraibano, envolvendo o Polo Sindical da Borborema, a ASP-TA e a Ecoborborema, fixam suas políticas voltadas para o desenvolvimento endógeno do homem do campo, através da tomada de decisões locais e institucionais para o crescimento familiar. Na fala de um dos agricultores, percebe-se que não há uma política interna dessas instituições voltada para à conquista de novos mercados. No relato de um agricultor do Carrasco, constatamos tal reflexão.

*Quando tá numa boa produção vai em média umas cinquenta caixas de mercadoria por semana. A caixa tá em torno de 17 kg e é pago um real o kilo da mercadoria. A forma de pagamento é feita semanalmente, mensalmente né depende se você quiser deixar juntar tudo prá pegar duma vez também, depende do agricultor. Esse contato quem faz é o agricultor, se você precisar toda semana, toda semana ele tá pagando. A gente aqui entrega como agroecológico, mais tem uma deficiência, porque recebe como convencional. Ainda não teve uma negociada sobre esses valores, né? porque na verdade a gente tá produzindo de uma forma e vendendo de outra, né?*

Outro fato marcante e recorrente, que tem desafiado os agricultores agroecológicos, são as cooperativas que se estabelecem no Agreste, mas certamente em outros lugares também, que participam das licitações, conseguem ofertar preços mais acessíveis que os agricultores e vencem os processos licitatórios no mercado institucional. Essas empresas, segundo os agricultores, atrasam a entrega dos produtos. Enquanto os agricultores familiares, em geral, procuram ser pontuais e corretos. Essas Cooperativas têm conseguido legalmente atuar em espaços que também poderiam ser ocupados pelos agricultores agroecológicos.

---

<sup>91</sup> Entrevista concedida por um agricultor agroecológico do Assentamento Carrasco, em 21/02/2018.



### 3.3 A AGROECOLOGIA PERCORRENDO MERCADOS: REDES DE SUPERMERCADOS, RESTAURANTES E OUTROS “NICHOS”

Cada vez mais a agroecologia tem buscado nas suas dimensões sociais, econômicas e políticas se manter fiel ao princípio da justiça social. De um lado, fortalecendo à agricultura familiar; de outro lado, viabilizando a produção e o consumo do alimento saudável. A produção, portanto, está voltada para atender à demanda da população, mas é inegável que, no caso do Brasil, cerca de 80% dos cidadãos vivem nas áreas urbanas, nas cidades. Em contradição, observa-se que a produção agroecológica é bastante limitada, atendendo de maneira mais informal, ainda que numa relação direta ao consumidor/cliente e a própria família, sem possibilidade de ampliar os investimentos e, conseqüentemente, o lucro.

A produção e a comercialização dos produtos agroecológicos têm nas feiras e nos mercados institucionais, os pontos de apoio mais seguros. Porém, em virtude da crise política e econômica que tomou conta do cenário brasileiro nos últimos anos, os investimentos na agricultura familiar, assim como o fim do MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário), que coordenava a maior das políticas voltadas à agricultura familiar, sem falar no fechamento do PAA, vivenciamos um momento de declínio no tocante à estratégia agroecológica.

Na fala de uma agricultora agroecológica que faz as feiras de Alagoa Nova-PB e Esperança-PB, ela ressalta que: *“Depois daquele quelele de Dilma em 2014 e que depois tiraram ela, aí as mercadorias pra CONAB deu uma parada. Já com as feiras o povo pensava que ia ganhar muito dinheiro, pois seu Nequin tá cansado de dizer: o povo pensava que ia sair com um paiol de dinheiro”*.<sup>92</sup> Questões como esta mostram a fragilidade que envolve a agricultura familiar no Brasil, fazendo com que cada vez mais atravessadores adentrem espaços que, por direito, pertencem à agricultura familiar, apesar da existência das feiras agroecológicas.

Neste caso, a relação entre produtor e consumidor é marcada por um distanciamento interposto pelas dificuldades de acesso aos mercados de venda direta dos produtos por parte dos camponeses. Sua produção encontra-se, pois, sujeita aos preços e as exigências daqueles responsáveis pelo transporte e venda aos centros de distribuição dos alimentos, resultando na constituição de uma relação comercial bastante desigual no que concerne à apropriação do valor incorporado ao produto vendido. (SANTOS, 2010.p.48)

Assim, a agroecologia adentrou as feiras que são organizadas pelos próprios agricultores e estes ainda não têm a capacidade logística de fornecimento para mercados maiores como as

---

<sup>92</sup> Entrevista com Dona Maricê Cavalcante Costa, em 30/01/2018.

redes de supermercados e restaurantes. E ainda há visões divergentes que partem tanto de mediadores como das lideranças dos agricultores agroecológicos. Esses mercados, por sua vez, estão sendo atendidos por agroempresas que investem no orgânico atraindo, assim, novos clientes com investimento no *marketing*. Para Malagodi (1998), “A lógica da produção do “agronegócio” se fundamenta tão somente na maximização do uso dos fatores de produção enquanto ativos produtivos monetarizados e quantificados, em função de um único objetivo, a maximização do lucro do capital investido. Dessa forma, a integração dos agricultores agroecológicos não deve ser vista tão somente pela renda que a empresa assegura através de uma relação “contratual”.

A intenção, com esse estudo, não é produzir uma imagem negativa da empresa mas, através desse exemplo, refletir sobre os modos pelos quais o capitalismo se desenvolve e se torna cotidianamente mais atuante na sociedade, trazendo um dinamismo econômico para a região, com geração de emprego e renda e, em contrapartida, gera a submissão e insegurança dos agricultores agroecológicos, que são atraídos pelas vantagens propostas e por uma renda imediata.

Nesse sentido, salientamos a inegável importância econômica da empresa Hortaliças Sempre Verde para o município, mas as vantagens econômicas se dão em meio a práticas de exploração, como assinala o relato abaixo:

*Faz três anos que trabalho pra Francinildo na parte orgânica e um ano eu trabalhei sem assinar a carteira, trabalhei clandestino. Eu pego às seis horas, só que vai mudar agora vai ser das sete às onze e de uma às cinco, ou até acabar. Ai agora vão pagar hora extra sabe, porque vêm muita mercadoria prá tirar, aí passa das cinco horas. O ruim é que eu paro de 10 horas prá almoçar e depois só pego de uma, três horas de almoço, se fosse uma hora de almoço tava bom demais, já teve dia de eu chegar em casa mais de oito horas da noite e não pagam hora extra. Tem uns funcionários que ele paga um salário mínimo, a outros paga menos, sempre é assim, sempre tem um que tem que ganhar mais. Agora é corrido demais lá viu. Aí teve um dia que ele disse que quem achasse ruim podia pegar o caminho de casa. Eu faço tudo lá, corto terra, limpo mato, estrumo, planto, tiro alface. No sítio de seu Inácio sai um caminhão por dia de hortaliças por dia. O que sai mais é coentro, alface americano e crespo. Aí mais ou menos sai mais de dois mil pés por dia de cada um prá ser vendido. Eu não tenho folga não, só tenho um domingo por mês de folga. Sim essa produção vai prá um bocado de cidade, João Pessoa, Recife, Natal, Mossoró, Campina aí, um bocado de canto<sup>93</sup>.*

Para o agricultor orgânico, Paulo de Luna Freire, se o Estado investisse em uma agricultura diversificada e se houvesse técnicos suficientes para orientar e acompanhar todo o

---

<sup>93</sup> Funcionário da empresa Hortaliças Sempre Verde, entrevista concedida em 08/06/2018.

processo produtivo e depois uma continuidade da produção, os agricultores não sofreriam no tempo da entressafra. “*O problema é que os técnicos agrícolas que têm são poucos, muitos tem boa vontade, mas são limitados com poucos recursos. E outra coisa só era prá ser técnico quem fosse agricultor, porque tinha conhecimento de causa*”<sup>94</sup>. Esse fato diminuiria a dependência externa da agricultura familiar agroecológica ou convencional se o agricultor tivesse possibilidades de trabalhar, plantar e fazer uso de várias técnicas e culturas.

*Eu acredito que o que a gente mais precisa dentro da agricultura familiar é de assistência técnica. A gente tem assistência técnica muito pouca. Onde você tem uma planta que você planta dentro da tecnologia a qualidade é muito maior e aquele que você não planta na tecnologia a qualidade da planta é bem melhor.*<sup>95</sup>

*E justamente se você pegar o porco por exemplo, dá para aproveitar tudo, então você fecha a cadeia produtiva dentro de uma propriedade rural, ou seja, é você incentivar o povo não só a plantar, mas plantar e ter vários usos, por exemplo eu planto a pimenta, eu vendo pimenta in natura, mais se eu voltar da feira com a pimenta, eu faço o molho da pimenta. Então é assim, você ter opções de trabalhar com essa pimenta em várias situações. Por exemplo, eu levei banana essa semana sobrou duas caixas, eu tô com o açúcar aí a gente vai fazer o bolo de banana. Então é assim você criar situações em que você reaproveite o produto não só em que ele possa ser guardado, mas que você possa usufruir dele por certo tempo, porque toda cultura tem um tempo de validade muito curto. Você tem uma manga, tem uma validade muito curta, mas se você tem um doce de manga ele vai perdurar por muito mais tempo. Por exemplo se você tiver uma banana ela dura uma semana, mais se você fizer um doce ele vale por seis meses. Porque assim você tem que ter opções para você fazer um conjunto de coisas e não só aquela frutinha, isso dentro da visão ecológica*<sup>96</sup>.

Para atingir esse ideal agroecológico, é necessário investimento do Estado e dedicação de cada agricultor na produção e comercialização de forma ecológica para que a cadeia produtiva se desenvolva. As políticas públicas são insustentáveis e, com isso o setor privado se aproxima cada dia da agricultura familiar e, por conseguinte, a agroecologia. No estado da Paraíba, a agroecologia chega até os restaurantes da capital e de Campina Grande, através da Hortaliças Sempre Verde. O agricultor, Paulinho, do Sítio Utopia, em Alagoa Nova, auxiliou a empresa intermediando os contatos com empresários na capital paraibana.

*Eu tinha ido em São Paulo e quando voltei encontrei com um amigo meu e comentei sobre o que eu tava fazendo e ele disse: Rapaz eu tenho um restaurante que tá abrindo e o pessoal faz as compras em Recife, de um grupo*

<sup>94</sup> Entrevista com Paulo de Luna Freire, em 18/04/2018.

<sup>95</sup> Entrevista com o Presidente da Associação do Assentamento Carrasco, em 19/02/2018.

<sup>96</sup> Entrevista com Paulo de Luna Freire (agricultor orgânico), em 18/04/2018.

*que tem em Recife com produtos orgânicos, de uma feirinha que tem em Boa Viagem! Ai eu consegui via SEBRAE, junto com um grupo da EMATER prá gente ir pra essa feirinha, pra vê como era essa feirinha, ai fomos vê essa feirinha. Quando cheguei lá nessa feirinha aí vi a quantidade de produtos que eles produziam. Eram 18 agricultores que trabalhavam nessa feirinha e eles produziam trinta e poucos produtos, aí descobri que esse restaurante tava pegando lá, tava indo pra Recife buscar esses produtos orgânicos. Aí eu disse: Gustavo me apresente esse pessoal? Aí eu descobri que um deles eu já conhecia, já tinha contato por causa do Pio X, onde estudava em João Pessoa. Ai fui no restaurante e procurei vê o que eles tinham e anotei tudo o que eles compravam no restaurante. Fui comprar as sementes e comprei as sementes e comecei a plantar. Um certo dia eu já tinha alguns produtos, já estava na feirinha do Parque do Povo, já estava na feirinha da Universidade, aí eu levei uma cesta pra eles e disse: Pronto isso aqui é o que eu produzo! Aí eles ficaram super animados, levei um balaio pra eles, dei de presente lá no restaurante aí o dono do restaurante chegou e eu disse: Eu tenho condições de produzir isso daí pra vocês parar de pegar em Recife.<sup>97</sup>*

Desde quando Paulinho começa a vender no restaurante em João Pessoa ele leva seus produtos para a capital paraibana toda terça feira e faz a feirinha com mais seis pessoas que vendem orgânico. Paulinho disse que acha um absurdo pagar cinco mil reais a uma certificadora. *“Acho um absurdo eu pagar 5 mil reais prá ser certificado do que eu sou, ou seja, pra alguém dizer o que sou de que sou entendeu. Não concordo até hoje com essa história de certificação<sup>98</sup>.”* Hoje ele mesmo garante que sua produção é livre de agrotóxico.

*Aí assim fiz essa feirinha e juntei o pessoal do restaurante e disse, mais prá trazer do sítio pra cá, de Alagoa Nova pra cá, só um balaizinho por semana não funciona. Aí nisso tinha as pessoas do restaurante, tinha Paulo Adíssio que é ligado à Universidade e outras pessoas ligadas ao movimento agroecológico dentro de João Pessoa que já se juntavam no restaurante e prestigiavam o restaurante, prestigiava à agricultura orgânica, que não existia dentro do Estado. Foi como começou a história. Aí eu levava numa pampinha três caixas pro restaurante e mais seis caixas uma para cada uma dessas pessoas ligadas aos movimentos. Eram doze caixas se não me engano para João Pessoa. Nessa história foi aumentando e tem um movimento de mais de dez pessoas nesta feirinha na terça feira.<sup>99</sup>*

Além da feira, do restaurante natural Oca, em João Pessoa e para uma lojinha de produtos naturais chamada Nutrivida, o agricultor Paulo de Luna, leva toda semana vinte caixas de mercadorias de produtos e tem uma clientela fiel. Ele tem um empregado que trabalha com ele desde a criação do sítio Utopia. A figura que segue mostra o restaurante onde são consumidos os produtos oriundos do sítio Utopia.

<sup>97</sup> Entrevista com Paulo de Luna Freire (agricultor orgânico), em 18/04/2018.

<sup>98</sup> Entrevista com Paulo de Luna Freire (agricultor orgânico), em 18/04/2018.

<sup>99</sup> Entrevista com Paulo de Luna Freire (agricultor orgânico), em 18/04/2018.

FIGURA 35: RESTAURANTE NATURAL OCA EM JOÃO PESSOA



Fonte: <https://www.facebook.com/sitioutopia/>. Acesso em: 22 maio 2018.

Paulinho saiu das feiras de Campina Grande e decidiu ficar só no sítio, o André (funcionário) é quem faz todas as entregas. *“Toda semana da segunda pra terça, de uma hora da manhã André sai daqui. Eu ia durante vários anos, mas nesses últimos anos, seis, sete anos, deixei de ir pra feira porque eu disse: Não, eu quero ficar dentro do sítio, eu vim pra ficar dentro do sítio, estou andando demais não quero não.”*<sup>100</sup> Além disso, o agricultor ainda fornece para a empresa Hortaliças Sempre Verde, conforme relata.

*Eu levo pra feira e produzo pimenta e algumas coisas às vezes pra Sempre Verde. Pra Sempre Verde eu tenho pimenta toda semana, agora mesmo eu tô tirando pimenta, semana retrasada eu levei cem quilos de pimenta “chapéu de bispo”, ou “Cambuci”. Semana passada levei 70 quilos. Devo levar uns 60 quilos hoje à tarde para lá. Aí tô produzindo a “dedo de moça” agora que ele se interessa, tô produzindo a “biquinho”, os meninos já tão tirando a “biquinho” e pimentas ardidadas que eu faço o molho.*<sup>101</sup>

Dessa forma, a produção diversificada do sítio Utopia não está preza apenas à venda para a Hortaliças Sempre verde, o agricultor oferece como principal produto a pimenta, uma média mensal de 350 a 400 quilos mensais para a Sempre Verde. Esse agricultor tem uma produção diversificada, além de não ter vínculo de exclusividade com a empresa, o que reduz o risco de não ter como escoar sua produção, uma vez que vende diretamente aos consumidores, em restaurantes e em lojinhas de João Pessoa. A figura é uma representação de uma área onde são produzidas as pimentas no estilo agroecológica.

<sup>100</sup> Entrevista com Paulo de Luna Freire (agricultor orgânico), em 18/04/2018.

<sup>101</sup> Entrevista com Paulo de Luna Freire (agricultor orgânico), em 18/04/2018.

FIGURA 36: PLANTIO DE PIMENTAS NO SÍTIO UTOPIA



Fonte: Severino J. Sobrinho - 18/04/2018.

Apesar do período prolongado de estiagem, Paulinho conseguiu replantar toda a propriedade com plantas nativas e externas à propriedade, plantou 26 hectares, mesmo não recebendo assistência do Estado. Conseguiu que sua propriedade tivesse lucro e ainda empregou 5 famílias. Paulinho ressalta que *“O poder público de modo geral incentiva o grande negócio, que nem precisa, porque o grande empresário da agricultura tem acesso a engenheiro químico, tem acesso a produto, a tudo o que ele queira e o pequeno não”*.<sup>102</sup> O pequeno agricultor precisa fazer manobras para que a propriedade produza e, ainda assim, torna-se uma presa para os intermediadores.

Na comercialização em supermercados, a valorização da atividade profissional está relacionada ao atendimento de novos parâmetros de competitividade, tais como a certificação, o cumprimento de legislações ambientais, os mecanismos de coordenação nas cadeias produtivas, as relações de cooperação e de inovações empresariais que atendam aos novos hábitos alimentares. São estes os parâmetros que valorizam a atividade profissional dos agricultores vinculados aos supermercados e, assim como ocorre na comercialização em feiras, proporcionam a (re) significação do trabalho na agricultura orgânica. (SCHNEIDER e GAZOLLA, 2011, p.176).

A Hortaliças Sempre Verde por ser uma empresa rural com certo poder aquisitivo, consegue contratar técnicos e, assim, garantir uma maior rentabilidade à produção e, conseqüentemente, ter controle sobre toda a cadeia produtiva, além de observar os desafios que

<sup>102</sup> Entrevista com Paulo de Luna Freire (agricultor orgânico), em 18/04/2018.

o mercado impõe, e assim continuar atendendo aos clientes. Ver relato de funcionário da rede Walmart de supermercados:

*A Hortaliças Sempre Verde é uma empresa regional aqui no Nordeste entendeu, ela fica bem pertinho aqui na zona rural de Alagoa Nova Paraíba, ela oferece orgânicos pra nós e também convencional, ela fica na zona rural de Alagoa Nova. Aí quem compra é o comercial que compra a ela. O comercial que é a central lá de Recife é quem compra prá 42 lojas do Walmart espalhadas pelo Nordeste. Aí a empresa em si tem uma parceria com a Hortaliças Sempre Verde só para trazer esse ramo de orgânico.<sup>103</sup>*

Este funcionário da Walmart ressalta que, pela vantagem da localização da empresa, é viável para a empresa comprar da Hortaliças Sempre Verde. “Aí quem compra é o comercial entendeu, eles compram fazem uma compra grande prá distribuir pra todas as lojas, as 42 lojas do Nordeste”<sup>104</sup>. Tem um escritório regional da Walmart em Recife e esse é responsável por distribuir esses itens de acordo com os pedidos de cada loja nas diversas redes do Nordeste.

FIGURA 37 E 38: PEDIDO DE MERCADORIAS - LOJA WALMART NO ESTADO DO PERNAMBUCO E GÔNDOLAS DE ORGÂNICOS NA LOJA WALMART EM CAMPINA GRANDE-PB

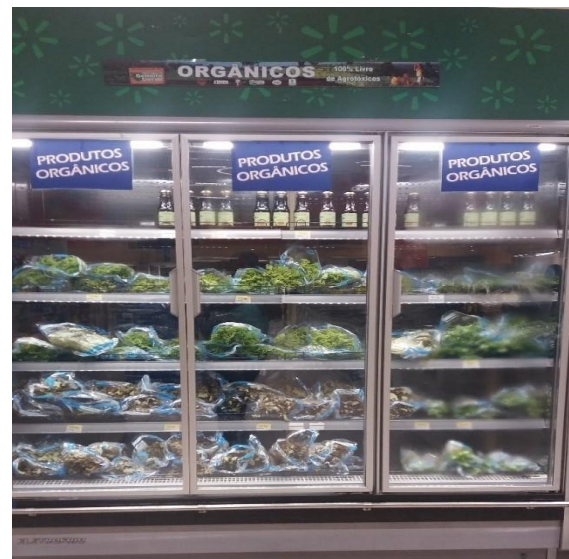
HORTALIÇAS SEMPRE VERDE COM. HORT. LTDA  
 CNPJ: 05620918000157 IE: 161388507  
 END.: PÓVOADO DE SÃO TOMÉ, SN - N. S/N Bairro: ZONA RURAL  
 58125-000 ALAGOA NOVA PB  
 Fone: (83)3365-5010 Fax:  
 E-Mail: contato@hortalicasempreverde.com.br

371 - BOMPREGO SUPERMERCADOS DO NORDE: CPF/CNPJ: 13.004.510/0395-67  
 Fantasia: B-307 IE: 09129805  
 Endereço: AV ANTONIO CABRAL DE SOUZA Bairro: MARANGAPEI  
 Cidade: PAULISTA UF: PE CEP: 5344300  
 Fone: 081032208 Fone:  
 Fone/Fax: 6 - 35 DADOS  
 RUA: 1 - BALCÃO  
 CARGA: 2040

Pedido 188802

Item	Código	UN	Descrição	Marca	Qtde	Qtde Proj	P. Venda	Sub Total	
12	03	KG	ABACORRINA REGIONAL		10,000	0,000	2,500	25,000	
11	35	KG	ACELGA		68,000	0,000	6,000	408,000	
5	8	UN	ALFACE AMERICANA		10,000	0,000	1,500	15,000	
2	43	UN	ALFACE CHEIRA		10,000	0,000	1,400	14,000	
1	21	UN	ALFACE LISA		1,000	0,000	1,600	1,600	
13	188	KG	BANANA DOCE		400,000	0,000	3,200	1,280,000	
4	45	UN	CEBOLINA		20,000	0,000	3,200	64,000	
1	20	UN	COMENTRO ESPECIAL		60,000	0,000	1,200	72,000	
4	43	UN	ESCORVAOZINA		10,000	0,000	1,200	12,000	
1	51	UN	ESPINAFRE		10,000	0,000	1,300	13,000	
7	24	UN	INGURICICO		40,000	0,000	3,200	128,000	
14	05	KG	SPINAC COZIDA		60,000	0,000	1,800	108,000	
13	122	KG	SPINACO VERDE		20,000	0,000	3,300	66,000	
16	122	KG	SPINACO VERDE		40,000	0,000	4,300	172,000	
17	124	KG	REPOLHO VERDE		20,000	0,000	1,300	26,000	
18	11	UN	REPOLHO		10,000	0,000	1,300	13,000	
19	11	UN	SALSA		10,000	0,000	1,300	13,000	
								Sub Total	3.618,00
								VL Frete	0,00 (*)
								VL Desconto	0,00 (1)
								VL Total	3.618,00 (1)
								Tot Peso	847,0000
								Tot Volume	8,0000

ALAGOA NOVA - 17/04/2018  
 O Cliente FALCOZ CONFIRMAÇÃO de recebimento de um de entrega  
 para não apresentar reclamações posteriores.  
 Este Valor é Assinatura do COMPRENTE



Fonte: Severino J. Sobrinho - 19/04/2018 e 04/05/2018, respectivamente.

De acordo com o funcionário que nos concedeu o relato, dos 16 (dezesseis) itens comprados a Hortaliças Sempre Verde o que mais vende é a alface, “tanto lisa, como a americana, a francesa também sai bastante. Essa semana mesmo a gente fez uma campanha do repolho e sai bastante, agora o que mais sai é o orgânico, o orgânico vende bastante, o

<sup>103</sup> Entrevista com um funcionário da Walmart, responsável pelo setor de hortifrutigranjeiros, em Campina Grande – PB, em 04/05/2018.

*orgânico é o que menos quebra*”<sup>105</sup>. Este relato mostra a estratégia dos supermercados para atrair consumidores para o consumo orgânico. Para o funcionário, dentre os produtos orgânicos a uva, a ameixa, a batata lisa, a batata yacon (batata doce), a banana pacovan e a maçã nacional, são os produtos mais vendidos no Hiper de Campina Grande.

*A empresa tem uma parceria com essas lojas para oferecer produtos de alta qualidade para essas lojas só nesse ramo de orgânico, é uma campanha que a empresa faz. Olha a campanha que a gente tem é essa olha: “cem por cento livre de agrotóxico”, aí é a campanha da Sempre Verde. A empresa vende tanto o convencional quanto o orgânico. Agora aqui o que mais vende é o orgânico. Sai 60 unidades de cada produto por dia, a gente compra cerca de dezesseis itens por dia à Hortaliças Sempre Verde visse. Aí é acelga, alface americana, alface lisa, tem vários tipos.*<sup>106</sup>

Na nota, onde consta o pedido feito pela rede Walmart está visível o preço de cada produto por unidade e, também, o preço estabelecido de venda nas lojas. Fica clara então que há uma distância entre o preço final dos produtos, vendidos nas redes de supermercados, e o preço que a empresa paga aos agricultores agroecológicos pelo mesmo produto. Enquanto os agricultores vendem o coentro e a couve orgânicos por 0,30 (trinta) centavos à Hortaliças Sempre Verde, a empresa repassa a unidade dos mesmos produtos por 1,80 (um real e oitenta centavos) para os supermercados, deixando explícita as vantagens da relação de integração/parceria nessa relação entre agricultores familiares agroecológico e empresas. O preço final repassado ao consumidor para esses produtos citados é de 2,54 (dois reais e cinquenta centavos) no mês de maio de 2018 em pesquisa de campo.

### **3.4 PERSPECTIVAS E DESAFIOS PARA A AGRICULTURA FAMILIAR AGROECOLÓGICA**

Como afirmamos, a relação de integração entre a empresa e os agricultores familiares agroecológicos é, sem dúvidas, vantajosa para a primeira, uma vez que esta tem a certificação por auditoria e não faz diferenciação quanto ao preço do produto, orgânico ou convencional. Nesta visão, Lima (2017) ressalta que os selos dos orgânicos comercializados nas redes de supermercados não garantem que as condições de trabalho estão sendo praticadas de forma

---

<sup>105</sup> Entrevista com um funcionário da Walmart, responsável pelo setor de hortifrutigranjeiros em Campina Grande-PB em: 04/05/2018



justa, uma vez que a certificação auditada visa apenas a não utilização de agrotóxicos e OGMs. Assim, o preço estabelecido não é considerado justo com os agricultores.

*A gente fez um trabalho grande dentro da Ecoborborema botemos as coisas na linha, mas a presidente atual tá deixando as coisas afrouxarem, tão comprando troço por tudo quanto é canto, quer dizer, Anilda lá de Remígio e Irenaldo é o vice e também é de Remígio também, depois que eu sai da presidência muita gente da colocando coisas de fora. No primeiro mandato eu fui tesoureiro e depois fui presidente da Ecoborborema por quatro mandatos. E agora eu estou como fiscal. E agora tá um problema com essas cooperativas, essas cooperativas vão acabar com os agricultores agora é pra fechar a entrada do PNAE para a agricultura, por isso que a gente já disse que é um “penar” num é um PNAE não é um “penar”. Ai a cooperativa tá engolindo tudo visse tem essa cooperativa ai do frango, agora ta certo na parte do frango ou do ovo eu não digo nada que ela esteja a cooperativa pode entrar, mais entrar em tudo! A cooperativa tá pegando tudo e comprando tudo na CEASA, tem a cooperativa de Sapé que bota polpa de fruta e aqui a de Nazaré em Lagoa de Roça que pegou os hospitais de Campina Grande tudin e as escolas da Paraíba pegou um monte.<sup>107</sup>*

Considerando a pouca capacidade do agricultor agroecológico individualmente concorrer com as cooperativas, a cada dia, o lugar de produtor da agricultura familiar vai sendo ocupado por essas instituições, que compram nas CEASAS e abastecem o mercado institucional. Para tratar dessa questão, é importante considerar o fato de que grande parte dos agricultores familiares, mais da metade dos agricultores agroecológicos entrevistados não tem a DAP (Declaração de Aptidão ao PRONAF), o que garantiria uma maior participação desses nas políticas públicas voltadas à agricultura familiar e, evidentemente, a agroecologia.

Em busca de uma maior autonomia produtiva e comercial, entidades como o Polo da Borborema, a Ecoborborema e a AS-PTA traçam estratégias para atribuir novos mercados para os agricultores, trabalhando em coletividade com os agricultores e técnicos. Dentre as várias políticas de que fazem parte, como o PAA, recursos hídricos, sementes, mudas, há também o acesso aos mercados através das várias feiras implantadas nas cidades do agreste paraibano, que levam uma alimentação orgânica/agroecológica diretamente ao cliente.

Para o coordenador local na Paraíba, a AS-PTA trabalha em vertentes da agricultura familiar com apoio dos sindicatos e associações e a ASA (Articulação Semiárido Brasileiro), atuando em 10(dez) estados brasileiros (Minas Gerais, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão), trabalhando em redes e se articulando para o fortalecimento da agricultura familiar e acessos a mercados. A figura a seguir revela a

---

<sup>107</sup> Entrevista concedida por um agricultor agroecológico do Assentamento Carrasco, em 10/04/2018.

imagem da entrada do Centro Agroecológico São Miguel, sede da AS-PTA as margens da BR 104, em Esperança-PB.

FIGURA 39: ENTRADA DO CENTRO AGROECOLÓGICO SÃO MIGUEL EM ESPERANÇA-PB



Fonte: Pesquisa de Campo, em 22/05/2018.

De acordo com o coordenador da AS-PTA, a parceria entre as ONG's é importante para a agricultura familiar no território da Borborema e o Polo Sindical, uma rede de 14 sindicatos que se tornaram fundamentais para a consolidação das feiras agroecológicas e a ascensão dos mercados a partir do desenvolvimento local e da união coletiva dos agricultores envolvidos nos diversos projetos e parcerias que a entidade tem.

*A gente faz um trabalho aqui desde 94 no território da Borborema e a gente têm valorizado né as experiências locais dos agricultores a partir de vários diagnósticos, vários estudos que a gente fez pra conhecer quais são os principais desafios do território, como também quais são as potencialidades que eles têm. Então pra nós é muito importante o papel dos agricultores e agricultoras na construção né desse conhecimento aqui nesse território. E o Polo ele se constituiu justamente pra dá esse suporte esse papel de um fórum de agricultores que pudessem mobilizar e articular essas famílias né em torno dos vários temas, que a gente trabalha com vários temas né, tema das sementes, dos recursos hídricos, temas do processo de arborização, o tema dos mercados, hoje nós fazemos um trabalho específico com juventude, um trabalho específico com crianças, com mulheres, tem um trabalho específico das mulheres no campo da experimentação, e a gente tá também articulado em redes, aqui a gente tá no território, no território da cidadania como é chamado era parte desse território, faz parte da ASA Paraíba, que aqui é o semiárido paraibano não é, e também tem expressão da agroecologia no estado da Paraíba todo, principalmente nos temas das sementes, da água, dos mercados e da criação animal e agora no processo evolutivo com o trabalho com a juventude com o trabalho da ASA, a gente também tá articulado na ASA/BRASIL que também faz o programa P1+2 e PMC e com o programa de sementes, também aqui no nordeste tá articulada na rede ATER/Nordeste de*

*assistência técnica não é, e a nível nacional na ANA que é a Articulação Nacional da Agroecologia.*<sup>108</sup>

Sem o processo e articulação em rede no qual cooperam, a expressão da agroecologia, não seria viável, tanto em nível nacional, quanto regional ou local. Essas articulações permitem diagnósticos de fragilidades e potencialidades no território em que atuam o Polo, a AS-PTA e Ecoborborema, para assim valorizar o que se tem de positivo e investir nas localidades com menor rendimento econômico e, assim “equalizar” com o todo, fazendo um trabalho local, mas visando uma articulação nacional de fortalecimento das práticas da agroecologia e da concentração fundiária. Para o Coordenador do Centro São Miguel de Agroecologia, Roberval,

*O trabalho de mercados ele surge justamente da necessidade dos agricultores de ter um espaço de comercialização com os produtos da agricultura familiar né, a gente chegou num estágio em que a agricultura familiar estava produzindo bem e passou a cessar né tanto os mercados institucionais como o PAA e PNAE como esse mercado que a gente foi construindo aqui no território que é o das feiras agroecológicas né. Aí você tem hoje são 12 feiras no território, uma delas está em Alagoa Nova, tem em Campina Grande, Esperança, Remígio, Queimadas, em Arara, Massaranduba. E essas feiras estão articulada pela Ecoborborema e a Ecoborborema é assessorada por esse núcleo de mercados que é aqui da AS-PTA. [...] O sindicato é quem faz a gestão das feiras, tem autonomia, apesar das feiras estarem vinculadas a Eco.*<sup>109</sup>

Segundo o coordenador da AS-PTA, o órgão tem 34 técnicos que prestam assistência, (setor administrativo, financeiro e técnico). O órgão presta uma assistência coletiva aos agricultores familiares, e esses participam da coordenação ampliada através dos agricultores de base e todo o processo de formação é coletivo através do projeto de ATER, que presta assistência às famílias, prezando pelas visitas, intercâmbios, oficinas comunitárias e isso vai dando continuidade aos projetos prestados pela AS-PTA.

Quanto ao acesso a mercados mais amplos que as feiras agroecológicas, o coordenador da AS-PTA ressalta que,

*Já tem uma relação dos agricultores neste espaço de supermercados, a gente tem vários exemplos de agricultores que já venderam a supermercados. Agora a gente tá começando mesmo a produção do cuscuz agroecológico e tá empacotando sementes também, esses produtos já estão sendo vendidos para restaurantes em João Pessoa, o cuscuz agroecológico e as sementes devem estar chegando nesses dias para os supermercados porque já tão sendo empacotados com selos agroecológicos, e as Sementes da Paixão. Elas já são*

<sup>108</sup> Entrevista com o coordenador da AS-PTA no Centro São Miguel em Esperança-PB, no dia 22/05/2018.

<sup>109</sup> Entrevista com o coordenador da AS-PTA no Centro São Miguel em Esperança-PB, no dia 22/05/2018.

*empacotadas e vendidas nas feiras agroecológicas. O cuscuz agroecológico é feito no Banco de Sementes Mãe, é feito lá e vai pras feiras e na próxima semana já deve estar circulando para os supermercados.<sup>110</sup>*

Para o coordenador da AS-PTA, não está no horizonte da Ecoborborema criar uma cooperativa entre os agricultores, apesar de haver certo movimento nessa direção. Entretanto, o foco incidiu sobre o cuscuz agroecológico, o “cuscuz da paixão” e as Sementes da Paixão, contendo os selos agroecológicos para serem comercializados em supermercados e em restaurantes de João Pessoa-PB. Essa venda pode impulsionar o mercado dos agricultores agroecológicos com os supermercados sem a intermediação de empresas agrícolas. A estratégia de organização em cooperativas seria um ganho real para os agricultores agroecológicos pois, possibilitaria vender diretamente em mercados maiores, livres de atravessadores.

Para o Polo Sindical da Borborema, a união de 14 sindicatos fortaleceu a agricultura familiar no Agreste paraibano, pois esses sindicatos passaram a ter mais poder político e dar mais visibilidade à agroecologia, com a instituição das feiras, possibilitando aos agricultores alcançarem outros mercados.

*Nós criamos o Polo Sindical em 96 e quando nós criamos o Polo Sindical naquele tempo só foi com 8 sindicatos. [...]. Então criamos o Polo e junto com a AS-PTA que tinha chegado aqui em 1993 e tinha implantado um trabalho de Agroecologia em Solânea, Remígio e Lagoa Seca, um trabalho de agricultura familiar livre de veneno de agrotóxico de transgênicos, então colocamos a AS-PTA como parceira nossa, aí nós criamos um trabalho de agroecologia no Polo. O trabalho de agroecologia tem vários pilares, trabalhando com as plantas, não usando veneno e replantando frutíferas, pois temos um grande viveiro de mudas na AS-PTA e aqui em Alagoa Nova temos um grande viveiro de mudas lá no Engenho Geraldo frutífera e não frutífera para qualquer agricultor familiar que quiser gratuitamente<sup>111</sup>.*

Outro trabalho idealizado pelo Polo foi o projeto *Sementes da Paixão*, que visa preservar e perpetuar sementes de milho, fava, feijão e de outras culturas que os guardiões mantêm armazenadas por serem de grande valor produtivo e permanecerem com as famílias de agricultores através de gerações. No município de Alagoa Nova, há quatro Banco de Sementes. No Polo existe o Banco Mãe, localizado na ponte do Quiser (ao lado da BR 104), onde são juntadas todas as sementes dos agricultores e deste Banco é repassado para os bancos de

<sup>110</sup> Entrevista com o coordenador da AS-PTA no Centro São Miguel, em Esperança-PB, no dia 22/05/2018.

<sup>111</sup> Entrevista com Manuel A. Oliveira, presidente do Sindicato dos trabalhadores rurais de Alagoa Nova-PB, em 05/06/2018.

sementes locais, situados entre as cidades de Lagoa de Roça e Lagoa Seca. As figuras a seguir ilustram elementos desse projeto:

FIGURAS 40, 41, 42: PRÉDIO DO BANCO MÃE DE SEMENTES E DE FABRICAÇÃO E EMBALAGENS DO CUSCUZ AGROECOLÓGICO E DAS SEMENTES DA PAIXÃO



Fonte: Severino J. Sobrinho - 06/06/2018.

Neste Banco Mãe está se iniciando o projeto denominado cuscuz agroecológico, uma estratégia de atrair mais mercado para a agroecologia. Uma parceria entre o Polo Sindical, AS-PTA e os agricultores agroecológicos. Os idealizadores batizaram o produto de “cuscuz da paixão”, o mesmo é oriundo do Banco Mãe de sementes e, a princípio, das sementes dos agricultores do município de Remígio-PB.

*Ai nós temos a fábrica de cuscuz agroecológico que é pra o aproveitamento do milho jabaão que é dos agricultores do polo Sindical plantam e vendiam esse milho aleatoriamente, ai qualquer outro milho natural e sem ser transgênico ele, todo natural e nós através de um projeto, a AS-PTA junto conosco fizemos uma fábrica de cuscuz agroecológico, o lançamento é amanhã numa feira em Campina Grande, numa feira de orgânicos que vai ser de manhã lá na Praça da Bandeira. E você querendo encontrar ele você já encontra aqui na feira agroecológica de Alagoa Nova, já tem aqui na feira já está vendendo também.<sup>112</sup>*

Em junho de 2018 ocorreu uma feira na Praça da Bandeira, em Campina Grande, em alusão à Semana de orgânicos na Paraíba, da qual participaram várias entidades (organizações políticas e sociais) do Estado para fortalecer a luta por uma agricultura livre de agrotóxicos e de transgênicos. Na Borborema, são doze feiras que são acompanhadas pela Ecoborborema e em outras regiões da Paraíba também são realizadas outras feiras.

<sup>112</sup> Entrevista com Manuel A. Oliveira, presidente do Sindicato dos trabalhadores de Alagoa Nova-PB, em 05/06/2018.

*A comissão de produção orgânica ela está organizada desde o litoral até o sertão da Paraíba e existe 19 organizações de controle social que participam dessa comissão. Estas organizações de controle social são as associações comutárias, muitas delas estão aqui hoje comercializando sua produção agroecológica, esta produção que cada família tem no seu arredor de casa, no seu quintal, no seu roçado, que traz né pra os consumidores de Campina Grande conhecer e se aproximar deste movimento que são as feiras agroecológicas que acontece no estado da Paraíba. Essa comissão existe desde 2005 e essa Semana Nacional de Orgânicos é a 13º que está acontecendo no Brasil, né então a comissão de produção orgânica da Paraíba participa desse movimento desde o dia 27 de maio que os municípios vêm realizando os seus eventos assim como este né. A comissão junta no estado da Paraíba 400 agricultoras.<sup>113</sup>*

Os agricultores que fazem a feira estão cadastrados no Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento. No evento tinha cerca de 20 barracas do Agreste Paraibano e dessas duas barracas eram de agricultores de Alagoa Nova-PB. A barraca que continha o cuscuz/fubá agroecológico era da cidade de Remígio-PB. As figuras a seguir são da comercialização na feira, em alusão à Semana de combate aos Agrotóxicos e em defesa do meio ambiente.

FIGURAS 43 E 44 – IMAGENS DA FEIRA AGROECOLÓGICA INSTALADA NA PRAÇA DA BANDEIRA EM CAMPINA GRANDE-PB



Fonte: Severino J. Sobrinho - 06/06/2018

A política do Polo da Borborema não visa a construção, a princípio, de uma cooperativa mesmo com o início de um mercado de produtos agroecológicos mais amplo e com a introdução da fabricação do cuscuz agroecológico. Para o Polo, essa cultura é mais enraizada no sul do

<sup>113</sup> Fala de Veronica Barboza, da Comissão de Produção orgânica da Paraíba, durante a feira agroecológica que lançou o cuscuz da Paixão.

Brasil, no Nordeste essa prática de cooperativas ainda não tomou o impulso necessário para a prática e constituição das mesmas. “*É o seguinte nós não pensamos em cooperativa, porque infelizmente cooperativismo aqui no Nordeste é muito dispendioso, é muito difícil, cooperativa tem mais naquela região do sul, porque o povo não tem muito uma consciência do que é um cooperativismo*”<sup>114</sup>. De certa forma, há uma dependência da agricultura familiar dessas redes defensoras das políticas voltadas para as práticas agrícolas e a intervenção da Hortaliças Sempre Verde se torna propícia pois órgãos como a AS-PTA, o Polo Sindical da Borborema e a própria Ecoborborema não criam alternativas para viabilizar um maior mercado além das feiras e abarcar novos mercados como as redes de supermercados.

A criação de cooperativas iriam atender um maior mercado, mas essa hipótese é desconsiderada. A formação da cooperativa poderia ser uma iniciativa dos próprios agricultores agroecológicos. Neste caso, a ASP-TA e os sindicatos apoiariam. Se houver a continuidade e o fortalecimento da organização dos agricultores isso aconteça.

“*Na feira eu vendo a couve, o coentro a 0,50 centavos e a Francinildo eu vendo a 0,30 centavos*”.<sup>115</sup> Há alguns agricultores que fornecem apenas à Empresa, caso a empresa venha faltar, muitos ressaltam que migram para outra cultura e permanecem nas feiras e/ou ainda vão levar para as centrais de abastecimento CEASA que compram a produção no atacado. Nos relatos, fica perceptível que nas feiras agroecológicas a produção dos agricultores é vendida por preços mais altos do que para a Hortaliças Sempre Verde. No entanto, como a demanda das feiras é menor, os agricultores preferem direcionar à produção para a empresa, pois, ao unir o montante, o ganho real vai ser menor com maiores mercadorias. Nos relatos, os agricultores não vêm risco, ou não tem noção de risco ao venderem toda a produção para um único local, a empresa Sempre Verde.

Nesta pesquisa, não foi possível saber a quantidade de produção vendida para a Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte da empresa Hortaliças Sempre Verde, pois não houve abertura para o acesso às informações. Também não foi possível saber por parte da empresa o total da produção orgânica comprada aos agricultores agroecológicos, pois a maior parte da produção comprada advém de seu sogro, seu Inácio Luna, um dos pioneiros da agroecologia na região. Nesse e em muitos outros aspectos o trabalho não avançou como desejávamos.

Porém, diante dos relatos dos agricultores agroecológicos, foi constatado que há uma satisfação em vender a empresa em virtude do retorno rápido e garantido. Mesmo com as

---

<sup>114</sup> Entrevista com Manuel A. Oliveira, presidente do Sindicato dos trabalhadores de Alagoa Nova-PB, em 05/06/2018.

<sup>115</sup> Entrevista concedida por um agricultor agroecológico do Sítio Ribeiro, em 09/04/2017.

diversas feiras nas cidades do Agreste paraibano e com a venda direta feita, o poder aquisitivo dos agricultores é limitado e a falta de logística restringe as possibilidades de crescimento, através da agroecologia.

Por fim, apesar da legalidade da terra, os agricultores não têm controle sobre a cadeia produtiva integrada à empresa Hortaliças Sempre Verde. Temos, ao final, um caso de expropriação muito singular, em que a empresa retira dos agricultores familiares agroecológicos não só o lucro das hortaliças, mas a forma de produzir, a cultura e uma história de vida uma vez que são direcionados a produzir o que a empresa necessita, que não privilegia a autonomia familiar e a valorização dos aspectos endógenos.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso trilhado no desenvolvimento dessa pesquisa nos fez aprofundar nas trajetórias de vida de agricultores e empresários e no universo da produção e comercialização, que permeia a agricultura familiar agroecológica. A construção dessa pesquisa nos trouxe inquietações a respeito da construção dos mercados orgânicos na região agreste da Paraíba, em particular, no município de Alagoa Nova-PB. Embora o município seja um dos precursores da perspectiva agroecológica e tenha-se buscado uma autonomia através das feiras agroecológicas, chegou um momento em que muitos agricultores agroecológicos foram solicitados a conhecer um novo mercado além das feiras agroecológicas, e eis que surge a agroempresa Hortaliças Sempre Verde para fazer parte desse mercado orgânico e intermediar a produção agroecológica para supermercados nos centros urbanos.

Embora com pouca terra, a agricultura familiar consegue produzir e produzir com relativa diversificação, com capacidade e potencial para atender ao mercado interno, apesar de todo o processo agroquímico que se instalou no Brasil. A agroecologia tem conseguido pautar o tema da segurança na alimentação levando alimentos saudáveis à mesa dos brasileiros. Enxergar esse universo que envolve as agriculturas alternativas mostra-nos que a persistência e a produção agroecológica perduram e resistem em meio à agricultura de larga escala, pautadas pela Revolução Verde e intensificadas nos latifúndios que ainda persistem no Brasil com uma monocultura que expulsa cada vez mais o homem do campo e empobrece o seu *habitat*. Com esse perfil, como vimos, é constituída a agricultura comercial voltada para atender o mercado externo.

Em meio às várias formas e técnicas de produzir no campo para variados mercados, a agroecologia se fixa, em escala menor, numa aceitação maior de consumo com a contribuição de entidades não-governamentais que dão suportes técnico e jurídico para legalizarem e se manterem em um mercado cada vez mais competitivo e concentrador. As entidades que apoiam as agriculturas alternativas, em especial a agroecologia, tratadas nessa pesquisa, atuam para reorganizar e dinamizar a agricultura praticada de forma natural sem agredir o ambiente.

A empresa rural Hortaliças Sempre Verde tem atuado como produtora e, ao mesmo tempo, como intermediadora da produção de hortifrutigranjeiros da agricultura familiar agroecológica no agreste paraibano, moldando esse espaço agrário. Assim, atraídos por uma ajuda de custo no começo da produção, a empresa domina cada vez a produção agroecológica e consegue ampliar o mercado de orgânicos.

Nesse contexto, cumpre ressaltar que o princípio da autonomia e da sustentabilidade politizada e disseminada pela agroecologia é alterada pela dinâmica da Sempre Verde. Esses agricultores integrados vão de encontro ao pensamento político, social, ambiental e cultural dos agroecologistas. Ao se adaptar ao padrão do exigente mercado orgânico das redes de supermercados, a empresa compra a preços menores dos que seriam vendidos nas feiras agroecológicas e parte da demanda orgânica é solicitada pelas redes de restaurantes, supermercados que são seus clientes, consumidores potenciais.

A ilusão de uma renda imediata faz com que os agricultores familiares agroecológicos não tenham os malefícios nessa relação no longo prazo. A integração, nesse caso, tem levado a dependência, e à sujeição. O fato da empresa localizar-se próximo aos agricultores foi primordial para a consolidação dessa complexa parceria.

O surgimento de organizações que defendem a agroecologia nos anos 90, na Paraíba, como a AS-PTA, o Polo Sindical da Borborema, a Ecoborborema e outras entidades, fazem brotar no agreste uma dinâmica produtiva que fortalece o mercado local. Apesar dos avanços com as certificações participativas, os agricultores agroecológicos não conseguem avançar na conquista de mercados, além das feiras agroecológicas locais, pois não tem recursos nem logística para atender ao mercado em expansão. Eis que, com a Sempre Verde, seus produtos são levados para supermercados, disseminando a compra de orgânicos, através do *marketing* das prateleiras dos supermercados que exercem um monopólio alimentar e comercial. Assim, essa dupla face da venda de orgânicos revela-se nessa pesquisa com a apropriação agroecológica para serem comercializadas por grandes corporações alimentícias.

Por meio da análise das entrevistas realizadas com os agricultores agroecológicos, fica perceptível que não há uma convicção de que a integração econômica/produtiva entre os agricultores agroecológicos e a empresa deixa os agricultores agroecológicos dependentes dos insumos e dos kits de irrigação fornecidos pela Sempre Verde, essa exclusividade demanda, em contrapartida, a seleção das melhores mercadorias para serem direcionadas a empresa, o que deixa os agricultores atrelados às solicitações e exigências produtivas da empresa, que direciona o tipo de produção que cada agricultor pode produzir. Há, assim, uma desconstrução da agroecologia para uma construção de uma dinâmica orgânica que tem a agroecologia como motor da dinâmica comercial da empresa.

Não há, pelo menos nos relatos dos representantes da Ecoborborema, da AS-PTA e do Polo Sindical da Borborema, uma unidade no sentido de canalizar estratégias para a protagonização de toda a produção dos agricultores agroecológicos para os diversos mercados. Percebemos que essas entidades pautam políticas públicas para serem direcionadas à

coletividade, mas que são pontuais e seletivas, ou seja, não abrangem a maioria dos agricultores e sim a grande parte de associados, o que deixa uma imensa maioria desprovida de recursos e de conhecimento.

Essas entidades não vislumbram um possível mercado através de cooperativas, para exemplificar, de agricultores agroecológicos, para a venda da produção e assim terem uma maior lucratividade, tendo em vista que a Hortaliças Sempre Verde consegue fazer isto e captar a produção dos agricultores e sua disseminação orgânica por meio da certificação auditada.

Constatou-se ainda que esta forma de vínculo com os agricultores deixa-os desvalorizados pois, ao venderem agroecológicos para a Sempre Verde, estes recebem o valor relativo ao produto convencional, desarticulando toda uma construção histórica pautada pela afirmação da agroecologia como produto de qualidade a ser consumido na sociedade.

Outros fatores além da atuação da empresa Hortaliças Sempre Verde afetam a dinâmica de produção e comercialização da agroecologia na região pesquisada. Vários agricultores têm a possibilidade de, mediante prerrogativas legais, direcionar sua produção para os mercados institucionais. Mas várias cooperativas estão passando à frente desses agricultores e vendendo produtos da agricultura familiar a vários órgãos públicos, como escolas, creches e hospitais. Este fato gera um descontentamento e, muitas vezes, a desistência de vários agricultores a não venderem mais aos programas PAA e PNAE, por exemplo. Além disso, pela periodicidade da cultura produtiva, acaba havendo desistências para comercializarem junto a esses programas.

Na pesquisa, foi possível observar que há agricultores que vendem somente para as feiras agroecológicas, muitos deles participam de mais de uma feira e vendem aos programas institucionais com garantia de que seus produtos são agroecológicos e certificados pela MAPA. Encontramos também agricultores que vendem nas feiras agroecológicas e, como as feiras não consomem toda a produção que têm, destinam a maior parte de sua produção para a Hortaliças Sempre Verde. Encontramos ainda agricultores agroecológicos que mantêm exclusividade com a empresa, a ela destinando toda a sua produção. Esse fato nos chama a atenção pois essa exclusividade causa uma dependência direta com relação à empresa, pois há a vulnerabilidade da alternância do quantitativo dos pedidos feitos em diferentes períodos.

Nesse cenário, nota-se também que a agricultura familiar carece de mais recursos estatais para diversificar a produção e, assim, não ficar à mercê dos intempéries da entressafra de uma única cultura. Carece ainda de maiores recursos humanos para dar continuidade e acompanhamento da produção de técnicos especializados na área agrícola para estarem diretamente acompanhando esses agricultores, pois o que se tem são assistências pontuais e/ou

esporádicas executar ações como, por exemplo, a implantação de algum programa agrícola, já que não há um acompanhamento e monitoramento da produção.

Saliente-se ainda que o processo de certificação participativa não credencia os agricultores agroecológicos para venderem diretamente nas redes de supermercados, o que aumenta a intermediação de empresas pois o aumento crescente do consumo de orgânicos faz com que a agricultura familiar, mesmo que indiretamente, como acontece através da Sempre Verde, necessite participar também desse processo.

Torna-se vantajoso economicamente para empresa, ter os agricultores integrados, pois estão trabalhando exclusivamente para a empresa quando destinam a ela toda a sua produção. A empresa não paga honorários, não tem despesas trabalhistas e não paga mão-de-obra, pelo contrário, todo o custo é mantido pela família, assim como o transporte da mercadoria até o galpão da empresa. Dessa forma, a fragmentação territorial da empresa e sua forma de produção também é atribuída aos agricultores agroecológicos, pois estes, ao se integrarem à empresa fazem parte da sua extensão produtiva. O custo que a empresa tem é no começo da produção com distribuição de parte das sementes, dos kits de irrigação e do adubo, caso os agricultores precisem, para depois, aos poucos, irem liquidando esse “empréstimo”. O restante das despesas é por conta dos agricultores familiares.

Tínhamos como objetivo, nessa pesquisa, analisar como se dá o processo de integração/parceria de hortifrutigranjeiros agroecológicos realizado entre a empresa Hortaliças Sempre Verde e os agricultores familiares agroecológicos. Com relação a essa questão, percebemos que a relação de integração torna-se um processo perigoso para os agricultores devido às múltiplas faces de dependência produzidas na relação. Mas foi possível analisar tanto nas falas dos agricultores, quanto do empresário, como essa integração ocorre e até que ponto se torna uma vantagem e uma desvantagem para o processo agroecológico. Essa forma de parceria prejudica as construções sociais alcançadas ou almejadas pela agroecologia.

Assim, o princípio da autonomia adquirida através das feiras agroecológicas vão sendo minadas com a prática de integração entre a empresa e os agricultores, pois, apesar dos lotes de terras serem pequenos, muitos desses agricultores conseguiriam, com investimentos públicos ou privados, atrair novos mercados consumidores, além disso, a idealização de uma cooperativa de agricultores agroecológicos poderia minimizar ou até desfocar a Sempre Verde desse viés, pois, praticam uma comercialização junto aos agricultores com valor de produto abaixo do estabelecido nas feiras.

A hipótese de que os agricultores agroecológicos estavam servindo força de trabalho barata quando destinavam sua produção à empresa foi confirmada nos relatos dos agricultores

pois, parte deles mantém a exclusividade à empresa e, de certa forma, essa prática leva esses agricultores a uma relação de negócio, e não mais como ideário produtivo e formas de viver, morar e cultivar no espaço agrário. Mesmo assim, há a manutenção do consumo próprio por suas famílias e a convicção no discurso de que sua produção e as formas como são produzidas é orgânica/agroecológica, o que demonstra uma relação de confiança para se conquistar novos clientes.

Infelizmente, a partir de certo ponto da trajetória da pesquisa, os donos da empresa Hortaliças Sempre Verde não permitiram mais o acesso às informações, especialmente no que diz respeito às relações comerciais com os agricultores, dessa forma não foram repassados para a pesquisa os dados quantitativos do quanto é destinado de produtos para os estados da Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco, tampouco quanto era comprado ( em especial o quantitativo de orgânicos) aos agricultores agroecológicos para a manutenção da demanda orgânica para os estados. Mesmo assim, foi possível ter uma noção do quantitativo vendido para a empresa diante dos relatos dos agricultores.

Observou-se no discurso e na falta de disponibilização de dados que há algo oculto na relação de integração/partceria, uma vez que a certificação auditada é somente na parte que compete ao sogro de Francinildo Pimentel, seu Inácio Luna. Desse modo, os agricultores agroecológicos, ao manterem a produção orgânica participativa, vendem sua produção e recebem de forma convencional, o que não garante que outros produtores, que não têm os selos de produção agroecológica, mas não usam produtos químicos, vendam a produção à empresa e a mesma selecione como orgânico. Nas pesquisas, foi constatado que alguns agricultores, que não tinham certificação agroecológica, foram orientados a não cederem informação para a pesquisa, pois isso poderia prejudica-los ou prejudicar a empresa.

Diante de tais fatos, fica a percepção do predomínio, no Brasil, de uma agricultura empresarial que encontra formas de cada vez mais racionalizar-se e adaptar-se ao mercado exigente. Essa racionalização tem na agricultura familiar e nos trabalhadores assalariados o pilar de sustentação para continuidade de estratégias de mercado. Apesar disso, há a persistência das agriculturas alternativas com a agroecologia enquanto alternativa para um viés agrícola tendo os agricultores familiares agroecológicos como protagonistas, mesmo que limitados de seus ideários produtivos e político-sociais, com necessidade de maiores investimentos em políticas públicas que tenha a agricultura familiar como carro-chefe para impulsionar o desenvolvimento rural no Brasil.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste**: Contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 6º ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1998.
- ALTIERI, Miguel. **Agroecologia**. A Dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 5. Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- ALVES, Eliseu; ELISIO CONTINI, Elisio; HAINZELIN, Étienne. Transformações da Agricultura Brasileira e Pesquisa Agropecuária. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 22, n. 1, p. 37-51, jan./abr. 2005.
- BATISTA, Maria do Carmo Lima. et al. **Políticas Públicas para a Promoção da Agricultura Familiar e Orgânica**. Disponível em: <http://www.meioambientepocos.com.br/anais-2017/trabalhos/313.%20POL>. Acesso em: 13 set. 2017.
- BELLEZA, Cynthia Sims. **Clube dos Produtores e a percepção dos agricultores no território da Borborema, PB** - uma análise de conteúdo sobre acesso a mercados e responsabilidade socioambiental. 2014. Dissertação de Mestrado. Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília. Brasília, 2014.
- BRANDENBURG, A. Movimento agroecológico: trajetória, contradições e perspectiva. In: **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 1, n. 6, p. 11-28, jul./dez. 2002.
- BRASIL. **Lei nº 10831**, de 23 de dezembro de 2003, dispõe sobre a agricultura orgânica. <https://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 15 set. 2017.
- BRASIL. Agroecologia colocada em prática. Disponível em: <http://www.agriverdes.com.br/biblioteca/biblioteca/Agroecologia/Cartilhas%20de%20Agroecologia/Agroecologia%20colocada%20em%20prática.pdf>. 2008. Acesso em: 15 maio 2018.
- CAMARGO, Regina Aparecida Leite de. **Agricultura Familiar e ruralidade em Ouro FinoMG**. 2010. Tese de Doutorado (Doutorado em Engenharia Agrícola) Universidade Estadual de Campinas - Faculdade de Engenharia Agrícola, Campinas, SP. 2010.
- CARNEIRO, M. J. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 53-75, out. 1998.
- CARVALHO, Cynthia Xavier de. **Agroecologia, movimento social e campesinato no Agreste da Paraíba**. 2008. Tese de doutorado. Universidade Federal da Paraíba / Universidade Federal de Campina Grande. João Pessoa, 2008.
- CASTRO, I. E; GOMES, P. C. C.; CORREA, R. L. (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010.
- COMUNELLO, Felipe José. Movimentos Sociais, Agroecologia e Circuitos no Capitalismo. **RURIS**, v 6, n. 1, mar. 2012.
- CORREA, R. **A construção social do mercado de sementes agroecológicas na Região Sul do Rio Grande do Sul e o papel do Estado**. 2015. Dissertação de mestrado (Mestrado em

Sociologia). Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, da Universidade Federal de Pelotas, 2015.

DELGADO, Guilherme Costa; BERGAMASCO, Sonia Maria Pessoa Pereira (orgs.) **Agricultura familiar brasileira: desafios e perspectivas de futuro**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2017.

DIAS, Valéria Da Veiga. et. al. O mercado de alimentos orgânicos: Um panorama quantitativo e qualitativo das publicações internacionais. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. XVIII, n.1, p. 161-182. jan.-mar. 2015.

ESCOLA, R.; LAFORGA, G. O mercado de produtos orgânicos: abordagem da produção orgânica no município de Itápolis. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 45. 2010. Campo Grande – MS. **Anais eletrônicos...** Campo Grande: SOBER, 2010.

FINATTO, R. A. Redes de Agroecologia e Produção Orgânica na Região Sul do Brasil. **R. Ra'e Ga**, Curitiba, v. 38, p. 107-145, Dez. 2016.

GERHARDT, H. C; ALMEIDA, JALCIONE. A dialética dos campos sociais na interpretação da problemática ambiental. **Ambiente & Sociedade**, v. VIII, n. 2, jul./dez. 2005.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade-**. São Paulo. 1991

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social: Atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

GOMES, Ramonildes Aves; MAIA, Kaliane de Freitas. TRAÇOS DA MODERNIZAÇÃO NO SERTÃO: o empresário rural como um novo ator. **Revista de Ciências Sociais**, v.1, n 45, p. 105-122, Jul.-Dez. 2016.

GUZMÁN, Eduardo Sevilla. A perspectiva sociológica em Agroecologia: uma sistematização de seus métodos e técnicas. **Revista de Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v.3, n.1, p. 18-28, jan./mar.2002.

\_\_\_\_\_; MOLINA, Manuel González. **Sobre a Evolução do conceito de campesinato**. São Paulo: Expressão Popular, 2005

HAESBERT, Rogério. Entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, Iná Elias de.; GOMES; Paulo Cesar da Costa; CORREA, Roberto Lobato. (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro, Bertrand. 2010.

JÚNIOR, Edmilson Lopes. As potencialidades analíticas da Nova Sociologia Econômica. **Soc. Estado**. Brasília, v.17, n.1, Jan./Jun. 2002.

LEFF, Henrique. Agroecologia e Saber Natural. **Agroecologia e Desenvolvimento rural Sustentável**, Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar.2002.

LIMA, Aline Barboza de. **Camponeses e feiras agroecológicas na Paraíba**. 2017. 413f. Tese de Doutorado (Doutorado em Geografia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

\_\_\_\_\_. **Assentamento Apasa – PB: a agroecologia na construção de novas territorialidades**. 2008. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Geografia), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

LOPES, Paulo Rogério & LOPES Keila Cássia Santos Araújo. Sistemas de produção de base ecológica – a busca por um desenvolvimento rural sustentável. **REDD – Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, Araraquara, v. 4, n. 1, jul/dez. 2011.

MALAGODI, E. A. **Propriedade fundiária e campesinato**. Um estudo de Smith, Ricardo e Marx. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1998.

MARIANO NETO, B. **Abordagem territorial e enfoques agroecológicos no Agreste/Brejo paraibano: desenhos, arranjos e relações**. 2006. Tese de Doutorado (Doutorado em Sociologia), Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2006.

MARTINS, José de S. **Os camponeses e a política no Brasil**. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

MATIAS, Thiago Lima. **Atores em rede na promoção da Agroecologia: um estudo das feiras agroecológicas da Microrregião de Campina Grande-PB**. 2016. Dissertação de mestrado (Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade Estadual da Paraíba) Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2016.

MEDEIROS, Jorge França da Silva. **As feiras livres em Belém (PA): Dimensão Geográfica e Existência Cotidiana**. 2010. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

MEIRA, Suzana Gotardo de; CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessôa. A organização de produtores nos municípios de Francisco Beltrão e de Verê – PR para a comercialização de alimentos orgânicos. **Revista de Geografia (UFPE), Recife**, v. 28, n. 1. Jan. 2013.

\_\_\_\_\_. **Intencionalidades, Territorialidades e Temporalidades da Agroecologia e da Cultura Orgânica em Itaperaja d'Oeste, Salto do Lontra e Verê: Sudoeste do Paraná**. 2013. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Geografia) – Unioeste, Francisco Beltrão-PR, 2013.

MOREIRA, E. R. F. Processo de Ocupação do Espaço Agrário Paraibano. **Textos UFPB**, Joao Pessoa, n. 24, set. 1990.

MOREIRA, Emilia; TARGINO, Ivan. Estruturação do território municipal paraibano: na busca das origens. In: **Cadernos do Logepa**. João Pessoa, v. 2, n. 1, p. 81-93, jul./dez. 2003.

MOREIRA, Rodrigo Machado. **Da hegemonia do agronegócio à heterogeneidade restauradora da agroecologia: estratégias de fortalecimento da transição agroecológica na agricultura familiar camponesa do Programa de Extensão Rural Agroecológica de Botucatu e Região – Progera**, São Paulo, Brasil. 2011. Tese de Doutorado (Doctorado en Agroecología, Sociologia y Desarrollo Rural Sostenible) - ISEC-ETSIAN, Universidad de Córdoba, España, 2011.



NIEDERLE P. A.; ALMEIDA, L.; e VEZZANI, F. M. (org) **Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura**. Curitiba: Kairós, 2013.

NOVAES, H; DAGNINO, R. **O fetiche da Tecnologia**. 2004. Disponível em <http://revistas.marilia.unesp.br>, 2004. Acesso em: 03 Abr. 2017.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo de produção capitalista, agricultura e reforma agrária**. FFLC: São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. **Modo de produção capitalista, agricultura e reforma agrária**. FFLC: São Paulo, 2005.

PAULA, Nilson M. de. Pequenas e médias empresas na indústria agroalimentar. In: MALUF, Renato Sergio; WILKINSON, Jonh (Org.). **Reestruturação do sistema agroalimentar: questões metodológicas e de pesquisa**. Rio de Janeiro: REDCAPA, 1999.

PAULINO, Jonatta Sousa. **O campo científico e a Agroecologia no Brasil: atores, discursos e políticas públicas**. 2016. Tese de doutorado (Doutorado em Ciências Sociais UFCG). Campina Grande. 2016.

PAULINO, E. T. **Terra e território: a questão camponesa no capitalismo**. São Paulo. Expressão Popular. 2010.

PETERSEN, Paulo. Agroecologia e a Superação do Paradigma da Modernização. In: NIEDERLE P. A.; ALMEIDA, L.; e VEZZANI, F. M. (Org.) **Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura**. Curitiba: Kairós, 2013.

\_\_\_\_\_; SILVEIRA, L. **Construção do conhecimento agroecológico em redes de agricultores-experimentadores: a experiência da assessoria do Pólo Sindical da Borborema**. Rio de Janeiro: Articulação Nacional de Agroecologia, 2007.

PIANA, Maria Cristina. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional**. São Paulo: UNESP, 2009.

PINHEIRO, Keren Hapuque. **Produtos orgânicos e certificação: o estudo desse processo em uma associação de produtores do município de Palmeira – PR.2012**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Programa de PósGraduação em Engenharia de Produção. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa, 2012.

PLOEG, Jan Douwe Van der. Mercados aninhados recém-criados: uma introdução teórica. In: MARQUES, Flavia Charão, CONTERATO Marcelo Antônio e SCHNEIDER, Sergio. **Construção de Mercados e Agricultura Familiar: Desafios para o Desenvolvimento Rural**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

PONTE, Karina Furini da. (Re) Pensando o Conceito do Rural. **REVISTA NERA**, São Paulo, v. 7, n. 4, jan./jun. 2006.

RUIZ, Eliziane Nicolodi Francescato et al. Imagens de uma ruralidade: Elementos do substrato social de constituição de um cotidiano. **Revista Iluminuras**, Porto Alegre. v. 17, n. 41, p.4479, jan/jun. 2016.

SABOURIN, Eric. **Camponeses do Brasil: entre a troca mercantil e a reciprocidade**. Tradução de Leonardo Milani. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. 336 p.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SANTOS, Thiago Araújo. **Agroecologia Como Prática Social: Feiras Agroecológicas e Insubordinação Camponesa na Paraíba**. Dissertação de mestrado (Mestrado em Geografia Humana). Universidade de São Paulo (USP), São Paulo -SP, 2010.

SAQUET, Marcos Aurélio. Agricultura camponesa e práticas (agro) ecológicas. Abordagem territorial histórico-crítica, relacional e pluridimensional. **Mercator**, Fortaleza, v. 13, n. 2, p. 125-143, mai./ago. 2014.

SAUER, Sérgio; TUBINO, N. A sustentação financeira de organizações do patronato rural brasileiro. **Revista NERA (UNESP)**, v. 11, p. 131-148, 2008.

SCHNEIDER, Sergio. Situando o desenvolvimento rural no Brasil: o contexto e as questões em debate. **Revista de Economia Política**, v. 30, n 3, pp. 511-531, jul./set.2011.

\_\_\_\_\_. Mercados e Agricultura Familiar. In: MARQUES, Flavia Charão, CONTERATO Marcelo Antônio e SCHNEIDER, Sergio. **Construção de Mercados e Agricultura Familiar: Desafios para o Desenvolvimento Rural**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

\_\_\_\_\_. GAZOLLA, Marcio. (Org.). **As Atores do Desenvolvimento Rural: Perspectivas Teóricas e Práticas Sociais**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2011.

SILVA, José Graziano da. **O que é questão agrária**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. O Novo Rural Brasileiro. **Revista Nova Economia**, Belo Horizonte, v 7, n., p.43-81, maio.1997.

SILVA, Pablo Melquisedeque Souza e. **Campesinato, agroecologia e convivência com o semiárido em Solânea-PB**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Geografia), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SILVEIRA, Paulo Roberto Cardoso da. **Conflitos e Desafios na Comercialização de Produtos Orgânicos nas Grandes Redes de Supermercados: O Caso dos Processados Orgânicos no Rio Grande do Sul**. 2009. Disponível em: (<http://www.sober.org.br/palestra/13/1035.pdf>).(Acesso em: 12 fev 2017)

SOUSA, Davi Stefani; PEREIRA, Walter Esfrain. Atividade agrícola do Brejo Paraibano: Declínio e tendências atuais. **Revista Brasileira de Agropecuária Sustentável (RBAS)**, v.6, n.3, p.11-20, Set. 2016.

SOUZA, J.Z.C. **Comércio solidário na prática do núcleo litoral solidário da rede ecovida de agroecologia**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural). Porto Alegre: UFRGS, 2008.

THOMAZ JUNIOR, Antônio. **A territorialização do Monopólio: as agroindústrias canavieiras em Jaboticabal.** 1998. Dissertação de mestrado (Mestrado em Geografia), Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1998.

TORRES, Pedro Antonio Gaddo. **Agroecologia e Agricultura Familiar: Mais do que a mudança na base produtiva o desenvolvimento de uma visão empresarial pelo pequeno agricultor. O caso de Dom Pedro de Alcântara (RS).**2008. Trabalho de Conclusão de curso (Geografia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

VEIGA, J. E. Nascimento de outra ruralidade. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 57, p. 333-353, 2006.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **A sociologia rural na América Latina: produção de conhecimento e compromisso com a sociedade.** Disponível em: <http://www.alasru.org/wp-content/uploads/2011/06/Nazareth-Wanderlei.pdf>.

\_\_\_\_\_. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas: o rural como espaço singular e ator coletivo. **Estudos Sociedade Agricultura**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 87-145, out. 2000.

WILKINSON, J. **Mercados, redes e valores: o novo mundo da agricultura familiar.** Porto Alegre: Editora da UFRGS: Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, 2008.

\_\_\_\_\_, J. Os mercados não vêm mais do “Mercado”. In: MARQUES, Flavia Charão, CONTERATO Marcelo Antônio e SCHNEIDER, Sergio. **Construção de Mercados e Agricultura Familiar: Desafios para o Desenvolvimento Rural.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

ZAOUAL, Hassan. **Nova Economia das Iniciativas Locais: uma introdução ao pensamento pós-global.** Rio de Janeiro: DP&A; COPPE/UFRJ, 2006.

#### **Sites acessados e mencionados:**

<https://www.ibge.gov.br/>(Acesso em: 18 ago. 2017)

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.831.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.831.htm) (Acesso em: 20 ago. 2017)

<http://amazonia.org.br/2018/06/agricultura-familiar-do-brasil-e-8a-maior-produtora-de-alimentos-do-mundo/>. 2018. (Acesso em: 22 jun. 2018)

<http://www.incra.gov.br> (acesso: 14 ago. 2017)

<http://www.incra.gov.br>. (Acesso: 14 ago. 2017)

<http://cidades.ibge.gov.br> . (Acesso em: 23 ago. 2017)

<http://www.oiabrazil.com.br>. (Acesso em: 18 ago. 2017)

<http://www.dicionarioinformal.com.br/feira+de+mangaio/> (Acesso em: 20 mai. 2017)

<http://planetaorganico.com.br/site/index.php/certificadora-ecocert/>. (Acesso em: 17 Mai 2017)

<https://www.paripassu.com.br> . (Acesso em: 18 ago. 2017)

<http://www.abrasnet.com.br/abras>. (Acesso em: 19 ago. 2017).

<http://abras.com.br/rama> . (Acesso em: 18 ago. 2017)

<http://www.abras.com.br/supermercadosustentavel/noticias/rama-programa-de-rastreamento-emonitoramento-de-agrotoxicos> .(Acesso em: 18 ago. 2017)

<http://planetaorganico.com.br/site/index.php/certificadora-ecocert/>. (Acesso em: 17 mai. 2017)

[http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/17\\_07\\_18\\_14\\_41\\_42\\_compendio.pdf](http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/17_07_18_14_41_42_compendio.pdf). (Acesso em: 21 fev. 2018)

<http://www.fnde.gov.br/programas/pnae>. (Acesso em: 21 fev. 2018)

<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/sustentabilidade/organicos>. (Acesso em: 27 abr. 2018)

<https://www.letras.mus.br/chico-antonio/agricultura-familiar/>. (Acesso em: 14 jun.2018)